



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**ASCESE EXTRAMUNDANA *VERSUS* ASCESE INTRAMUNDANA NO
CATOLICISMO CONTEMPORÂNEO: Elementos da teodicéia e das experiências
partilhadas por membros de Vida e Aliança da Comunidade Shalom, em Campina Grande/PB**

MORGANNA MAYARAH SILVA MONTEIRO LIMA

Campina Grande/PB
2019

MORGANNA MAYARAH SILVA MONTEIRO LIMA

**ASCESE EXTRAMUNDANA *VERSUS* ASCESE INTRAMUNDANA NO CATOLICISMO
CONTEMPORÂNEO: Elementos da teodicéia e das experiências partilhadas por membros de Vida e
Aliança da Comunidade Shalom, em Campina Grande/PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, Linha de Pesquisa Cultura e Identidades, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientação: Lemuel Dourado Guerra

Campina Grande/PB
2019

L732a Lima, Morganna Mayarah Silva Monteiro.

Ascese extramundana versus ascese intramundana no catolicismo contemporâneo: elementos da teodicéia e das experiências partilhadas por membros de Vida e Aliança da Comunidade Shalom, em Campina Grande/PB / Morganna Mayarah Silva Monteiro Lima. – Campina Grande, 2019.

97 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra".

Referências.

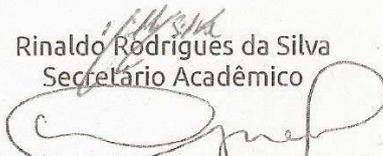
1. Novas Comunidades Católicas. 2. Modelos Weberianos de Ascese. 3. Comunidade de Vida e Aliança Shalom. I. Guerra, Lemuel Dourado. II. Título.

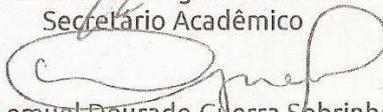
CDU 279.127(043)

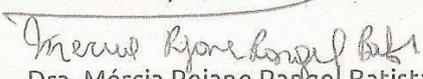
Ata da 379ª Sessão Pública de defesa de Dissertação de Mestrado da aluna Morganna Mayarah Silva Monteiro Lima do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

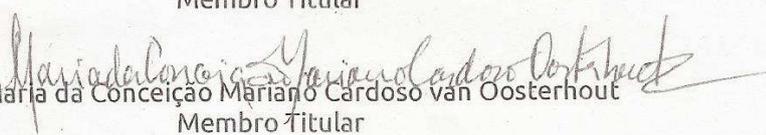
Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezenove, às 10:00 horas, no Auditório Fábio Freitas – CH/UFCG, campus de Campina Grande, reuniu-se, na forma e termos dos artigos 63, 64 e 65 do Regulamento Geral dos Cursos e Programas de Pós-Graduação “*Stricto Sensu*” da UFCG, Resolução nº 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG, a Banca Examinadora, composta pelos professores: Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho – PPGCS/UFCG, na qualidade de Orientador e Presidente da Banca, Dra. Mércia Rejane Rangel Batista – PPGCS/UFCG, como examinadora interna e Dra. Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout – UACS/UFCG, como examinadora externa, todos na qualidade de Membros Titulares, para julgamento da Dissertação de Mestrado da aluna Morganna Mayarah Silva Monteiro Lima, intitulada “*Ascese Extramundana versus Ascese Intramundana no Catolicismo Contemporâneo*”. A sessão pública foi aberta pelo professor Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho. Após a apresentação dos integrantes da Banca Examinadora, a candidata iniciou a exposição do seu trabalho, sendo este seguido das arguições dos examinadores. O professor Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho convidou a professora Dra. Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout para iniciar a arguição e a professora Dra. Mércia Rejane Rangel Batista prosseguiu com a arguição. Em seguida, a banca examinadora solicitou a retirada da assembleia para, em sessão secreta, avaliar a candidata. Após análise da Banca Examinadora foi atribuído o conceito APROVADA, conforme o artigo 65 da Resolução 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG. Nada mais havendo a tratar, eu, Rinaldo Rodrigues da Silva, Secretário acadêmico, lavrei a presente Ata que, lida e aprovada, assino, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Campina Grande, 26 de fevereiro de 2019


Rinaldo Rodrigues da Silva
Secretário Acadêmico


Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho
Orientador/Presidente da Banca


Dra. Mércia Rejane Rangel Batista
Membro Titular


Dra. Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout
Membro Titular


Morganna Mayarah Silva Monteiro Lima
Aluna

AGRADECIMENTOS

A princípio, agradeço a Deus do qual tirei força e paciência para continuar quando já estava muito cansada. Aos meus pais e irmãos, que me apoiaram nesse processo e nas etapas da minha vida. Aos meus amigos e familiares, pela paciência de aguentar a minha ausência por tanto tempo.

Agradeço ao meu orientador o professor Dr. Lemuel Guerra Sobrinho. Pela sua dedicação, paciência e cuidado que me dedicou durante esse processo de pesquisa e escrita da Dissertação. Pessoa que admiro enquanto profissional, sempre com o seu bom humor contagiante, dedicado e comprometido com o conhecimento e o compartilhamento de seus saberes com os seus orientandos e alunos.

Agradeço em especial, às professoras Drs. examinadoras Mércia Rejane Batista e Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout, que acompanharam os momentos de defesa do projeto, da qualificação, contribuindo com suas observações, aconselhamentos e críticas construtivas fazendo agora parte da defesa final da Dissertação. Muito Obrigada!

Aos professores do programa de Mestrado, suas aulas e seus ensinamentos contribuíram para o meu crescimento intelectual, profissional e pessoal, me fizeram evoluir enquanto aluna e futura professora. Sabendo que essa é apenas uma parte da caminhada, pois creio que o aprendizado está sempre em evolução. Agradeço a todos os profissionais do curso que passaram na minha vida durante essa minha formação.

Agradeço a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior, por ter financiado a pesquisa. Agradeço também a Comunidade Shalom pela cordialidade e contribuição com a pesquisa.

E a todas as demais pessoas que de alguma forma contribuíram seja com palavras ou com atitudes, para que eu finalizasse mais essa etapa na minha vida. Muito Obrigada!

RESUMO

O objetivo desta Dissertação é discutir os tipos de ascese – intra e extramundana – no catolicismo contemporâneo, a partir do estudo de narrativas sobre as teodicéias e significados das experiências de prática do catolicismo construídas por membros de Vida e Aliança da Comunidade Católica Shalom, especificamente na missão de Campina Grande. Tal organização é fruto do surgimento das Novas Comunidades, no âmbito da Renovação Carismática Católica, a partir da década de 1980 no Brasil. Observa-se nessas comunidades uma replicação dos modelos de ação e ética, que se aproximam do padrão de ascese intramundana dos protestantes, como discutido em termos típico-ideais por Weber, como também o modelo de ascese extramundana de forma moderada. A partir de uma pesquisa qualitativa, esse estudo buscou por um lado, respostas sobre as experiências ascéticas dos membros da comunidade selecionada para entender os modelos de ‘separação do mundo’ no catolicismo contemporâneo, comparando também as duas formas de vivências no interior de uma mesma comunidade. Foram realizadas visitas, acompanhamento e observações de alguns de seus principais rituais e atividades, como também, conversas e entrevistas com membros/participantes da referida comunidade. Dentre as principais percepções se destacam as seguintes: (1) As comunidades de Vida e Aliança em geral e a Shalom especificamente são uma adaptação do catolicismo às pressões atuais do campo religioso brasileiro; (2) os laços de pertencimento à Comunidade de Vida e Aliança Shalom se baseiam no desempenho de funções específicas dos indivíduos na comunidade; e (3) a autopercepção e a vivência do ascetismo shalomita replica os observados em modelos de religiosidade do subcampo dos evangélicos.

Palavras-chave: Novas Comunidades Católicas; Modelos weberianos de ascese; Comunidade de Vida e Aliança Shalom.

ABSTRACT

The aim of this Dissertation is to discuss the theme of the types of asceticism – Intra and Extramundana – in contemporary Catholicism, from the study of narratives about the theodicy and meanings of the experiences of practice of Catholicism built by members of Life and Alliance of the Catholic Community Shalom, specifically in the mission of Campina Grande. This organization is the result of the emergence of the new communities, in the context of the Catholic Charismatic Renewal, from the decade of 1980 in Brazil. It is observed in these communities a replication of the models of action and ethics, approaching the pattern of Intramundanascesis of Protestants, as discussed in typical terms-ideal by Weber, as well as the model of Extramundanascesis in a moderate manner. From a qualitative research, we seek on the one hand, answers about the ascetic experiences of the members of the selected community to understand the models of ' separation of the world ' in contemporary Catholicism, comparing also the two forms of Experiences within the same community. Visits, follow-up and observations of some of its main rituals were carried out, as well as conversations and interviews with members/participants of the aforementioned community. Among the main perceptions of the work, we highlight the following: (1) existed over time an adaptation of Catholicism to the needs of modernity; (2) The community exercise contributes to the permanence of members in the community; and (3) the self-perception and experience of asceticism undergo varying degrees of dedication.

Keywords: New Catholic Communities; Models weberianos of asceticism; Community of Life and Alliance.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – CCVAS Por Continentes e Países no Mundo	40
QUADRO II – A CCVAS no Brasil	42
QUADRO III – Rotina diária da CV em Tempos Comuns	54

LISTA DE GRAFICOS E MAPA

Mapa da Presença da Comunidade Católica Shalom no planeta.....	40
Gráfico I: Missões da CCS por Regiões no Brasil	45
Gráfico II: Casas da CV Shalom no Brasil por Regiões	46
Gráfico III: A Missão Shalom no Nordeste	46
Gráfico IV: Casas da CV Shalom no Nordeste	46

LISTA DE SIGLAS

CA - Comunidade de Aliança

CV - Comunidade de Vida

CCVAS - Comunidade Católica de Vida e Aliança Shalom

CNs - Comunidades Novas

RCC - Renovação Carismática Católica

SUMÁRIO

Introdução, 10

CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA, REVISÃO DA LITERATURA E ABRANGÊNCIA DA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM, 14

- 1.1 Questões metodológicas: a inserção no campo, 14
- 1.2 A modernização do catolicismo, 18
- 1.3 A categorização da conduta religiosa, 21
- 1.4 O catolicismo e a ascese, 23
- 1.5 O conceito weberiano de vocação, 27
- 1.6 Extramundanismo e intramundanismo na CCVAShalom, 30
- 1.7 As duas fontes da concepção da CCVAS, 32
- 1.8 O sentido de comunidade e sua objetivação na CCVAShalom, 33
- 1.9 O ser Jovem na CCVAS, 36
- 1.10 A história da CCVAS, 38
- 1.11 A Difusão da CCVA Shalom no Brasil no campo digital e informacional, 47

CAPÍTULO 2 - A CCVA SHALOM DE CAMPINA GRANDE: Os modelos de ascetismo e as experiências dos seus membros, 50

- 2.1 O Nascimento da CCVA Shalom em Campina Grande, 50
- 2.2 A Rotina da CCVA Shalom na Cidade, 51
- 2.3 Etapas de Formação dos Membros da CCVA Shalom, 54
- 2.4 O TAU, 60
- 2.5 O Acesso e a Vivência dos Conselhos/Princípios/Votos na Shalom, 62
- 2.6 O Formador Pessoal e Comunitário *Versus* o Acompanhador Vocacional, 65
- 2.7 Os 'Estados de vida Shalom', 66
- 2.8 Análise das entrevistas: Experiências e perspectivas dos membros da CCVAS, 68

Considerações finais, 86

Referências, 89

Anexos, 91

Introdução

Esse trabalho tem por objetivo discutir as formas de vivências ascéticas no catolicismo contemporâneo, através do estudo da Missão da Comunidade Católica Shalom em Campina Grande/PB. Analisamos as experiências ascéticas conforme vividas e valorizadas pelos membros de tal comunidade, tendo como inspiração teórica a conceituação e discussão de Weber (2004) sobre os modelos de ‘ascese extramundana’ e ‘ascese intramundana’. Agregamos à discussão do *modus operandi* desses modelos na referida comunidade as contribuições de Foucault (2010), o entendimento de Bauman (2003) sobre comunidade, além de levar em consideração a literatura socioantropológica sobre as Comunidades Católicas de Vida e Aliança - CCVA em geral e especificamente no que se refere à CCVA Shalom.

Apresentamos um levantamento das formas de organização, rotinas e práticas cotidianas dos adeptos da CCVAS, bem como análises de narrativas sobre suas experiências e processos de inclusão nela, mais especificamente sobre a procura do descobrimento vocacional Shalom, o que implica focalizar processos de construção de identidades sociais de membros da comunidade a partir dos seus pertencimentos em relação a ela desenvolvidos.

Nosso estudo tem um caráter qualitativo, buscando entender as formas de vida comunitária em torno de concepções shalomitas de espiritualidade, de ética e da ação dos fiéis no mundo, ao mesmo tempo em que fazemos uma pequena comparação entre as duas formas pelas quais a comunidade se subdividiu na afirmação da prática do que se definiu como sua vocação.

A comunidade Shalom é fruto do surgimento das Novas Comunidades Católicas (NCCs), que surgiram na França e nos EUA em 1970 chegando ao Brasil na década de 80, advindas com a Renovação Carismática Católica (RCC), que nasceu nos EUA em 1960 e veio ao Brasil em 1969, propondo transformações litúrgicas e institucionais na Igreja Católica, dos modos de sentir e viver o catolicismo, tendo surgido como uma das reações institucionais à crescente perda de fiéis no mercado religioso brasileiro.

Desde a colonização portuguesa, a religião católica possui uma presença marcante na sociedade brasileira. Mesmo experimentando nos últimos 40 anos um processo de perda de fiéis para outras propostas de religiosidade, segundo dados do último censo do IBGE (2010), o catolicismo ainda é a religião declarada por cerca de 64,6% dos brasileiros.

A RCC dá ênfase à participação dos ‘leigos’, a práticas místicas que inclusive replicam o oferecido em denominações evangélicas – tais como a glossolalia, a “profecia”, a

ênfase na cura e nos dons do Espírito. As reuniões da RCC enfatizam a emoção, as experiências espirituais pessoais, sendo marcadas pela música, pequenas pregações e menos tradicionalismo do que o observado nas missas.

Com a RCC, emergem com muita força a ênfase nos carismas, sendo o surgimento das Comunidades de Vida e Aliança, movimentos dos quais a Shalom faz parte dela tributário. Com a referida renovação, a hierarquia tradicional da Igreja Católica é respeitada, mas o indivíduo ‘leigo’ volta a ter proeminência no espaço institucional, como no período das Comunidades Eclesiais de Base que se expandiram em 1970 e 80 no Brasil e América Latina. No caso da CCVA Shalom, esses leigos são essencialmente jovens.

O carisma da CCVA Shalom tem os jovens como o seu principal foco, sendo uma dentre outras comunidades desse tipo que permite duas formas de participação: a participação na Comunidade de Vida (CV), definida por uma semi-reclusão dos indivíduos em relação às atividades extra-comunidade, pela abdicação de trabalhar, estudar e do convívio com a família - uma espécie de “clausura moderna”; e a outra, a participação na Comunidade de Aliança (CA), definida pela divisão das rotinas dos indivíduos entre o exercício das funções da comunidade, pautada por ‘conselhos’ ou ‘regras’ diariamente, exercendo os indivíduos um vínculo de compromisso e responsabilidade com a mesma, semelhante aos da CV, mas também vivendo ações e práticas no mundo, tais como o trabalho e o estudo, além de permanecer junto à família.

Os indivíduos da CV dividem um ambiente de moradia que também separa os shalomitas a partir do gênero, obedecendo a regulamentos de “castidade, pobreza e obediência”, o que lembra, por um lado, o modelo vivido pelos monges medievais e as freiras dos conventos ainda existentes nos tempos atuais; e por outro, trazendo a novidade da possibilidade de exercício dos estados de vida em: celibato, sacerdócio e matrimônio. O isolamento do ambiente secular, bem como as concepções de castidade, correspondem a uma ênfase à vivência do “amor esposal” para com Cristo.

No que diz respeito à utilização de roupas específicas, como faziam e fazem monges/monjas, frades/freiras de alguns conventos e ordens religiosas católicas, o ‘hábito’ sofre variações. Ele é sintetizado no ‘TAU’, carregado pelos participantes das referidas comunidades, como uma marca de sua vocação, de suas vivências, funcionando o mesmo como uma marca diacrítica em relação aos outros indivíduos da sociedade.

Para poder participar nessas duas categorias (CV e CA) os aspirantes passam por processos de “eleição”, os quais são descritos como a busca por uma escolha vocacional. A

“escolha” é de Deus para com o indivíduo, mas também do indivíduo para com o ‘chamado divino’. Tendo aceitado o ‘chamado’, os ‘eleitos’ da CV e da CA passam pelos mesmos processos, com algumas variações de tempo, até chegarem ao *status* de “membro consagrado” das referidas comunidades. O indivíduo da CA permanece em sua “Missão” de origem, enquanto o membro da CV é necessariamente transferido para outras “Missões”.

As Novas Comunidades Católicas contribuem para uma significativa reconfiguração das identidades modernas da Igreja. Nossa análise possibilita a percepção dessa diversidade identitária no catolicismo, facilitando a observação da união e adaptação no que tange a prevalência do tradicionalismo em alguns aspectos, e a adaptação à modernidade como uma necessidade referida ao cenário religioso contemporâneo.

A cristandade católica provê comunidades que, se por um lado, unem indivíduos com as mesmas crenças, por outro, propõem modos diversos de submissões do corpo e alma dos cristãos em escalas variadas. O modelo de engajamento religioso proposto pela CCVA Shalom implica na aceitação de níveis de submissão e de constantes renúncias, que se por um lado pode parecer muito altos para muitos indivíduos “de fora”, para os “de dentro” representam as escolhas mais importantes da vida, “que os fazem buscar viver do amor e para o amor do Cristo acolhedor”.

Como em outras religiões, no catolicismo moderno é possível observar a existência de modelos variados de vida ascética, com graus diversos de intensidade e moderação. Esses modelos se destinam a “ajudar a viver no mundo”, justificando comportamentos a partir da adoção de padrões éticos específicos.

Ao longo da história da humanidade, a ideia de ascese se relaciona com a experimentação de *purificação*, de *santificação* e da descoberta de conhecimentos específicos. Segundo Foucault (2010), desde a antiguidade clássica encontrou-se a concepção do homem como um ser *inacabado* e, portanto, destinado a exercitar um “trabalho sobre si” com o objetivo de se *preparar a princípio interiormente* para experiências vitais consideradas “elevadas”, sendo a ascese extramundana um dos caminhos para essa preparação especial.

A palavra *ascese* define um conjunto de métodos ou procedimentos que o indivíduo utiliza para produzir uma transformação em sua própria ‘alma’, em seu *ser mais íntimo*, no intuito de se *aperfeiçoar, qualificar a sua existência*. Na sociologia da religião a noção de ascese foi objeto de reflexão de Weber em sua interpretação da associação entre a ética protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo, sendo nela baseada a discussão que aqui fazemos sobre o caso da CCVAS, que representa uma oportunidade para observar como o catolicismo apresenta

rupturas e permanências em relação aos modelos de crença e de pertença ao longo da história, apresentando aproximações em relação aos modelos de ascese intramundana e ao de ascese extramundana.

A metodologia adotada nesse estudo consiste dos seguintes procedimentos: (1) a frequência intensa dos ambientes da CCVA Shalom em Campina Grande, com o objetivo de descrever as rotinas dos membros da CV e da CA; e (2) a realização de entrevistas com participantes dos dois tipos de comunidade. Os sujeitos para a entrevista foram sendo selecionados pela acessibilidade, durante a frequência às atividades da CCVA Shalom.

A estruturação do texto da dissertação abrange, além dessa introdução, um capítulo inicial no qual trata da metodologia utilizada, apresentando também uma revisão da literatura a respeito do catolicismo, das comunidades de Vida e Aliança e expõe a história da abrangência dessa comunidade bem como a conceituação de ascese feita por Weber.

No segundo capítulo é feito um levantamento sobre tal associação religiosa em Campina Grande/PB, formas de vivências e hábitos de seus membros, bem como seus exercícios ascéticos.

Seguem-se as considerações finais, a lista de referências e os anexos.

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA, REVISÃO DA LITERATURA E ABRANGÊNCIA DA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM

1.1 Questões Metodológicas: A Inserção no Campo

No trabalho de campo para a dissertação foi realizado de início um primeiro contato direto do pesquisador com o campo de estudo com a intenção de adquirir conhecimentos a respeito do local, juntamente com a percepção de seu funcionamento e os modos de acessibilidade aos membros da Comunidade Católica Shalom de Campina Grande CCVAS/CG.

A princípio, o interesse por estudar a ascese no catolicismo contemporâneo, partiu da inquietude em dar explicações para realidades existentes dentro da diversidade católica atual, sendo nosso objetivo entender a sobrevivência do ascetismo extramundano radical praticado no Convento das Clarissas, no qual se impõe a clausura. Com as dificuldades de acesso encontradas, resolvemos por estudar as formas de ascese intra e extramundana representadas duplamente pelas CCVA, escolhendo pela proximidade e acessibilidade através do orientador do trabalho, a CCVAS.

Embora o catolicismo possua uma religiosidade de cunho tradicional, exercida disciplinarmente por sujeitos que o legitimam legal e intencionalmente, ele também tem atravessado transformações marcantes em seu interior, apresentando-se na contemporaneidade com uma amplitude significativa de perfis, inclusive o marcado pelos carismas e pela centralidade dos dons do Espírito Santo, nos moldes do pentecostalismo evangélico.

Ao longo de sua história, o catolicismo modificou sua organização e vivências da crença, para se adaptar a modernidade e atender às demandas da passagem do tempo e das transformações nas sociedades envolventes. No cenário do catolicismo nacional são marcantes as Comunidades de Vida e Aliança de vários tipos com modelos de pertencimento e de ascetismo próprios.

Em um primeiro contato com a Comunidade Católica de Vida e Aliança Shalom – CCVAS – para o início do levantamento de dados encontrei um rapaz que tinha pouco tempo de comunidade. Ele foi simpático e receptivo, conversou pouco e me direcionou a outro que considerava saber ‘explicar melhor’ as ‘coisas ali’, pensando talvez que eu teria a intenção de fazer uma entrevista formal, o que ainda não era o caso; ou por questão mesmo de timidez visto que era alguém diferente, sem ‘intenções religiosas’ junto à comunidade, mas de pesquisa. Em seguida, veio uma moça e se juntou a conversa. Ambos foram bastante cordiais.

No encontro com o jovem indicado, repeti minhas intenções, explicando a pesquisa, buscando informá-lo das minhas finalidades e da importância do trabalho, ao mesmo tempo em que tentava perceber a possibilidade de espaço e aceitação para a execução da mesma. Ele ficou atento e também fez algumas perguntas para entender melhor a pesquisa e o que eu buscava com ela. Ele se mostrou disponível naquele momento para conversar, satisfazendo as minhas necessidades iniciais de conhecimento sobre a CCVAS, sua missão, seu carisma. Posteriormente, me mostrou todo o Centro Evangelizador, esclarecendo a utilidade de cada compartimento do local e como era utilizado.

No ambiente percorrido nesse primeiro contato havia poucas pessoas, todos da Comunidade de Aliança, pois os membros da Comunidade de Vida estavam em viagem de férias coletivas, no distrito de Jacumã, no Conde-PB e só retornariam na semana seguinte. Depois soube que os membros da CV têm o direito a 60 dias de férias, sendo 30 dias de férias coletivas e 30 de férias pessoais, as quais são divididas e planejadas no início de cada ano.

Durante a semana então, permaneciam no Centro Evangelizador de três a quatro indivíduos da CA. A equipe de 4 se revezava, de modo que durante todo o dia e o final da noite sempre ficasse alguém no local, assim como na capela do Centro Evangelizador. Dentro dessa localidade, existe uma capela, com uma grande imagem de Cristo e a recomendação é para nunca deixar o Cristo sozinho, de modo que sempre haja alguém exercendo suas orações nesse interior. Existe ao lado da capela um quadro, especificando os horários e as pessoas que acordaram ficar lá, sejam da CV ou CA. Normalmente cada pessoa permanece por uma hora, fazendo suas orações em silêncio.

Esse jovem ao qual eu tive mais acesso durante a semana, já estava na missão de Campina Grande acerca de cinco anos. Antes ele era da missão Shalom de Fortaleza- CE, sua cidade natal, e pediu transferência porque passou a estudar em Campina Grande e a morar na mesma. Em uma conversa, uma espécie de entrevista não formal, ele revelou a sua convicção em relação a sua vocação, sentindo-se responsável e acolhido em relação a ela. Também expressou orgulho por conseguir viver ‘no mundo, enfrentando todas as tentações’, e o rejeitando, em nome de um bem maior, ‘o cumprimento de sua missão, seu papel enquanto católico e shalomita’.

Ao mostrar a foto do fundador (Moisés Louro) e da co-fundadora (Maria Emmir) em um retrato numa das salas do centro evangelizador, ele deixa transparecer a sua grande admiração pelos mesmos, sentindo-se parte deles e de certa forma fruto de sua ação principal

que foi por em prática o carisma que Cristo lhes deu: o de gerar uma enorme comunidade de shaloms.

Na semana seguinte, encontrei alguns membros da CV, retornados da viagem de férias coletivas. Foi então que consegui acesso a eles, iniciando vínculos amistosos, passando a questionar, fazer perguntas sobre suas rotinas e *modus operandi* da comunidade, como também passei a frequentar muitos de seus rituais, com objetivos de conhecer e interpretar seus significados.

Questionados sobre os momentos no qual eu poderia encontrá-los para entender melhor suas rotinas e identidade, fui informada que os momentos corretos seriam de tarde e de noite, no Centro Evangelizador, visto que eles têm uma rotina muito ordenada e não estariam à disposição todo o tempo. Assim sendo, passei a frequentar o local duas ou três vezes por semana durante cerca de 6 meses ao todo, nos tempos definidos por eles como ‘normais’, ou seja, nos quais eles não estavam em retiro, acampamento, ou outras atividades fora da cidade.

Além de observações e frequências a alguns de seus principais rituais, conversações, entrevistas não formais, foram realizadas também entrevistas diretas, estruturadas e indiretas. Foram questionários com perguntas objetiva aos participantes de cada grupo de vivência comunitária (CV e CA). Para as entrevistas, elaborei roteiros de perguntas específicos para cada grupo acima citado, com 21 questões. No questionário objetivo e estruturado, foram realizadas 26 perguntas aos membros da Comunidade de Aliança e 18 para os da Comunidade de Vida.

Nos questionários objetivos, foram realizadas perguntas curtas e diretas com a intenção de se produzir um perfil social dos membros da CCVAS. Já nas perguntas das entrevistas diretas, nas quais existia espaço para o diálogo, foram realizados questionamentos com a intenção de entender a posição do indivíduo no grupo, sua origem, seus modos de pertencimento à CCVAS, ideais ascéticos, percepções individuais a respeito da comunidade em geral, modos de adaptação e contribuição à comunidade.

Eventualmente, ocorreu de início uma pequena inclinação ao esquivamento de alguns dos membros, pela timidez ou pelo pouco conhecimento dos motivos da realização da pesquisa, ou pelo receio diante da pesquisadora.

Para as entrevistas os indivíduos foram selecionados pela sua acessibilidade. Os membros que eu ia encontrando nos momentos em que eu estava lá e que aceitavam conversar, ou se dispunham a marcar entrevistas, foram compondo o grupo dos informantes

com o qual trabalhei. Após cada entrevista, uns iam chamando os outros que estavam menos atarefados no momento, o que facilitou a aceitação para participar da coleta de dados. Com a permissão dos mesmos, as entrevistas foram gravadas através do celular e depois transcritas para a análise.

O que pode ter facilitado o processo é o fato de que os membros da CCVAS são orientados ‘sempre a acolher’, visto que ‘como cristãos, devem tentar evangelizar aqueles que são ‘diferentes’.

Logo nas primeiras visitas fui convidada a participar de alguns rituais da comunidade, tais como as orações coletivas e missas direcionadas à cura das famílias. Para os rituais mais fechados, precisei obter a permissão do coordenador comunitário.

Adentrar um ambiente diferente requer também a incorporação da diferença de tal forma que o pesquisador se torne senão um igual, pelo menos um parecido, visto que a pesquisa só poderia ser realizada através da permissão dos pesquisados. Embora na base da comunidade católica exista um exercício de vivência em irmandade, em acolhimento do outro diferente, percebe-se que quando se trata do seu meio interno, o ambiente deles, dos iguais, pode existir um recuo pessoal quando o outro estranho, com objetivos diferentes adentra o seu espaço de ‘iguais’.

Fui também convidada a participar de reuniões das pastorais, as quais acontecem no Centro Evangelizador. Nelas grupos de pessoas tanto da CA quanto da CV se reúnem para louvar, cantar, trocarem informações sobre as atividades a serem realizadas pela comunidade, como também ouvir e partilhar experiências dos que já se engajaram em outras missões da CCVAS. Nessas ocasiões todos fazem anotações das informações recebidas dos líderes de cada missão e planejam as próximas ações.

Fui também direcionada para o grupo do pastoril, no qual ocorrem cantorias e danças discretas, com palmas e balanço do corpo. Nessas ocasiões todos na sala se engajam no louvor através do canto e são feitas dinâmicas nas quais cada um tinha o espaço para falar, se pronunciar. Em uma roda, o responsável pela liderança do grupo iniciou agradecendo a Cristo pelo dia, pela vida, pelo momento e desejando aos outros ‘momentos de graça’. Daí escolheu uma pessoa da ‘roda’ para lhe desejar coisas positivas a sua vida. Em seguida a pessoa escolhida fazia o mesmo e desejava a outras coisas positivas e se seguiu assim, até o último do círculo. Ao ser agraciado com palavras do bem o indivíduo dizia ‘amém’ e ‘Shalom’. A conversa entre eles é desprovida de formalidades. Todos tratam uns aos outros como alguém

da família, com bastante intimidade, pautando assuntos de cunho não apenas funcional da comunidade, como também pessoal, que por vezes se misturam.

Outro ritual importante e corriqueiro acontece no fim do dia, antes dos membros saírem para jantar. Nesse momento ocorre a oração coletiva no interior da capela, como uma forma de agradecer pelo dia. Perguntei se poderia participar desse ritual tão importante para eles, e após a aprovação do coordenador comunitário obtive permissão. Tal oração dura cerca de uma hora. Participei do ritual como se fosse uma shalomita.

Nessa oração coletiva, primeiro as pessoas entram e fazem o sinal da cruz direcionada a imagem do Cristo, depois se posicionam. Normalmente eles ficam ajoelhados no chão, voltados para a enorme imagem de Jesus Cristo que fica exposta na parede. Eles começam orando, depois passam a cantar, em seguida ‘falam em Línguas’ e logo após falam a mensagem que eles acreditam que Deus mostrou a eles naquele momento, que Deus ‘despertou neles’. Em seguida, saem da capela e se reúnem em outra sala. Nessa, cada um fala o que sentiu naquele momento do ritual.

Normalmente os sujeitos afirmam sentir muita paz presente naquele instante, entendendo que aquele era o local onde deveriam estar de verdade, onde sentiram que ‘devem se abrir mais para o amor de Cristo e o amor para com os irmãos em Cristo’. Outros revelam se sentir despertados para reflexões menos egoísta para com os outros, sentir paz e estarem mais distantes de pensamentos de orgulho, egoísmo, próprios de uma sociedade mundana.

Durante dado momento de orações na capela, uma moça da CV, pediu para rezar por mim, e com as mãos em minha cabeça ela começou a oração, pedindo que Deus me mostrasse o caminho e para me trazer para mais perto dele. Pronunciou, seguidamente, uma mensagem que conforme ela sentiu que Deus mandou para mim, afirmando que Cristo estava presente, e a vontade dele de trazer a paz espiritual individual.

A entrada na CCVAS me indicou a necessidade de refletir sobre a diversidade de modelos de catolicismo, sendo o oferecido e seguido nela uma das adaptações da catolicidade à passagem do tempo e às novas demandas que cada época coloca para a instituição. É sobre as transformações vividas pelo catolicismo que será discutido na próxima seção.

1.2 A Modernização do Catolicismo

Desde a colonização, o catolicismo se faz presente na vida de grande parte da população brasileira, constituindo-se em um dos mais significativos pilares da cultura do Brasil. Conforme estudos de Aguilar (2006), o campo religioso brasileiro passou por grandes transformações nos últimos 50 anos. O cenário religioso brasileiro sofreu modificações

radicais devidas ao crescimento das igrejas pentecostais e à emergência de novas propostas de religiosidade, o que tem se refletido em um declínio gradual da população autodeclarada católica no país.

Ainda segundo Aguilar (2006), no catolicismo brasileiro, a partir da década de 1990, emergem movimentos de leigos, os quais têm coagindo a Igreja a realizar transformações litúrgicas e institucionais.

Em termos de movimentos baseados na importância dada ao papel dos leigos na Igreja Católica, temos a partir da década de 1960 o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base, formadas em sua maioria por jovens e camponeses, as quais respondiam às demandas de uma ‘esquerda católica’, de fundamental importância no desenvolvimento da igreja nos anos subsequentes (AGUILLAR, 2006).

Conforme a compreensão de Aguilar (2006), dois aspectos na história motivaram as modificações da igreja a partir da década de 60: a ditadura militar e o concílio do vaticano II. Durante a ditadura militar brasileira, a igreja e o Estado diminuem suas relações. Nesse período, os movimentos sociais de esquerda construíram na Igreja Católica espaço para sua atuação, destacando-se os esforços de membros da hierarquia católica pela garantia dos Direitos Humanos.

Com o processo de redemocratização ocorrido no final da década de 1980, o espaço extraeclesial de ação dos movimentos sociais se reconstitui, o que provocou a diminuição da pressão dos leigos pela atuação da Igreja Católica na área política e social. A Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiásticas de Base- CEBs entram em declínio na Igreja Católica e a preocupação com os Direitos humanos perde a centralidade no catolicismo brasileiro.

Emerge a preocupação com a crescente competição que a Igreja Católica passa a enfrentar, com a emergência dos neopentecostais na década de 1980, passando a instituição a se preocupar com a perda de fiéis para os concorrentes do subcampo dos evangélicos. Nesse contexto surge a RCC, retomando a centralidade da participação dos leigos na determinação dos rumos das dinâmicas do catolicismo no Brasil, agora sob a chave da mística e das tarefas de evangelização (GUERRA, 2003).

Um fator importante na retomada da centralidade dos leigos na Igreja Católica, segundo Aguilar (2006), foi o Concílio Vaticano II. A mais importante ideia desse concílio além de modificações nos rituais e liturgias foi a atenção prioritária dada aos leigos, criando possibilidades para o crescimento da importância de sua contribuição.

Segundo Silva (2012, p. 32),

O concílio revela que havia pressão, necessidade e cobrança rumo à mudança. Nele, a própria definição de 'igreja' foi alterada. Antes a igreja era expressa pelos diversos sacerdotes que ocuparam as várias funções dentro da hierarquia católica, enquanto que os leigos possuíam uma pequena expressão dentro da sua estrutura. A partir daí oficializa-se maior autonomia leiga dentro da dinâmica da igreja.

Um dado importante para compreender o catolicismo no Brasil é a diversidade de identidades religiosas que ele abriga. Conforme Teixeira (2005, p. 16), "o catolicismo no Brasil, revela uma grande complexidade. Trata-se de um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no Brasil". Ele continua afirmando que

a plasticidade dos modos de ser católico no Brasil é expressão de uma genuinidade brasileira, caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o 'outro mundo'. (TEIXEIRA, 2005, p.17)

Com o Concílio Vaticano II e a Renovação Carismática Católica, brotam vários movimentos leigos no espaço da Igreja. Graças a esses dois fatores,

A noção de 'povo de deus' passa a remeter, não somente aos clérigos, mas aos leigos diversos, como mulheres, casais, jovens, trabalhadores *etc.* Essa inclusão não se refere apenas a uma mera participação no convívio do espaço da paróquia, mas se estende à participação ativa nas liturgias e na liderança de grupos de oração e de atividades voltadas à formação e ao apoio à família. (SILVA, 2012, p.32)

Assim como a Teologia da Libertação das CEBs, a Renovação Carismática Católica se diz um resultado do Concílio Vaticano II. Com ela nasceram os 'grupos de oração' e as Novas Comunidades Católicas (NCC), focadas em temas voltados à esfera da expressão religiosa individual e à ênfase na solução dos conflitos pessoais. Dentre as NCC destaca-se a Comunidade Católica de Vida e Aliança Shalom.

Uma característica marcante dessas NCC é a proposta de regulamentos de vida bem diferentes do observado no catolicismo nominal. Elas têm mostrado uma significativa preocupação com o estabelecimento de conjuntos de regras de conduta para os seus participantes, as quais as aproximam, em grande medida, do observado em modelos religiosos evangélicos.

1.3 A Categorização da Conduta Religiosa

Pela imbricação com a cultura brasileira envolvente, o ser católico é muitas vezes passado de pais para filhos, e muitos dos seus rituais de reza, cânticos, louvor, os seus sentidos atribuídos, permanecem os mesmos, se aproximando do que Weber define como ação social tradicional. A perda do monopólio do mercado religioso nacional, correspondente à emergência de modelos diversos alternativos de religiosidade o que tem apontado para a emergência do catolicismo de conversão ou adesão voluntária.

Diferente da vinculação cultural tradicional ao catolicismo, a escolha de fazer parte de uma CCVA implica para o sujeito a avaliação das consequências e das responsabilidades dela decorrentes. O sujeito que decide participar dessas comunidades é chamado a se comprometer com regulamentos de conduta, sendo a participação neles e em seus rituais um constante exercício subjetivo e ascético.

Para participar da CCVAS, o indivíduo precisa ter no mínimo 18 anos e capacidade para assumir responsabilidades junto à comunidade, o que aproxima sua ação do modelo weberiano de ação social racional com relação a valores (WEBER, 2004b); além desse aspecto, a participação na CCVAS possui um fim último, que é a vivência da vocação em busca da 'salvação' e do aperfeiçoamento de si e da comunidade, o que a aproxima da definição weberiana de ação racional com relação a fins.

A ação de caráter religioso é uma espécie de conduta comunitária cuja compreensão pode ser dada no interior de suas práticas, demonstrações e finalidades subjetivas dos sujeitos, isso é na significação atribuída pelos indivíduos. Para Weber (2004b), as relações em comunidade são designadas pela afeição subjetiva de pertencimento ao grupo. Por ser praticada no mundo, a ação religiosa, é um entendimento que orienta os sujeitos em suas atividades nos meios sociais. De acordo com Weber (2004b, p. 279),

A ação religiosa magicamente orientada é, ademais, precisamente em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras de experiência. (WEBER, 2004, p.279)

Na concepção weberiana, a delimitação religiosa da conduta na vida é uma das características determinantes da força da religião em outras situações sociais nas quais os sujeitos interagem. Assim, os preceitos religiosos são acomodados de acordo com as necessidades religiosas de cada meio social equivalente, moldando, ao mesmo tempo, a

maneira pela qual os indivíduos que a eles aderem terão sua conduta por eles marcada. Assim, a força da motivação religiosa das condutas dos sujeitos é particular a cada modelo de religiosidade e cada grupo social nos quais interagem os fiéis.

Nessa conjuntura, a crença surge como uma fonte de ação do sujeito, que a materializa em suas vivências, demonstrando os níveis em que partilha as éticas religiosas e as traduz em modos de expressão de sua pertença religiosa.

No seu “A ética protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo”, Weber (2004a), propõe, dentre outras contribuições teóricas, a tipificação das religiões, atribuindo um caráter não mágico às ‘religiões de salvação’, cujas preocupações são, segundo ele, extramundanas, porém capazes de gerar regulamentos para a vida intramundana. Elas possuem a finalidade de salvação a ser construída fora do mundo – o que configuraria a ascese extramundana dos mosteiros, conventos e clausuras – mas também no cotidiano dos indivíduos em suas atividades laborais e de lazer – a ascese intramundana dos comerciantes, empresários e empregados calvinistas. Tais religiões definem o mundo como um lugar da imperfeição, atravessado por conflitos e tentações às quais devem resistir os que buscam a ‘salvação’.

Ainda segundo seu pensamento, a construção ideológica de imperfeição mundana implica na formulação da conduta ideal para os sujeitos que nele vivem, inspirada na ética religiosa por eles partilhada. Assim, a figura da humanidade não perfeita e a cobrança de uma conduta ideal dos homens causam problemas entre os indivíduos e as ‘crenças de rejeição’.

Para Weber (2004), a religião funciona como uma fonte de parâmetros para as condutas e reflexões humanas, bem como justificativas para o que acontece e deixa de acontecer no mundo. Entretanto, se por um lado existe no sujeito a prevalência de normatizações subjetivas provocadas pela sua interiorização da conduta ideal exercida no seio da religião, por outro lado, a crença religiosa une os indivíduos em um mesmo meio facilitando seu reforço e compartilhamentos de ideais.

A ideia inicial de existência do bem e do mal está ligada ao conceito de existência de um ser superior ao qual se deve obediência, bem como o surgimento da convicção de existência de vida pós-morte, onde esta estaria em uma escala de melhor conceituação. Assim sendo, na maioria das crenças cristãs, o sujeito é posto no mundo para o exercício de suas vivências e descoberta de sua vocação, sua missão nesse universo de divergentes escolhas e caminhos.

As CCVA nasceram muitos anos após a consolidação do catolicismo como uma religião inicialmente marcadamente tradicional e moral. A reforma protestante deu origem às

igrejas denominadas de ‘protestantes’ e também de “evangélicas”, cujas formas de abordagem das liturgias, cultos e graus de condutas morais exigidas se diferenciam, dependendo de suas categorias: batista, presbiteriana, assembléia, entre outras. Contudo, o viver por princípio dentro da religião requer um esforço ascético cuja afirmação ideológica implica em exercícios de condutas morais.

1.4 O Catolicismo e a Ascese

No catolicismo contemporâneo é possível observamos comportamentos ascéticos dos mais radicais aos mais modernos e diversificados. O que ambos têm em comum é o funcionamento da crença como elemento ordenador do que se entende sobre o universo, a sociedade e sobre os seres humanos.

A igreja católica é uma instituição que existe há muitos séculos, legitimando crenças, modelos éticos e morais, modelos de ortodoxia e de heterodoxia tanto em termos teológicos quanto das práticas. E se, por um lado, sua doutrina gerou há séculos atrás os mosteiros, por outro, suas propostas de ascetismo sofreram adaptações às necessidades dos homens e da modernidade.

Na idade média eram comuns os monges que praticavam a ascese intramundana, cultivando o costume do isolamento para a mobilização de processos de autodescoberta e de autoaperfeiçoamento e do que consideravam a intensificação da proximidade com Deus, sem os ‘desvios que o mundo poderia propor’ (WEBERa, 2004).

. Em termos weberianos, o monge era protagonista de um tipo de ação racional cujo fim último seria o de alcançar a salvação de sua alma por meio de uma constante vivência ascética que o afastava da vida ordinária. Em suas palavras:

O indivíduo que por excelência levava uma vida metódica no sentido religioso era e continuou sendo, única e exclusivamente, o monge, e, portanto a ascese, quanto mais intensamente tomava conta do indivíduo, mais o apartava da vida cotidiana, já que a vida especificamente santa consistia mesmo em suplantando a moralidade intramundana. (WEBER, 2004a, p.110)

Na análise de Foucault (1985), através desse tipo de ascese monástica, os monges buscavam um isolamento que tinha como objetivo possibilitar a autodescoberta, o despertar mais intenso de seus sentidos éticos e morais, sendo exercitada nos termos de *técnicas*, de *cuidados de si*. Para esse autor, as ‘técnicas de si’ exercitadas pelos que se retiravam para os

monastérios ou conventos, eram vistas como capazes de possibilitar um modo de vida que resultaria na transformação moralmente orientada dos indivíduos mediada pela coragem da verdade e o exercício do autocontrole.

A ascese individual está ligada às concepções que se tem do mundo e o que se espera dele para consigo e com o os demais, o que pode ser percebido por meio da instituição ao qual o asceta escolheu pertencer diretamente. Ou seja, embora o isolamento fosse recorrente na procura do entendimento que surgiria de dentro para fora, do inconsciente ao consciente, de Deus ao homem, existe no homem as concepções iniciais atribuídas às diversas categorias na vida, florescida no interior da religião à qual pertence. Desse modo, a racionalização, reflexão, entendimento e considerações, se faziam presentes na busca de ‘colocar cada coisa em seu lugar’, revelando nas vivências e exercícios de isolamento o melhor de cada um.

Na análise weberiana, o modelo oposto ao da ascese extramundana, da qual são emblemáticos os calvinistas puritanos, é assim descrito:

A ascese puritana – como toda ascese ‘racional’ – trabalhava com o fim de tornar o ser humano capaz de enunciar afirmativamente e fazer valer, em face dos ‘afetos’, seus ‘motivos constantes’ (...) com o fim, portanto, de educá-lo como uma ‘personalidade’ (...) poder levar uma vida sempre alerta, consciente (...) era a meta; eliminar a espontaneidade do gozo impulsivo da vida, a missão mais urgente; botar ordem na conduta de vida de seus seguidores, o meio mais importante da ascese. (WEBER, 2004a, p.109)

O ideal do ascetismo puritano se aproximava daquele do ascetismo dos monges/monjas/freiras católicos, a saber: o autodomínio do indivíduo e controle dos desejos, a superação do domínio da natureza e posteriormente uma constante reflexão. A diferença central era a de que para os calvinistas ela deveria acontecer não ‘fora do mundo’, mas ‘dentro do mundo’.

Os modelos de ascese apontados por Foucault (1985) e Weber (2004) implicam em exercícios rigorosos de controle da conduta, a fim de obter um estado aperfeiçoado de vivência por meio das atividades individuais dos homens no interior do mundo.

Seneda (2016) analisa a história das ordens religiosas católicas, que incluem o monasticismo, bem como a de seus sucessores. Segundo ele,

A raiz dessa história remonta à regra de São Bento (primeira geração), passando ainda pelos monges cleniancenses e circences (segunda geração) até chegar a sua superação na terceira geração das ordens mendicantes (franciscanos e dominicanos) e de outras formas inovadoras de vida

consagrada que, a partir daí, se desenvolvem (jesuítas e ordens terceiras). (SENEDA, 2016, p.35)

Esse pensador considera que a transição das ordens monásticas para as ordens católicas de terceira geração traz uma significativa mudança, sendo a ordem terceira de São Francisco, por exemplo, um acentuado esforço no caminho de uma incorporação da ascese na vida cotidiana no ‘mundo’. Igualmente, a pregação dos monges mendicantes, principalmente dos franciscanos contribuiu essencialmente na preparação do ambiente na direção de uma moralidade acética de leigos, como a que encontramos nas CCVA.

Da mesma forma, os jesuítas criam e exercitam uma concepção favorável à adaptação ao mundo. Nesses termos, na terceira geração ocorre uma ruptura entre o ascetismo católico e os limites do extramundano, não chegando, contudo, a se igualar ao protestantismo no que diz respeito a sua capacidade de generalização, visto que, mesmo sendo intramundana, a ascese católica permanece sendo reservada a poucos (SENEDA, 2016).

De acordo com Weber (2004a), é no processo inicial da passagem do catolicismo para o luteranismo que a ascese passa de extramundana para intramundana. Dessa forma, a ascese através do trabalho passou de exclusividade dos monges para uma função obrigatória dos cristãos. Assim também reforça Seneda: “O luteranismo rompeu a distinção entre virtuosos (caráter exemplar) e massas (caráter cotidiano) e canalizou a ascese para a vida cotidiana” (SENEDA, 2016, p.37).

Na concepção de Seneda (2016), o que figura o íntimo parentesco entre catolicismo e piedade reformada é o ‘traço ascético’. No entanto, o monasticismo faz parte da característica central da análise de Weber a respeito do catolicismo. Ele trata das ordens monásticas para além do luteranismo, como transcendente à dimensão religiosa, visto que está no surgimento de uma etapa em que Weber observava um resultado histórico-universal, visto que ele é um dos princípios culturais que regulam a espécie de racionalização dos comportamentos que está no alicerce da civilização do ocidente: “para mostrar concretamente influência das crenças religiosas sobre o plano da ação, Weber recorreu ao contraste entre a prática religiosa dos católicos (e dos luteranos) e a prática religiosa dos puritanos” (SENEDA, 2016, p.38).

Weber supõe que a moral católica poderia ser uma ética de convicção, omissa, porém, de caráter metódico. Segundo revela: “nem pensar no vaivém católico e autenticamente humano entre pecado, arrependimento, penitência, alívio e, de novo pecado” (WEBER, 2004a, p.107). Na visão do católico mediano, as obras isoladas eram as que mantinham valor

e o ânimo com que era executada sendo a junção final das ações meritórias, o que ocasionava a salvação (WEBER, 2004a).

O puritanismo se justifica por quebrar com este modo de pensamento e cobrar do religioso um constante autocontrole, em busca da salvação.

Sendo assim, o enfoque weberiano objetivava testar a competência dos ritos em busca de encaminhar seguramente à práxis da vida dos fiéis. Com isso, Weber (2004a) revela que a eucaristia traduzida no puritanismo como ‘ceia do Senhor’, possui uma função importante, conforme a participação nesse rito socialmente dependia da competência moral. Em termos sociológicos ela funcionava como um dispositivo de avaliação e inclusão/exclusão social, atuando de modo substitutivo em relação ao que no catolicismo, era exercido pelo sacramento penitencial ou confissão auricular, através da qual a igreja católica exercia seu poder de influenciar a vida cotidiana dos seus fiéis.

Se, de um ângulo, a confissão era um mecanismo eminente de educação e poder, de outro, ela diminuía a capacidade de um autopolicimento sistemático dos indivíduos sobre suas ações (SENEDA, 2016, p. 40).

Nesses termos, o ‘sacramento de penitência’ possuía um resultado psicológico apassivador, visto que, a confirmação da absolvição do pecado ocasionava uma descarga das inquietações a que está exposto quem procura a salvação. Na prática, ela era uma maneira de alívio, diante das necessidades de um forte nexos de existência que, diante das circunstâncias já era considerada como inatingível. Weber (2004a) considerava que a ‘práxis eclesial’ da confissão ocasionava uma forma de vida ‘assistemática’, visto que ela possibilitava a desresponsabilização individual por eventuais mudanças de ações consideradas necessárias para se chegar à salvação.

De modo diferenciado, segundo Seneda (2016, p. 41),

Em termos constantes, a práxis puritana é definida como *total* (englobando toda a conduta e submetendo-a inteiramente à lógica religiosa) e *unidimensional* (regida por um único princípio), enquanto a práxis católica é vista como *dual* (mantendo a separação entre vida cotidiana e vida religiosa) e *fragmentada* (restando a soma final dos bons atos praticados como esperança de salvação).

Segundo podemos perceber na análise desse pensador, no âmbito ‘sistemático-tipológico’, uma observação weberiana da religião católica se produz unicamente depois de um exercício de reconstrução que segue um jogo de afastamentos e aproximações que Weber

produz entre protestantismo ascético, protestantismo luterano e catolicismo. A partir disso, o catolicismo surge como tipo ideal.

Embora existam restrições, é possível perceber que na categoria de sistema, surge em Weber

Uma tipificação suficientemente clara e coerente do catolicismo que se desdobram em diferentes níveis de análise sociológica. A reflexão weberiana do catolicismo perpassa o nível fundamental da ação ou práxis social, avança até o nível estrutural da instituição eclesiástica (tipo igreja) e suas organizações sociais (ordens monásticas), contemplando ainda o nível simbólico de suas representações doutrinárias (teologia). (SENEDA, 2016, p.53)

A discussão weberiana dos tipos de ascese se relaciona com o conceito de vocação, o qual passamos a discutir, na medida em que ele pode ser útil na interpretação dos modelos de ascese em operação nas CCVA em geral e na CCVAS em particular.

1.5 O Conceito Weberiano de Vocação

A palavra vocação tem um sentido forte entre os religiosos, pois acreditam que Deus os presenteou com características específicas em busca do exercício de funções para o bem individual e coletivo, estando presente também o sentido de providência divina, por meio do exercício do desejo de Cristo e confiança nas revelações do mesmo. Para alguns sistemas religiosos, a vida dos seres humanos teria sentido apenas após a descoberta de sua vocação, e os sujeitos viveriam toda sua existência procurando exercê-la de modo a se tornarem dignos da salvação.

Weber (2004a) entende que essa palavra recebeu sua primeira tradução a partir da releitura que Lutero fez da Bíblia, definindo-a como uma tarefa vital ordenada por Deus, graças à qual foi possível a atribuição de uma visão religiosa ao trabalho mundano corriqueiro, através do qual os indivíduos demonstrariam sua escolha para a salvação. Segundo Weber (2004a, p. 44), “o cumprimento das tarefas seculares sob qualquer circunstância é o único caminho para satisfazer a Deus. Isto e somente isto é a vontade de Deus”.

A forte importância dada pelos calvinistas à execução das funções seculares ‘no mundo’, de modo regrado, ético, foi o que deu um conceito religioso para as tarefas seculares cotidianas e firmou a princípio o entendimento da ‘vocação’, algo a ser concebido em termos da missão dada por Deus aos indivíduos, em referência à qual os esforços particulares deveriam ser definidos.

Para Weber (*idem*), o valor positivo atribuído às ações no mundo, já havia sido observado em épocas como a Idade média e a baixa antiguidade grega. Porém, seria através da reforma protestante que se firmou o sentido de vocação como o elemento em torno do qual o modo ascético de vida cotidiana dos religiosos, sendo o cumprimento dos deveres seculares o modo mais elevado que o exercício ético do sujeito poderia alcançar.

Conforme Weber (2004a, p. 34),

O único modo de vida aceitável por Deus não era o superar a moralidade mundana pelo ascetismo monástico, mas unicamente o cumprimento das obrigações impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. Esta era sua vocação.

A aceitação dessa ética afeta as rotinas, apresentando o compromisso, a ordem – o exercício da vocação – não como um suplício, mas como um privilégio, visto que todas as coisas se davam para a realização do desejo de Deus nas vidas dos fiéis. Nesse contexto, a salvação seria fruto do exercício de dedicação ao trabalho, entendendo esse como uma tarefa atribuída por Deus aos homens. Embora Lutero tenha sido o primeiro a reagir contra as imoderações clericais e incentivar o sujeito a ter uma ocupação no mundo, segundo Weber, Calvino sistematiza a reflexão teológica que resultaram na valorização do lucro mediante o trabalho disciplinado e a frugalidade da vida dos ‘eleitos por Deus’.

No caso do nosso objeto de estudo, ser um membro Shalom é uma escolha que por vezes se justifica sendo referida à vocação, a um ‘chamado espiritual’, cujo atendimento e realização se desdobra em um conjunto de sensações subjetivas e de práticas referenciadas em um conjunto de crenças e ideais ao qual se adere.

A realização da vocação, no sentido calvinista envolve fatores subjetivos e objetivos: o espírito, a cognição e a adesão a sistemas de lealdades que fundamentam o sentimento de pertencimento religioso. Participar da CCVAS dignifica concordar com o que é proposto como religiosidade desejável, de modo a tornar objetivo aquilo que se espera que os shalomitas sintam e creiam.

As comunidades de vivências católicas surgidas com a RCC, por um lado se aproximam do *habitus* religioso produzido nas igrejas protestantes; por outro, resguardam suas tradições em um exercício ascético semi-clausural, no caso das Comunidades de Vida. Foi recorrente nas falas dos membros da CCVAS entrevistados a declaração de que sua decisão de participar dela foi causada pela descoberta de sua vocação, entendendo que desde o ventre de suas mães foi lhes dada por Deus a missão de ser o que eles agora são, o que determinaria

também as posições por eles nela ocupadas. Essa maneira de conceber sua adesão à CCVAS os aproxima da ideia calvinista da predestinação.

A discussão da ética calvinista em Weber relaciona a doutrina da predestinação ao conceito de vocação e ao modelo de ascese intramundana deles resultantes. Calvino apresenta a predestinação como o ponto chave da doutrina por ele proposta como interpretação da soteriologia bíblica. Para ele, o sujeito já nascia com o seu destino traçado por Deus e o fato dele ter sido escolhido para a salvação ou não seria demonstrado conforme suas vivências e sucesso na vida familiar e profissional. Atribuiu-se a partir desse pressuposto um valor moral e ético aos exercícios profissionais, tendo em vista que sua execução teria como objetivo demonstrar prospectivamente a posição dos indivíduos em relação às possibilidades de ‘danação’ e ‘salvação’ eternas.

No cristianismo primitivo dos apóstolos, conforme demonstrado no Novo Testamento, os religiosos consideravam as ações seculares como desprendimento ou a adoção de comportamentos cotidianos segundo a tradição religiosa determinara, os sinais de atendimento aos requisitos de salvação:

Uma vez que estavam apenas esperando a vinda do Senhor, nada havia a fazer a não ser cada um ficar no seu posto e na mesma ocupação mundana em que o chamado do Senhor o houvesse encontrado, e continuar trabalhando. (WEBER, 2004a, p.36)

Em Calvino, segundo Weber (*ibidem*), encontra-se o aspecto protagonista da providência divina, que tão mais se manifestaria quanto mais os indivíduos aceitassem sua vocação e a realizassem por meio do desempenho disciplinado e competente de suas funções seculares. Nas palavras de Weber, a ideia de vocação assim se enuncia:

O indivíduo deveria permanecer de uma vez por todas na condição e na vocação em que Deus o houvesse colocado, e deveria restringir suas atividades mundanas aos limites a ele impostos pela condição de vida estabelecida. (WEBER, 2004a, p.37)

Lutero, na visão de Weber (*ibidem*), teve um papel de extrema importância na vinculação entre as crenças religiosas dos sujeitos e suas atividades no mundo, ao propor a substituição do modelo de ascese dos monges pelo de ações cotidianas ‘no mundo’, contribuindo para a emergência do valor religioso do trabalho e da realização da vocação em todas as vivências dos indivíduos. O sentido de obrigação e disciplina que o monge executa no exterior do mundo (ascese extramundana) passou a ser definido como esperado dos cristãos leigos ‘no mundo’ (ascese intramundana).

1.6 ‘Extramundanismo’ e ‘Intramundanismo’ na CCVASHalom

Weber (2004a) divide as religiões em ‘de salvação’ – aquelas de afirmação do mundo – e as ‘de negação’. As primeiras presumem que as imperfeições humanas existem, mas não são problemas, não havendo desse modo a inquietude em relação ao autoaperfeiçoamento, visto que este não influenciaria na ‘salvação’ dos sujeitos; as segundas têm o aspecto de rejeição do ‘mundo’, podendo atuar de modo extramundano, com preocupação mínima com a modificação do mundo; e a intramundana, cuja preocupação com a mudança do mundo mediante convicções e objetivos é radical.

Nas de rejeição do mundo é central a dicotomia entre o mundo humano e sobre-humano. A divisão bem demarcada entre ambos possibilita a formulação de uma vida sobrenatural ideal, livre de tensões, irracionalidade e imperfeições, a qual se oporia à vida natural.

Nas religiões de rejeição do mundo, a salvação é vista enquanto a vivência de um carisma mágico, precisando de certificação das virtudes ligadas à sua realização, a qual se define em termos das atitudes e ações cotidianas dos fiéis. Weber (2004a) denomina de ‘asceta’ a postura religiosa instruída pela norma de salvação, traduzida em termos da negação dos impulsos socialmente hegemônicos e a adoção de uma vida regrada, baseadas na sistematização de regulamentos decorrentes da ética religiosa, a qual supõe o exercício da censura religiosa e a mobilização de mecanismos de socialização operados pela comunidade religiosa.

A ascese extramundana faz parecer necessária

uma explícita retirada do ‘mundo’, dos laços sociais e anímicos da família, da propriedade, dos interesses políticos, econômicos, artísticos, eróticos e, em de todos os interesses da criatura, e toda atividade neles parecer uma aceitação alheadora de Deus. (Weber, 2004a, p.365)

A ascese intramundana se define como uma ‘separação’ do ‘mundo’ dentro do ‘mundo’, o que significa a construção de uma moldagem de si capaz de se blindar à força das correntes sociogênicas de configuração dos sentimentos, crenças e ações dos indivíduos, operando-se uma atuação na contracorrente da normatividade não religiosa da vida social.

Na comunidade Shalom, é possível nos depararmos com os dois tipos de ascese acima mencionados. Os membros da CV se encaixam na categoria de ascetas extramundanos, visto que renegam o mundo para viverem em prol das funções, atividades e convicções religiosas

exercidas dentro da comunidade. Eles constituem o setor mais coeso da comunidade, por sua radicalidade e dedicação exclusiva.

A Comunidade Católica de Vida Shalom – CCVS – um espaço de ascese extramundana na medida em que se exige dos que dela participam, abdicarem das ações ‘mundanas’ e a adoção de modelos de vida divergentes à normatividade da vida social envolvente. O que se propõe na CVVS é o cultivo de práticas religiosas e de motivações cristãs, com o objetivo de ‘perfeição e adaptação para habitações celestiais’.

Encontramos na Comunidade Católica de Aliança Shalom – CCAS – o modelo do asceta intramundano, definido por Weber como

um racionalista, tanto no sentido de uma sistematização racional de sua condução de vida pessoal, quanto no sentido da rejeição de tudo o que é eticamente irracional, participando de manifestações artísticas, da moldagem de sentimentos pessoais, da execução de ações dentro do mundo e de sua ordem. (WEBER, 2004a, p.366)

A ascese intramundana característica da CCAS se define como um conjunto de vivências diferenciadas em relação aos católicos comuns e outros religiosos em geral. Eles estão no ‘mundo’, cumprem funções de sobrevivência nesse, porém não o aceitam totalmente, tal qual um não religioso faz.

Um membro da CCAS é constantemente posto a provas decorrentes da ‘mistura’, com o contato constante com o restante do todo social, sendo exigido dele força e fidelidade ao ‘bem maior que é a sua marca, o seu diferencial no meio do mundo’, seu carisma Shalom. Tal sujeito vive no ‘mundo’, mas não aceita tudo o que está no ‘mundo’ e não se mistura a todos, apesar de em alguns momentos ter que conviver com os do ‘mundo’. Nesse espaço, aproveitam o momento que tiverem para tentar evangelizar o ‘outro’, na medida em que for possível. Tais indivíduos procuram ter uma vida sistematizada, organizada, para poder conciliar as atividades na comunidade com as obrigações extra comunitárias.

Um elemento adicionado por Weber na discussão sobre ascese é a contemplação, como uma prática religiosa para a obtenção da salvação, significando certa medida de abdicção dos ideais mundanos. A contemplação se encaixa em uma espécie de rejeição do mundo, como uma conquista do controle sobre seu modo de afetação sobre os indivíduos.

Tal característica também está presente no carisma da comunidade Shalom, visto que ela é tributária de duas linhas importantes do catolicismo clássico: a vivência mendicante de São Francisco de Assis e a vivência contemplativa de Santa Tereza de Ávila. Na próxima seção apresentamos essas duas fontes da concepção da CCVAS.

1.7 As Duas Fontes da Concepção da CCVAS

São Francisco foi um frade católico italiano, que após um período de mundanismo, ainda jovem se dedicou a uma vida religiosa e pobre, criando a ordem mendicante dos frades menores: os franciscanos, no ano de 1209. Defendia que os homens deveriam viver como Cristo viveu e se dedicou aos pobres. Os religiosos de sua época costumavam se isolar em mosteiros, que, na Europa eram grandes núcleos de cultura erudita, com bibliotecas de reconhecida qualidade. Embora os monges seguissem a ‘linha da pobreza’, não lhes faltavam nada, visto que essa instituição recebia grandes doações de nobres e da população, incluindo terras e riquezas. Na concepção da época de Francisco, a vida monastical era a principal escolha para se alcançar o reino dos céus. Sendo assim, natural que leigos após uma longa vida mundana, se recolhessem em mosteiros para seus últimos tempos de vida, processo conhecido como “piedade fugitiva” (SOLANO, 2013).

Tal pensamento teve uma pequena mudança ao longo do século XII. O entendimento de Deus e do cristianismo se tornou mais voltado às características do comportamento amoroso e piedoso. Isso ocorreu por influência da filosofia social e Teologia estudada nos mosteiros, principalmente os proto-humanistas de Paris, que criaram e difundiram a definição de Purgatório, que presumia que no plano pós-morte havia uma possibilidade de vivência temporária em um local de intermédio entre a condenação e a absolvição podendo haver purificação da alma (SOLANO, 2013).

No final do século supracitado o pensamento sobre a possibilidade de salvação humana para além da vida monástica é reforçado, alegando-se que a absolvição dos pecados terrestres seria ponderada de acordo com o cristianismo e não unicamente o monasticismo (SOLANO, *ibidem*).

Francisco, que surgiu nesse contexto social, apesar de conservar uma ascese particular de distanciamento de atividades mundanas, objetivou a consagração familiar em união com os demais semelhantes no exercício de cultos constantes nos meios urbanos, não sendo ele diretamente associado a nenhum centro religioso e nem à clausura monástica.

No entendimento de Francisco, a pobreza era um mecanismo que possibilitava a purificação da alma, importante na influência de Cristo sobre o homem e o ideal de comunhão entre os semelhantes. Para além da pobreza exterior, ele salientava a pobreza interior compreendida como o desprendimento de toda intenção ao consumo intelectual, espiritual ou

moral, tidas como meios dissimulados de adquirir comando sobre os demais e como manifestações de egoísmo e orgulho (SOLANO, 2013).

O corpo, no entendimento franciscano, merecia uma atenção especial, porque se por um lado esse era um instrumento de pecado e inimigo, era também um mecanismo para salvação, visto que era o veículo das ações do ascético na sua batalha espiritual, devendo ser cultivadas nele a disciplina e vigilância constantes (SOLANO, *ibidem*).

Santa Tereza de Ávila também conhecida como Santa Tereza de Jesus foi uma freira carmelita do século XVI. Atuou na Contra Reforma e contribuiu para a reforma da Ordem Carmelita sendo co-fundadora da ordem dos Carmelitas Descalços.

O foco da reflexão mística de Teresa é a divisão da alma em aspectos como: “oração mental”, que é aquele de forte contemplação, foco, distanciamento subjetivo do mundo exterior, centrando-se na percepção do amor de cristo e penitência; "oração de silêncio" aquele no qual a vontade de Deus prevalece sobre a do homem em um estado de carisma sobrenatural, estando os outros sentidos ainda presos ao mundo; "devoção de união" caracterizada pela paz e forte ligação com cristo; E "devoção do êxtase ou arrebatamento" que é o momento em que a sensação de viver espiritualmente se sobressai ao existir fisicamente (GUTIÉRREZ, 2003).

Essa forma de percepção e vivências se aproxima das formas de clausuras clássicas do catolicismo. Se por um lado, Santa Tereza de Ávila viveu e defendeu uma forma de existência católica mais radical e submissa em meio à clausura. Visto que ela acreditava que para se manter cada vez mais perto de Cristo era necessário certos isolamentos, sem distrações que por ventura pudesse desviar o objetivo sobretudo agradar a cristo em uma ascese profunda. Por outro lado, São Francisco, embora bastante religioso e considerado, optou por viver uma vida com menos clausura, diante do povo, levando sua crença (GUTIÉRREZ, 2003).

Na CCVAS, esses dois são os ‘Santos Baluartes’, que exercem influência sobre as formas de pensar e agir propostas pelos líderes fundadores, que inclui a prática do amor esposal para com Cristo, visto que todas as almas dos membros shalomitas são almas esposas. Isso não significa necessariamente viver como celibatário ou em castidade física, visto que o casamento é permitido nessa organização, mas o entendimento de que é necessário considerar Deus como o ‘primeiro em tudo o que se faz’.

1.8 O Sentido de Comunidade e Sua Objetivação na CCVASHalom

Csordas (1996), ao analisar a comunidade *Word of God*, a pioneira dos movimentos carismáticos nos EUA, encontra uma ambivalência, visto que, de um ângulo, ela é composta por intenções de práticas místicas experimentais e, de outro, por uma ordenação ascética disciplinar com objetivos de salvação. Tais condições para esse pensador são características da pós-modernidade, gerando um tensionamento entre o misticismo e a regulamentação religiosa; a instituição e a vivência.

Hervieu-Léger (1997), ao focalizar os arranjos religiosos na modernidade francesa, denomina as comunidades de vida como “comunidades emocionais”, marcadas por relações de afeto entre os sujeitos, pelo enaltecimento corporal, emocional e sensorial. Essa pensadora considera como ferramenta primordial que promove a associação a essas comunidades, a ênfase na subjetividade dos fiéis. Na França, as comunidades iniciais surgiram em 1972.

No Brasil, seus registros datam do final da década de 1990. Souza (2010) em sua obra "Comunidade e Sociedade Informacional" entende que as Comunidades de Vida no Espírito se manifestam particularmente entre dois polos: carismatismo e burocratização. Por conta de sua fonte carismática e seu assujeitamento normativo ligado à vivência tradicional religiosa, tais comunidades ora enfatizam o carismatismo, ora rotinizam suas condutas de modo a se burocratizarem. A inclinação para um polo ou outro varia de acordo com as situações concretas, podendo mudar, dependendo da situação de evolução ou crise, como também, das motivações da liderança.

Souza (2010, p.79), levanta a alternativa sobre três fatores que poderiam exercer influências sobre a escolha do indivíduo de se associarem à comunidade religiosa: “busca por segurança, escolha consciente e desejo de identidade” que estão ligados e contidos na mesma escolha vocacional, principalmente entre os jovens.

Para Souza (*ibidem*), o assunto comunidade possui relevância nas ciências sociais, visto que está marcado na prática sociológica surgida dentro das modificações sociais que proporcionaram a modernidade. Assim, principais pensadores sociais como Tönnies, Durkheim e Weber, e outros, deteram-se na criação de ferramentas teóricas que pudesse traduzir as transformações das quais eles foram testemunhas, estabelecendo dessa forma a presente separação comunidade-sociedade, definição abrangentemente usado para o entendimento da passagem de uma organização social agrária e alicerçada em ligações comunitárias para a *performance* de instituições correspondentes à industrialização e da sociedade moderna.

Para Bauman (2003), toda comunidade implicaria em uma idealização, em um caráter utópico, mas implicando sempre na existência de sistemas hierárquicos, nos quais é exigida uma rigorosa obediência dos regulamentos em troca de serviços prestados.

Bauman (2003) considera que a simples palavra comunidade, remete a algo bom e seguro, diferentemente do sentido atribuído à sociedade em geral:

Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que anda em má companhia. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade – o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. (BAUMAN, 2003, p.07)

O termo comunidade aponta para a ideia de identidade e de pertencimento, graças à qual o indivíduo se enxerga, se vê dentro do grupo e em relação ao fora dele, se sente parte dele. As comunidades religiosas aparecem como instituições que oferece segurança simbólica aos indivíduos, na medida em que oferecem explicações para as coisas do mundo, parâmetros orientadores da conduta, atuando como lugares de consolo e estabilidade emocional.

A maioria dos shalomitas entrevistados eram, desde o início de suas vidas, católicos. No entanto, segundo eles, sua crença era até sua entrada na CCVAS exercida de modo tradicional, de modo semi-inconsciente, visto que era fruto dos costumes passados de pais para filhos. Ao atingirem uma idade de escolha autônoma, e após o sentimento do “chamado vocacional divino”, optaram por viver uma vida de “intensidade católica dentro de uma comunidade moderna”. Ao abdicar das outras formas de vida dentro da sociedade, eles têm um propósito de investir na vivência espiritual, objetivando ‘uma existência mais próxima a Cristo’, objetivando ‘obedecer ao Mestre’, o que é visto como a ‘melhor maneira de alcançar a felicidade real de presença na terra e nos céus’, seguindo uma conduta racionalizada e ordenada.

Outra característica importante da vida em comunidade na CCVAS é o ato de vigiar, não ao outro, necessariamente, mas a si mesmo, que os sujeitos cultivam em seu ascetismo. A adesão à vida comunitária shalomita implica no trabalho contínuo de autoregulação, acompanhamento de si mesmo, constante afirmação do ser religioso e espiritual.

Na CCVAS observa-se uma forte ênfase na racionalização das atividades, mediada pelo intensivo regramento da vivência e das etapas de formação. Isso torna necessária a existência dos acompanhadores vocacionais para todos os membros, para dar apoio psicológico, orientá-los e lembrá-los de suas funções nessa organização. Para um indivíduo

shalomita, a comunidade é não só ‘o lugar ideal para ele estar’, mas é também ‘o mais feliz e seguro’.

Na CCVAS observa-se o que Bauman descreve como a oposição entre os “de fora” e os “de dentro”, nos seguintes termos:

Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui na comunidade, podemos relaxar – estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza dificilmente um ‘canto’ aqui é escuro). (BAUMAN, 2003, pp.7-8)

Na CCVAS, o sentimento de comunidade remete à comunhão entre os membros, sempre se ouvindo dizer que eles formam uma ‘família’. É gerado o vínculo de fraternidade entre irmãos, unidos não por laços consanguíneos, mas por vínculos espirituais, reforçados por categorias, aspectos ideológicos, morais e éticos. A confiança associada ao interior da comunidade é um fator fundamental para a manutenção e fortalecimento dos laços que os unem.

Na CCVAS também é enfatizada a ajuda mútua, o que reforça a ideia de família, fazendo com que o indivíduo shalomita sinta-se atendido em todos os seus anseios espirituais, mundanos e familiares. A ideia da garantia da ajuda mútua perpassa toda a comunidade. Quando, por exemplo, um membro da comunidade passa por alguma frustração, alguma perda que, de algum modo, involuntariamente, tira seu foco das atividades comuns da comunidade, de acordo com os entrevistados, ‘os laços de comunhão são ativados, de modo a restaurar o equilíbrio em cada um para que se retorne ao equilíbrio do todo’.

Em termos de ajuda mútua, na CCVAS, ainda que existam diferentes posições, seja em relação às funções administrativas ou ao estágio de formação (apostolado, discipulado, até o consagrado), a ênfase declarada por todos os entrevistados é na horizontalidade. O acompanhamento, por exemplo, ocorre desde as etapas iniciais até o último grau de consagração.

1.9 O Ser Jovem na CCVAS

Uma das principais características da CCVAS é endereçamento juvenil. A comunidade foi criada por jovens e para os jovens, o que não significa dizer que ela limita sua faixa etária de membros, mas que cultiva a ênfase no ‘espírito do novo’, da juventude, ‘com toda sua

alegria'. Desse modo, na comunidade há um trabalho contínuo sobre os membros mais velhos sobre a necessidade de ter a “mente aberta” para dialogar com os mais novos sobre a religiosidade e as experiências vitais.

A comunidade estudada está sempre promovendo festas comemorativas, acampamentos, e outras atividades que atraem os jovens, pois a intenção é adaptar o meio a seu fim maior que é trazer os católicos dessa faixa etária para a vivência e despertar do sentimento vocacional Shalom.

Segundo Mariz (2005), os jovens são mais suscetíveis de associação, pois suas identidades sociais ainda estão em construção. A fase juvenil é momento em que se busca experimentar as diversas coisas no mundo, procurando normalmente experimentar os ‘diferentes’ até firmar preferências e o ‘lugar do indivíduo no mundo’. A atração que as NCC exercem sobre os jovens se relaciona aos sentimentos de paz, liberdade e segurança que oferecem (MARIZ, 2005).

Nesse contexto, à medida que um jovem ou qualquer indivíduo entra para a comunidade adquire amigos que o ajudarão na caminhada da vida dentro da esfera religiosa. De acordo com Mariz (2005), nas NCC são reconstruídos ideais de família, observando-se a adesão de mães, pais, avós, sobrinhos, os quais são reconectados em atividade de produção de uma convivência fraternal.

A autora citada chama a atenção para o fato de que a subjetividade juvenil é tida como contrária aos modelos burocráticos e mercantis típicos da era moderna, na medida que ela seria mais induzida pelos nexos da natureza, do afeto e da dádiva desinteressada. Os jovens seriam caracterizados então por caráter e subjetividade particulares, que os inclinariam para ideais comunitários presentes nas diversas religiões, como também de ideologias políticas contrárias à moderna sociedade capitalista.

Outro aspecto da CCVAS que merece destaque é o uso que os seus membros fazem do tempo. Na sociedade envolvente, em geral os indivíduos dividem comumente o seu tempo entre trabalho, lazer, dedicação à família, alimentação, descanso e atividades voltadas à escala fisiológica. Na comunidade Shalom, além dos trabalhos de evangelização, seus membros também possuem um tempo extra para a convivência e a diversão no interior da comunidade. Constantemente há acampamentos, jogos, festas, além de ministérios de música, teatro, entre outros que provocam a união e o companheirismo grupal.

A Comunidade de Vida é vista como a mais intensa e admirável pela comunidade em geral, é aquela cuja dedicação é exclusiva à missão sendo possível o exercício intenso de

todas as regras, virtudes e crenças. No entanto, a Comunidade de Aliança também possui o seu espaço e sua importância, sendo definida como auxiliar indispensável da CV, e como formada por aqueles que são desafiados a praticar sua vocação ‘no meio do mundo’.

A CCVAS foi fundada por jovens, tem uma grande quantidade de membros jovens e seu carisma é o trabalho com a juventude. Entretanto, para se associar oficialmente o sujeito deve ter idade mínima de 18 anos, mas não é rejeitado o sujeito com idade mais elevada, visto que, a definição de juventude no interior da comunidade, não se refere apenas a ideia de idade, faixa etária, mas sobretudo ao espírito, intensidade do engajamento, a alegria, a abertura ao novo, próprios do ser juvenil.

Todos os membros são incentivados à abertura para o exercício da missão, utilizando a “linguagem” dos jovens contemporâneos, ao mesmo tempo em que lhes é “aconselhado” uma vivência no exercício da santidade.

1.10 A história da CCVAS

A CCCVAS se define como um grupo associativo de fiéis, que surgiu com os novos movimentos religiosos, as NCC, no âmbito da RCC. Ela é uma associação de fiéis em escala internacional, atualmente dividida em duas formas de vivências: a Comunidade de Aliança e a Comunidade de Vida. Sua fundação data de 9 de Julho de 1982 em Fortaleza – CE, por Moysés Louro de Azevedo, que estabeleceu o carisma Shalom e dirigiu a elaboração de seus estatutos e de conjuntos de regras de vida de seus membros. Conforme seu *site* oficial:

Em cada tempo, o Espírito Santo concede à Igreja graças necessárias para que ela responda aos desafios contemporâneos. Carisma é um desses dons divinos derramados sobre a Igreja para renová-la e atualizar a vivência do Evangelho. Assim, foi manifestado ao mundo o Carisma Shalom, que desabrochou no coração de Moysés Azevedo durante encontro com o Papa João Paulo II, em 1980. Deus chamou pessoas a assumir essa graça em suas vidas, dando-lhes uma vocação específica: Shalom.

No ano de 1980 o Papa João Paulo II chegou ao Brasil, para participar do décimo congresso eucarístico nacional em Fortaleza. Em meio a uma das missas ali realizadas, recebeu a presença de dois jovens pertencentes a grupos de oração da RCC, escolhidos pelo arcebispo Dom Aloízio Lorscheider para representar todos os jovens católicos e ofertar um presente ao Papa. Um deles era Moysés Louro de Azevedo, que acabou “ofertando sua

própria vida, atribuindo-se o compromisso e a promessa de evangelizar os jovens dispersos de Deus”.

Dois anos depois, em 1982, foi inaugurada a primeira “Lanchonete do Senhor”, pensada pela Comunidade Shalom como uma ideia inovadora: reunir jovens com a intenção de evangelizá-los e atraí-los para tarefas voltadas à igreja. Em sua abertura estavam o então cardeal Arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Loscheider; membros da pastoral do colégio cearense; líderes da RCC e grupos de oração. A lanchonete recebia diversas pessoas com regularidade, e a partir das reuniões nela realizadas muitas se viam motivadas a entrar na comunidade Shalom (segundo descrito no *site* da comunidade).

Em 1983, devido ao seu crescimento, o Centro de Evangelização Shalom foi transferido para um espaço mais extenso, em um ambiente residencial da cidade, no qual predominavam residentes de classe média alta. Em julho do mesmo ano, três jovens experimentaram inicialmente a vivência comunitária, habitando no período das férias da faculdade, no centro evangelizador, voltando-se exclusivamente para as funções da comunidade, de onde decidiram não mais se ausentar. Entre eles estava o próprio Moisés, que tinha apenas 20 anos e era estudante do curso superior de Fisioterapia. Esses foram os criadores da ‘Comunidade de Vida Shalom’. Anteriormente existia apenas a Comunidade de Aliança.

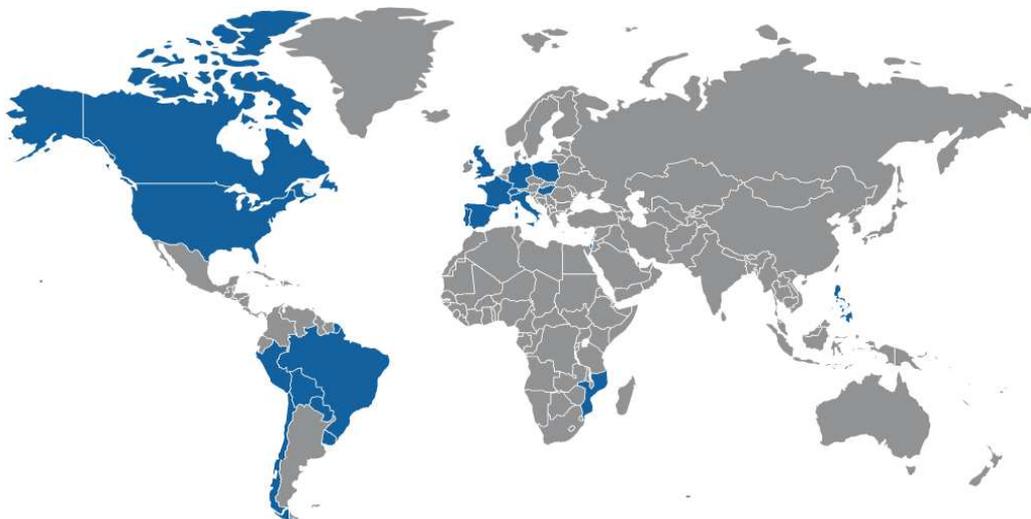
Por volta de 1985 e 1986, ocorreram as primeiras consagrações de fiéis à comunidade, dentre os quais a da co-fundadora da CCVA Shalom, Maria Emmir Nogueira. Em 1988 foi instaurada a primeira casa comunitária fora de Fortaleza, na cidade de Pacajús – CE e posteriormente em Quixadá – CE, destinadas a receber membros da Comunidade de Vida para um ano de formação, o que acontece até os dias atuais.

Em 2014 se juntaram a essas duas casas de formação, em Eusébio, no mesmo Estado, com a igual função de preparar os membros que ‘decidiram’ pela Comunidade de Vida. No ano de 1989 a comunidade se estendeu para todo o Nordeste e em seguida para todo o país e exterior.

No ano de 1999, a Comunidade Shalom recebeu do Arcebispo Dom Cláudio Hummes, de Fortaleza, o decreto canônico de aprovação e reconhecimento enquanto ‘Associação Privada de Fiéis’, recebendo também no ano de 2007 em Roma, por meio do Papa Bento XVI, o reconhecimento pontifício como “associação internacional de fiéis”. No entanto, foi no Jubileu dos 30 (trinta) anos da comunidade, em maio de 2012, que ela obteve o reconhecimento e aprovação dos seus estatutos definitivamente, por meio do Papa Bento XVI,

que estabeleceu o ‘Conselho Pontifício para Leigos’, legitimando finalmente o vínculo entre a Igreja e as NCC, dentre as quais está a CCVAS.

Mapa 1: Regiões no Mundo com Presença da Comunidade Católica Shalom



Fonte: <https://www.comshalom.org/onde/>

No mapa acima, as partes destacadas pela cor azul, revelam a presença da CCVAS no mundo, um resultado do que ela define como suas Obras e Missões.

São denominadas ‘Missões Shalom’ casas comunitárias que abrigam os membros da CV, além do centro evangelizador, que reúne membros da CV e da CA para formação e preparo de atividades evangelizadoras. Nas cidades que não possuem tais casas, mas que existe um centro evangelizador Shalom, para reuniões de indivíduos pertencentes à CA, possibilitando atividades, ingresso de novos membros e exercício de funções nesse povoamento, é considerado que existe ali apenas a ‘Obra Shalom’.

Atualmente a CCVA Shalom está presente em quatro continentes: América, Europa, Ásia e África, existindo em 19 países, com 149 missões (121 no Brasil e 28 no exterior), 4 obras, 203 casas comunitárias (sendo 166 no Brasil e 37 no exterior), conforme apresentado na tabela a seguir:

QUADRO I: CCVAS por Continentes e Países no Mundo

Continentes	Países	Missões	Casas	Apenas Obras
Africano	Moçambique	Maputo	1	
Asiático	Filipinas	Manila	1	
Europeu	Hungria	Budapest	2	
	Polônia	Kraków	1	

		Alemanha	Arnsberg	1	
		Suíça	Lugano	1	
		Itália	Civita Castellana	1	
			Roma	2	
		França	Aix en Provence	1	
			Avignon	2	
			Cayenne	1	
			Massy	1	
			Paris	1	
			Toulon	8	
		Reino Unido	London	1	
		Espanha	Granada	1	
		Portugal	Almada	1	
			Braga	1	
Setúbal	1				
Americano	Norte	Canadá	Toronto	1	
		Estado Unidos	Boston	1	
			Cambridge	1	
	Sul	Peru	Lima	1	
		Chile	Santiago	1	
		Bolívia	Santa Cruz de laSierra	1	
			Sucre	0	1
		Paraguai	Asunción	1	
		Uruguai	Montevideo	1	
		Brasil	121	166	3
Total	19	149	203	4	

Fonte: <https://www.comshalom.org/onde/>

Conforme a tabela acima é possível perceber que o continente Americano possui o maior número de missões: cerca de 130, dentre as quais 121 estão localizadas no Brasil; como também o maior número de casas comunitárias (174), das quais 166 estão localizadas no Brasil. As Américas são seguidas pelo continente Europeu, com cerca de 17 missões, 27 casas comunitárias espalhadas por 9 países. Os outros dois continentes restantes, A África e a Ásia, apresentam uma presença incipiente da CCVAS.

Os membros de Vida e os de Aliança da CCVAS vivem o mesmo Carisma comunitário, mas de modo distinto quanto à intensidade da dedicação e consagração de rotinas ascéticas de vida. Os primeiros têm uma dedicação exclusiva, abdicando das atividades cotidianas e seculares para se unirem e viverem com o objetivo de ‘viver exclusivamente para Cristo’. Esses vivem em casas comunitárias.

No Brasil, a CCVAS está em todas as suas regiões: no Norte, em 6 Estados, com 14 missões e uma obra; no Nordeste, em 9 Estados, com 62 missões e uma obra; no Sul, em 3 Estados, com 13 missões; no Sudeste, em 4 Estados, com 24 missões e uma obra; no Centro-Oeste, em 4 Estados, com 4 missões. Vejamos essas informações na tabela abaixo:

QUADRO II: A CCVAS no Brasil

Brasil				
Estados	Missões	Cidades	Casas	Obras
Acre	2	Cruzeiro do Sul	1	
		Rio Branco	1	
Alagoas	2	Arapiraca	1	
		Maceió	2	
Amapá	2	Macapá	2	
		Santana	1	
Amazonas	1	Manaus	1	
Bahia	9	Camaçari	1	
		Eunápolis	1	
		Feira de Santana	1	
		Juazeiro	1	
		Salvador	1	
		Santo Antônio de Jesus	1	
		Senhor do Bonfim	1	
		Serrinha	1	
		Valente	1	
Ceará	18	Aquiraz	3	
		Aracati	2	
		Barreira	1	
		Caucaia	1	
		Chorozinho	1	
		Crateús	1	
		Eusébio	1	
		Fortaleza	22	
		Horizonte	1	
		Itaitinga	1	
		Itapipoca	2	
		Juazeiro do Norte	1	
		Pacajus	2	
		Quixadá	1	
		Redenção	1	
		São Benedito	1	
		São Gonçalo do Amarante	1	
		Sobral	0	1
Distrito Federal	1	Brasília	2	
Espírito Santo	3	Colatina	1	
		Linhares	1	
		Vitória	1	

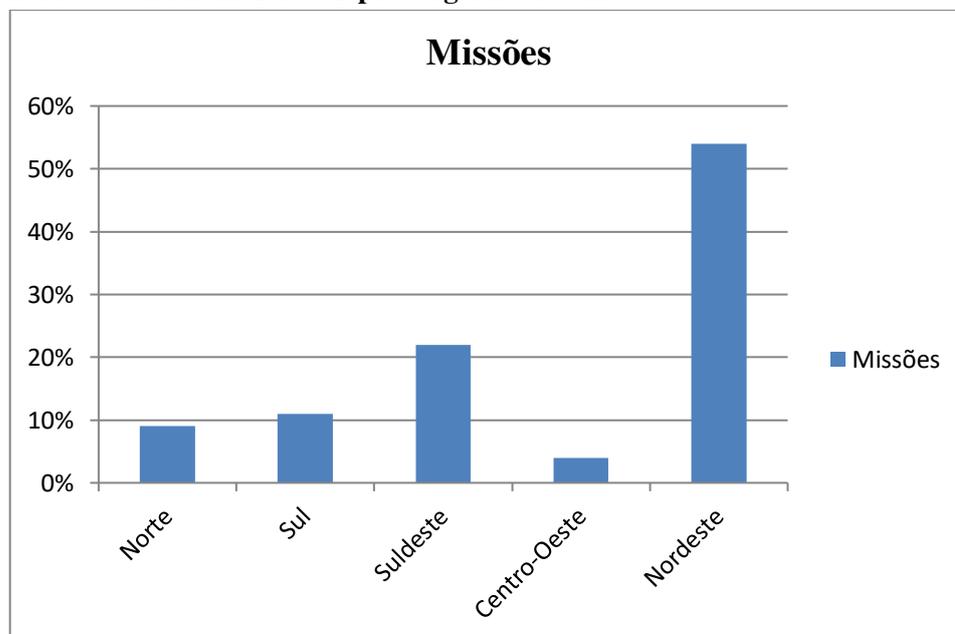
Goiás	1	Goiania	1	
Maranhão	6	Balsas	1	
		Buriti Bravo	1	
		Chapadinha	1	
		Imperatriz	1	
		São Bernardo	1	
		São Luís	2	
Mato Grosso	1	Cuiabá	1	
Mato Grosso do Sul	1	Campo Grande	1	
Minas Gerais	2	Belo Horizonte	0	1
		Carmo do Paranaíba	1	
Pará	6	Ananindeua	1	
		Belém	2	
		Bragança	1	
		Cametá	1	
		Chaves	1	
		Santarém	1	
Paraíba	6	Campina Grande	1	
		Guarabira	1	
		João Pessoa	5	
		Patos	1	
		Santa Rita	1	
		Sousa	1	
Paraná	6	Curitiba	1	
		Foz do Iguaçu	1	
		Guarapuava	1	
		Londrina	1	
		Maringá	1	
		Ponta Grossa	1	
Pernambuco	7	Arcoverde	1	
		Caruaru	1	
		Garanhuns	1	
		Moreilândia	1	
		Petrolina	1	
		Recife	1	
		Sirinhaém	1	
Piauí	3	Parnaíba	1	
		Picos	1	

		Teresina	1	
Rio de Janeiro	9	Campos	1	
		Macaé	1	
		Magé	1	
		Niterói	1	
		Nova Friburgo	1	
		Petrópolis	1	
		Rio de Janeiro	6	
		Teresópolis	1	
		Três Rios	1	
Rio Grande do Norte	10	Caicó	1	
		Currais Novos	1	
		Equador	1	
		Jardim do Seridó	1	
		Mossoró	1	
		Natal	6	
		Parnamirim	2	
		São Fernando	1	
		São Gonçalo do Amarante	1	
		Vera Cruz	1	
Rio Grande do Sul	4	Pelotas	1	
		Porto Alegre	1	
		Rio Grande	1	
		São Leopoldo	1	
Roraima	1	Boa vista	1	
Santa Catarina	3	Florianópolis	1	
		Jaraguá do Sul	1	
		Joinville	1	
São Paulo	12	Aparecida	1	
		Araraquara	1	
		Campinas	1	
		Franca	1	
		Guarulhos	1	
		Osasco	1	
		Ribeirão Preto	1	
		Santo Amaro	2	

		Santo André	1	
		Santos	1	
		São Paulo	2	
		Sorocaba	1	
Sergipe	2	Aracaju	1	
		Propriá	1	
Tocantins	3	Araguaína	1	
		Palmas	0	1
		Paraná	1	

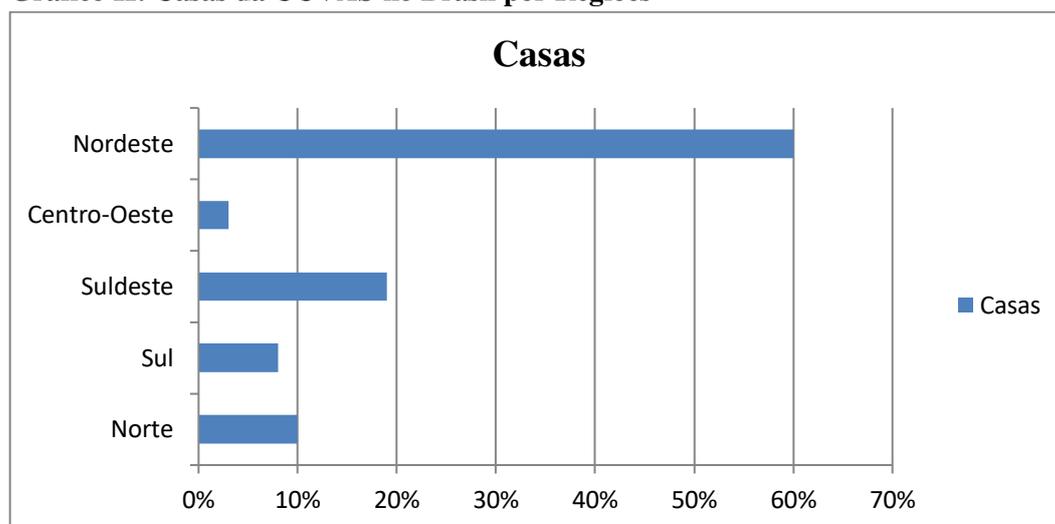
Na tabela acima é possível identificar a concentração das missões da CCVAS no eixo das três capitais de estados vizinhos no Nordeste: o Rio Grande do Norte, o Ceará a Bahia e a Paraíba. É possível encontrar a presença da CCVAS em todas as regiões brasileiras, em pequena, média ou grande escala. A sua difusão pode ser entendida pela propagação de informações nos meios sociais, digitais e pessoais e pela aceitação da população católica, de maioria jovem, mediante a ocorrência das possibilidades de autorreconhecimento, de identificação e pelo carisma, que se relaciona com uma das principais ênfases da Igreja Católica em nível mundial, a saber, a juventude. No gráfico abaixo sintetizamos os dados da tabela acima apresentada, destacando que a região Nordeste, por ser sede do ‘governo Shalom’, possui um maior número das Missões da CCVAS.

Gráfico I: Missões da CCVAS por Regiões no Brasil



Fonte: <https://www.comshalom.org/onde/>

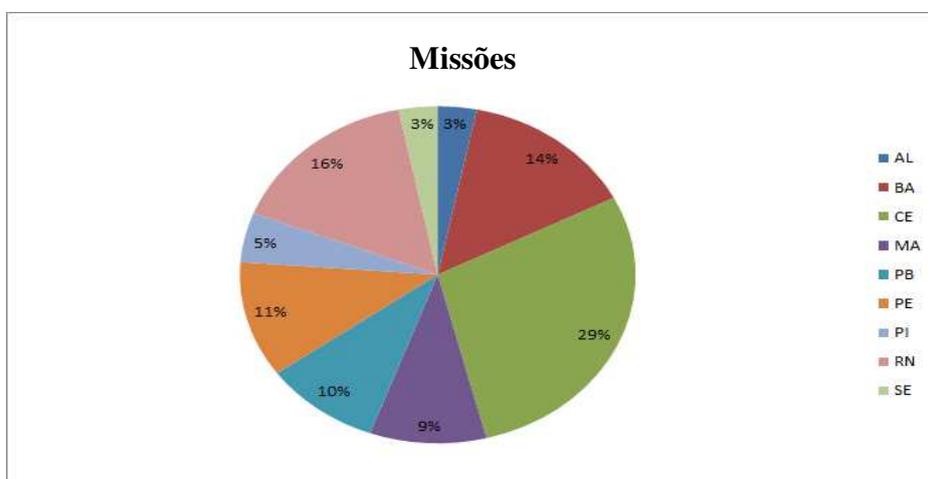
Gráfico II: Casas da CCVAS no Brasil por Regiões



Fonte: <https://www.comshalom.org/onde/>

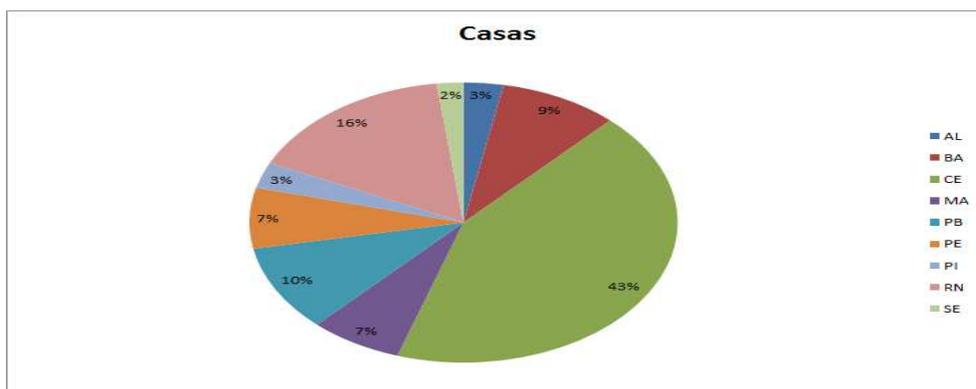
Repetindo o padrão das Missões, as casas estão mais presentes na região Nordeste do Brasil.

Gráfico III: A Missão Shalom no Nordeste



Fonte: <https://www.comshalom.org/onde/>

Gráfico IV: Casas da CV Shalom no Nordeste



Fonte: <https://www.comshalom.org/onde/>

1.11 A Difusão da CCVA Shalom no Brasil no Campo Digital e Informacional

Desde o surgimento da igreja católica, é comum o entendimento dessa como uma instituição na qual se encontra presente um forte pensamento tradicional e regulamentado. No século XXI é possível entender a transformação dos hábitos católicos mediante o surgimento da NCC. Tendo em vista que seus objetivos é alcançar principalmente os jovens, entende-se a centralidade do uso de mecanismos do meio digital.

Recentemente a Igreja Católica tem adotado uma ênfase destacada na juventude (SILVA; VIEIRA & SILVA, 2012), nos costumes juvenis, o que tem se refletido na adoção de mecanismos de exposição social e inserção nos novos campos digitais. A CCVAS, assim como outros grupos da RCC, tem investido na cultura e na divulgação digitais. A CCAVS possui *e-mails*, canais no *Youtube*, espaço na TV aberta, revista própria, páginas de *Facebook* e *Instagram*, além de possuir sua própria emissora de rádio, editora de livros e banda de música.

A Editora Shalom está localizada em Aquiraz – CE, na Diaconia, sede do governo geral da Comunidade. Nela são editados não apenas os livros referentes à Comunidade, como também estudos bíblicos, cadernos de oração, de liturgia, o Pão da Vida e a Revista Shalom-Maná. Muitos de seus livros foram escritos pelo fundador Moysés Azevedo e pela cofundadora, Maria Emmir. As edições Shalom operam como editora, produtora, gravadora e distribuidora de seus produtos. São produzidos livros, audiolivros, cadernos de oração, estudos bíblicos, CDs musicais e oracionais, DVDs de palestras e Shows, camisetas, e a liturgia diária pão se vida. Seus produtos podem ser encontrados para compra na internet e nos centros de evangelização de cada missão.

O primeiro veículo de comunicação da CCVAS foi a Revista Shalom-Maná, lançada em 1986 e existente até a atualidade. De início se chamou apenas 'Revista Maná'. Em 1992 se tornou 'Revista Shalom-Maná'. Seus artigos eram escritos por membros da comunidade e atualmente além desses também conta com a participação de colaboradores católicos de fora dela. De periodicidade mensal, é direcionada aos jovens, à família e aos 'desejosos de conhecimento espiritual católico'. A revista traz entrevistas, reportagens, testemunhos, formação espiritual, doutrinária e humana, notícias da Igreja, dentre outras seções.

Em 1998 surge a Banda Musical 'Missionários Shalom'. Composta por membros da comunidade, foi inicialmente denominada de 'Ministério de Música Missionário'. Atualmente se faz presente em todo o Brasil através de shows. A CCVAS possui diversos outros músicos, cantores e compositores, tanto da CV quanto da CA.

A CCVAS possui um canal oficial no *Youtube*, denominado 'Comunidade Shalom'. Foi criado em 19 de Julho de 2007 e conta nos tempos atuais com cerca de 122.297 inscritos. Também possui canais relacionados, igualmente produzidos por membros da comunidade, como o "Cia das Artes Shalom", criado em 19 de Maio de 2012, contando atualmente com cerca de 1616 inscritos; o "Missionários Shalom", lançado em 25 de Fevereiro de 2015, contando atualmente com cerca de 46.507 inscritos, dentre outros.

Em 2008, a CCVAS adquiriu a Rádio 690 AM Dragão do Mar, na cidade de Fortaleza – CE, administrada por Antônio Furtado, um padre shalomita. A emissora apóia eventos ligados à comunidade, como o "Festival Halleluya" e o "Evangelizar é preciso". Atualmente é produtora da Rede Shalom de Rádios.

A CCVAS está presente também na TV aberta, por meio de Emissoras como a Rede Vida de Televisão, que exibe o programa Shalom, denominado 'Fazendo Barulho', apresentado aos domingos das 14h às 16h; a Emissora TV Horizonte, sediada em Belo Horizonte – MG, que opera nos canais 19 e 30 UHF digital, com o programa 'Essa Juventude', direcionado aos jovens, apresentado por um postulante Shalom e uma fonoaudiologista. Esse programa estreou em 04 de Novembro de 2017 e é transmitido aos sábados das 13h às 14h e reprisado aos domingos, no mesmo horário.

A inserção da CCVA Shalom nas redes sociais como também em meios de comunicação em massa é definida como visando à difusão de informações a respeito de seu carisma e da existência da comunidade, como também de evangelizar e motivar mais pessoas para a forma de viver o catolicismo que ela propõe, bem como do contato e troca de informações entre membros de diversas missões e outras CCVA.

Para os shalomitas, para que o processo de caminhada para a ‘busca da vocação shalom’ se inicie há a necessidade de um primeiro contato, a partir do qual os indivíduos que se sentem atraídos podem adquirir e iniciar a construir sua identidade Shalom. Os membros da CCVA Shalom não possuem *facebook* ou *whatsapp*, posto que vivem uma certa forma de reclusão. Algumas missões criam páginas no *facebook* e em outras redes sociais, para melhor se aproximarem dos fiéis católicos e jovens, compartilhando seus eventos, convicções e carisma.

CAPÍTULO 2 - A CCVA SHALOM DE CAMPINA GRANDE: Os Modelos de Ascetismos e as Experiências dos Seus Membros

2.1 O Nascimento da CCVA Shalom em Campina Grande

Na primeira década do século XXI alguns membros de uma Comunidade de Aliança Shalom de João Pessoa realizavam trabalhos de evangelização na diocese de Campina Grande, formando-se gradualmente um contingente significativo de adeptos campinenses. Tais indivíduos eram engajados em diversos serviços de evangelização, vocacionados e membros em formação, todos membros de Aliança da Shalom, o que motivou o pedido do bispo Dom Delson à comunidade Shalom (precisamente à Coordenação Geral, localizada em Fortaleza), que enviassem missionários para atuar na cidade e nelas exercerem funções evangelizadoras.

O centro evangelizador Shalom foi inaugurado na cidade de Campina Grande em 28 de Novembro de 2015, através de uma missa presidida pelo então bispo diocesano Dom Delson.

Na organização hierárquica da igreja e da comunidade Shalom, é necessário para se abrir uma missão em um local, que o bispo local faça o pedido à Coordenação Geral da comunidade, por meio de carta. Ou pode também acontecer o inverso: a comunidade faz o pedido ao bispo por carta, explicando os motivos e necessidades de se ter a missão da comunidade na cidade. E esses podem vim a aceitar ou não, dependendo de fatores tais como o potencial estratégico do local. Ou seja, se é um ambiente onde existe possibilidade de evangelização e boa aceitação por parte dos habitantes da cidade; se há espaço para levar a crença católica à boa parte da população e se existe condições financeiras para que a CV permaneça no local.

No ano de 2015 então, a CCVA Shalom iniciou um processo de prospecção para uma possível fundação da missão em Campina Grande. A decisão de instalar uma Missão em CG foi divulgada em 19 de fevereiro de 2016. A cidade estava então liberada para receber membros não só da Comunidade de Aliança, como também da Comunidade de Vida Shalom, conforme descrito em seu *site* oficial:

A comunidade, atendendo aos apelos de Deus e da igreja percebeu que o tempo de fincar raízes neste solo havia chegado. Um grande júbilo tomou conta dos membros da comunidade e de todos aqueles que se identificam com o carisma e com a forma de evangelização Shalom. (*site* Comunidade Shalom)

Foi então que, a comunidade Shalom, por meio da coordenação geral, enviou missionários da Comunidade de Vida, sendo inicialmente três mulheres e dois homens. Posteriormente agregou-se mais um membro, vivendo os seis, o primeiro ano de fundação na cidade. Atualmente existem cerca de quatorze membros, sendo nove mulheres e cinco homens, até o fim dessa pesquisa, todos habitantes do bairro Jardim Paulistano.

Esses indivíduos estão divididos em duas casas comunitárias diferentes: uma só para as mulheres e outra só para os homens. As casas ficam próximas do centro evangelizador Shalom, no qual todos se reúnem para organizar as ações de evangelização e exercer suas funções.

Todos os dias, o café da manhã é realizado nas casas separadas e o almoço e jantar acontecem na casa feminina, que possui uma área maior que a dos membros homens. Nela também existe um espaço para orações.

As refeições são produzidas por grupos de membros de Vida, selecionados mediante uma organização de tarefas planejadas semanalmente, seguindo um revezamento de pessoas nessa tarefa, de modo que ninguém se atenha apenas a essa tarefa. Todos desempenham tarefas domésticas nas casas e de evangelização.

De acordo com os membros de Vida da CCVA Shalom com quem conversamos, em meio às ações coletivas produz-se um “forte sentimento fraterno, um sentimento de família”. Eles dizem se considerarem uns aos outros como irmãos, “irmãos em Cristo”. “Deus é o Pai, que deve ser obedecido e amado acima de tudo. Os filhos do pai são irmãos e devem viver em irmandade o que requer harmonia, compreensão, cooperação e respeito”.

3.2 A Rotina da CCVA Shalom na Cidade

Os membros da Comunidade de Aliança, embora não vivam todo o tempo de sua rotina diária na comunidade Shalom, dedicam muitos esforços a essa no tempo em que não estão trabalhando fora. Eles administram uma rotina ora no mundo, ora na comunidade, e atribuem um forte valor e dedicação ao momento em que estão na comunidade.

Entre os membros da CV existe um controle rígido de suas rotinas e de seu tempo. Eles despertam às 6h45min, fazem a higiene pessoal, tomam o café da manhã, fazem a faxina e em seguida vão para o Centro Evangelizador Shalom (CES), que é o local onde todos eles se reúnem, para rezar, se organizar, planejar e delinear sua atuação na comunidade.

Quando chegam ao CES eles têm o momento da *Laude*, que é uma espécie de “louvor da manhã” feito em silêncio e de modo individual. Geralmente ocorre entre 8h00min e

08h30min. Todas as atividades praticadas no turno da manhã entre os membros da CV Shalom são realizadas em silêncio. Eles atribuem um forte valor a essa característica, visto que dedicam a manhã à sua intimidade com Deus. Assim sendo, o gesto de falar com o outro é limitado apenas a pedir algo quando necessário, cada um limitando-se a falar “o básico, prevalecendo à inexistência de conversas longas, diálogos e distrações”.

Segundo um dos membros entrevistados, a *Laude* objetiva tornar santo o período da manhã, conforme expresso na Bíblia nos seguintes termos: “O louvor da manhã, têm por fim consagrar a Deus os primeiros movimentos da nossa alma e do nosso espírito, de modo a nada emprendermos antes de nos alegrarmos com o pensamento de Deus, segundo o que está escrito” (Salmo 76,4). Outro entrevistado aludiu a outros trechos bíblicos para descrever o significado atribuído à *Laude*: “esta hora, recitada ao despontar da luz de um novo dia, evoca também a Ressurreição do Senhor Jesus, a Luz verdadeira que ilumina todos os homens” (João, 1: 9), o “Sol de Justiça” (Malaquias 4: 2), o “Sol nascente que vem do alto” (Lucas 1:78).

Logo após a *Laude*, vem o momento de oração, que dura duas horas. Na primeira hora os membros da CV se dedicam ao estudo bíblico; na segunda hora, fazem suas orações pessoais.

Após o momento de oração, acontece o momento de ‘formação’. Nesse momento, “busca-se formar o ser para um melhor convívio consigo mesmo e com o outro na comunidade”. Os temas são diversos, focalizando desde ‘economia doméstica’, através da qual se discutem questões de limpeza da casa; passando por ‘leituras’, sendo dadas orientações a respeito de leituras bíblicas, tudo na “busca da formação do ser espiritual”. Toda sexta-feira o tema é ‘partilhas de vida’, realizadas para “manter vínculos de afeto, respeito, conhecimento e troca de informações entre os membros”.

Após o “momento de formação” acontece a Missa ou a Celebração da Palavra Bíblica. A razão para a alternância entre essas é o fato de a missão ser recente na cidade, ou seja, ainda estar em processo de organização, o que provoca um desencontro de horários entre os padres que são chamados a celebrar as missas, os espaços nos horários para a ocorrência delas e as outras atividades dos padres e membros da comunidade. Na impossibilidade da presença de um padre, ao invés da Missa diurna acontece a Celebração da Palavra Bíblica.

Após esse momento, ocorre o almoço, às 12h30min, momento em que o silêncio da manhã é então quebrado, estabelecendo-se um espaço interacional mais intenso entre os membros da CV. O almoço dura até as 13h, sucedendo-se um breve descanso pós-refeição.

Por volta das 14h os membros da CV retornam ao CES, fazem uma breve faxina e posteriormente dedicam-se ao exercício de suas funções na Missão.

Às 16h ocorre uma pequena pausa para o lanche da tarde, a qual dura até as 16h30min, voltando os membros às atividades, que duram até as 18h. Nesse momento acontece o encerramento das atividades diurnas e o início da oração comunitária da CV, chamada de ‘Vésperas’. Essa oração dura em média uma hora. Esse é o momento onde além das orações, cânticos, agradecimentos, os shalomitas por vezes se sentem chamados a falar ‘em línguas espirituais’. Nesses momentos de rezas, eles esperam receber de Deus mensagens sobre seus “discernimentos”. Tanto as *Laudes* quanto as ‘Vesperas’, são consideradas como as orações principais dentro da tradição milenar da Igreja Católica, sendo definidas como momentos em que se “celebram as horas da igreja”.

Após o momento da oração comunitária que acontece na capela do CES, os participantes da CCVA Shalom se reúnem em uma sala, na qual falam uns para os outros o que sentiram naquele momento de oração, e se porventura alguém teve alguma “revelação de Deus” para consigo. Na maioria de relatos que presenciamos, eles afirmam sentir uma enorme paz e libertação de seus sentimentos de egoísmos e inseguranças, típicos do “mundo ordinário”. Depois desse momento, eles vão jantar, às 19h, voltando para as casas da Shalom às 19h30min aproximadamente.

No período da noite são realizados vários trabalhos durante a semana, tais como ministérios, grupos de oração e reuniões. Os ministérios existentes na Shalom são muitos. Reúnem-se toda quarta feira, sendo uma quarta no mês a reunião de todos os ministérios juntos, para ter ‘formação’. Essa reunião é denominada de “Encontro dos Servos Apostólicos”. Nela ocorrem análises coletivas, o que eles chamam de “discernimentos” e são realizadas orações.

Após essas atividades as pessoas da CV voltam para as casas coletivas, por volta das 21h30min, fazem o lanche da noite e em seguida realizam as ‘Compleatas’, que também compõem a “liturgia das horas”, sendo essa uma espécie de oração do fim do dia, “para se reconciliar, pedir perdão a Deus pelos pecados e louvar”. Essa oração é feita de modo coletivo nas duas casas.

De modo sintético, assim se organiza a rotina dos membros da CV Shalom, Missão Campina Grande:

QUADRO III– Rotina Diária da CV em Tempos Comuns

Horário	Atividades
06h45min	Despertar
08h00min	‘Laudes’
8h30min	Estudo bíblico e Oração pessoal
10h30min	‘Formação’
11h30min	Celebração da Palavra
12h30min	Almoço
14h00min	Breve faxina no centro evangelizador
14h30min	Exercício de funções na Shalom
16h00min	Lanche da tarde
16h30min	Retorno às atividades
18h00min	‘Vésperas’ (oração Comunitária)
19h00min	Jantar
19h30min	Ministérios; Grupos de oração ou Reuniões.
21h30min	Lanche da noite
22h00min	‘Completas’
22h30min	Descansar

3.3 Etapas de Formação dos Membros da CCVA Shalom

Para chegar a se tornar um membro consagrado da Shalom, seja da Comunidade de Vida ou de Aliança, é necessário passar por algumas etapas fundamentais, as quais envolvem dedicação, persistência e principalmente o que eles consideram como a percepção do “chamado divino”, da vocação. O indivíduo no seu contato com o carisma Shalom pode se sentir ‘tocado’, chamado a viver a crença e o evangelho segundo a vontade de Deus, em uma dedicação intensa; também para se descobrir como um ser que possui sua função no mundo e evangelizar os demais seres. O indivíduo precisa passar por quatro etapas marcantes para atingir o grau máximo de associação na Shalom, a saber: a Obra, o Postulantado, o Discipulado e a Consagração.

3.3.1 A ‘Obra’ Shalom

A primeira etapa pela qual passa o aspirante a membro Shalom é a ‘Obra’, termo utilizado para se referir aos indivíduos que estão inseridos nos grupos de oração e no

vocacional. Nesse estágio, os aspirantes a membros da Shalomestão em formação na comunidade, estão em ‘construção’. As pessoas que têm o primeiro contato com o carisma Shalom e desejam ingressar na comunidade, de início passam a frequentar os grupos de oração, considerados fundamentais, pois neles os indivíduos “entram em contato com Deus”, pedindo para que “Ihe mostrem o caminho que devem seguir”.

Somente em circunstâncias especiais um sujeito pode passar direto para o ‘vocacional’, sem antes participar dos grupos de oração. Isso ocorre mediante o ‘encontro vocacional aberto’, que é realizado anualmente, no qual é oferecido pelos membros da CCVA Shalom um ‘plantão vocacional’, destinado aos sujeitos que já venham trilhando um caminho nos grupos de oração da comunidade ou que tenham sentido o ‘chamado’ e querem conversar com alguém responsável pela comunidade.

Nesses encontros, os indivíduos passam por uma conversa, uma entrevista informal com alguns dos responsáveis pela CCVA Shalom local, aos quais é atribuída a competência para perceber a existência de uma inclinação, da vocação dos interessados. Se o ‘entrevistador’ perceber no sujeito a existência de um forte carisma típico da comunidade, ele pode interceder pelo indivíduo diante dos responsáveis na comunidade e caso haja interesse do ‘entrevistado’, esse pode passar a trilhar o ‘caminho vocacional’, inclusive nos casos de não terem passado pela ‘Obra’.

3.3.2 Fases da ‘Obra’ - do Grupo de Oração

Os grupos de orações são considerados itinerários do ‘Caminho da Paz’, descrito como uma fase para a entrada na ‘Vocacional’. Neles são realizados rituais de envolvimento pessoal, espiritual com a crença no ‘Cristo ressuscitado’. As pessoas inseridas no grupo se reúnem uma vez por semana para as práticas de orações, que são considerados ‘caminhos para a vivência intensa no espírito santo’. A ‘Obra’ Shalom possui cinco etapas ou fases, a saber: *Kerigma*, *Filoteia*, *Metanoia*, *Koinonia* e *Martiria*. Todos esses termos advêm do Grego.

Kerigma significa “anúncio, ordem, pregação do evangelho”. Ela descreve a fase em que se busca ‘intensificar a experiência com o Cristo por meio da manifestação do amor divino e estimular a utilização dos carismas do espírito santo’. Nessa fase, o indivíduo é exposto ao ‘conhecimento de Deus como ser amoroso e presente’, buscando ‘a percepção dos dons dados por Ele e sendo incentivado a testemunhar sobre esse sentimento’.

Filoteia significa “amigo de Deus, piedoso”. É a fase voltada ao “amadurecimento espiritual do aspirante a membro Shalom”. Nela os aspirantes dedicam mais tempo de oração do que na fase anterior, e passam por processo de formação para a “vida em sacramento, o louvor e a devoção”. Nesse período, juntamente com a participação do coordenador do grupo de oração, é realizado o “discernimento do ofício em um ministério” – a prospecção referente a quais funções o aspirante eventualmente é “vocado”.

Metanoia significa “arrepentimento, penitência”. É também considerada como “segunda conversão”. Essa fase tem por objetivo propiciar oportunidades de que o aspirante experimente uma “real conversão a Cristo, por meio da escolha livre e íntima”. O ser que escolhe tal mudança em suas percepções deve acolher os desafios consecutivos da prática do evangelho. Conforme afirmamos textos da Bíblia citados nas entrevistas e também encontrados no *site* da comunidade como sendo palavras de Cristo, “se alguém me quer seguir, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Marcos, 8:34). Nessa fase, os aspirantes a membros da CCVA Shalom são colocados diante das renúncias das vivências comuns dentro “do mundo”, requisitos necessários a sua inserção no grupo.

Koinonia significa “comunhão”. Nessa fase, os aspirantes a membros já estão bastante familiarizados e “envolvidos com o amor divino, a fraternidade e o carisma shalom”. No *site*, o objetivo dessa fase é descrito como o de “promover o amor ao próximo através de um processo intenso de conversão e cura interior”

Martiria quer dizer “testemunha”. O objetivo dessa fase é a preparação dos aspirantes para a vida de “testemunhas de Jesus”, inclusive para as pressões que são previstas na realização de suas missões. Estuda-se nessa fase a ‘vida dos santos’, com o objetivo de preparar o aspirante para “um percurso verdadeiro de acompanhamento de Cristo”.

3.3.3 O Vocacional

Após uma rotina frequente de orações em grupo na Shalom e tendo passado por suas etapas de aprofundamento, se o indivíduo sentir que esse é o seu caminho, ele passa para o grupo vocacional, paralelo ao grupo de oração, com o objetivo de se certificar se a entrada e participação na CCVA Shalomé mesmo sua ‘vocação’. De modo concomitante às fases da ‘Obra’, o indivíduo-aspirante a membro participa uma vez por mês, durante o tempo médio de um ano, dos ‘encontros vocacionais’.

Inicialmente a pessoa participa dos Encontros Vocacionais Abertos, que ocorrem geralmente no mês de março ou abril de cada ano. Destes, qualquer pessoa que tenha interesse pode participar. Posteriormente, de acordo com o nível de interesse na inserção do grupo, o indivíduo vai para o Plantão Vocacional, passando a ser orientado e assistido por um Acompanhador Vocacional, com o intuito de interpretar ‘corretamente’ as ‘revelações divinas e em seu tempo de amadurecimento espiritual, discernir o sentido e a direção de sua vocação, seja na inserção como membro Shalom, ou em outras atividades no interior da igreja’.

Para os já membros da CCVA Shalom, o Plantão Vocacional é o período em que os eles se revezam em uma espécie de acompanhamento permanente, durante determinado tempo, para receber os vocacionados e os escutar e orientar, além de discutir com eles acerca dos sentimentos desenvolvidos durante o Vocacional Aberto e a percepção do caminho que devem seguir. Realizam-se muitos períodos de leitura da Bíblia e de reza por eles e com eles. Após isso o indivíduo vai para o Vocacional Fechado, encontros mensais que têm o objetivo de aprofundamento no carisma Shalom.

Durante o ano vocacional, o indivíduo vocacionado tem a possibilidade de viver uma experiência na missão da comunidade Shalom. Geralmente o vocacionado passa um período de trinta dias nas casas da Comunidade de Vida, participando de suas atividades e rotinas diárias, e depois cerca de dois meses participando da Comunidade de Aliança, seguindo o ritmo dos missionários shalomitas de Aliança. De modo concomitante a esses processos, a coordenação vocacional realiza também dois retiros: um de ‘Aprofundamento’, que ocorre no mês de agosto ou setembro, e o ‘retiro vocacional’, no final de dezembro ou em janeiro.

Há também a possibilidade do sujeito viver uma experiência como membro estagiário da CV, para além do estipulado no período vocacional, sendo nele considerado ‘Jovem em Missão’. Esses são jovens que vivem um período de missão cerca de um ou dois anos na comunidade, sem necessariamente serem membros efetivos dela.

O Jovem em Missão, embora não necessite ser efetivo na comunidade, precisa fazer parte dos grupos de orações da mesma, há pelo menos um ano. O sujeito deve ter idade mínima de 18 anos, ter concluído o ensino médio e caso frequente algum curso superior, deve trancá-lo. Também é necessário ter boas condições físicas e psicológicas, que favoreçam a vivência em comunidade, assim como também possibilitem o desenvolvimento de exercícios apostólicos na Shalom.

Para fazer parte do ‘Jovem em Missão’, o aspirante deve ser aprovado pelo coordenador comunitário, mediante acompanhamento, conversas, preenchimento de um

questionário de pedido de missão e “discernimento, por meio de orações”. Assim procedendo, os demais shalomitas cultivam uma posição acolhedora com tal jovem, “cuidando de sua condução e zelando por sua formação, tanto na casa em comum quanto na vivência apostólica”, pois o objetivo definido é o de “crescimento espiritual e amadurecimento vocacional” de tal sujeito. Ser um “jovem em missão”, embora possua a função de promover a confirmação pessoal da percepção do caminho vocacional do indivíduo, não é uma etapa obrigatória, mas sim algo opcional que envolve percepções e sentimentos particulares.

Tendo passado pela fase vocacional obrigatória no tempo mínimo estipulado, o indivíduo tem a opção de decidir entrar na comunidade. Se ele sentir que essa é sua vocação, envia uma carta à comunidade, pedindo ingresso no Postulante, na modalidade de Comunidade de Vida ou Aliança, dependendo da sua percepção do “chamado vocacional”.

3.3.4 O Postulante

Para entrar no Postulante, o candidato deve escrever uma carta ao responsável, pedindo ingresso. Se em seu “discernimento” entender que sua vocação é para a Comunidade de Vida, envia uma carta explicando os seus motivos e pedindo ingresso nessa, para o “governo geral” da CCVA Shalom, situado em Fortaleza- CE. Porém, se sentir que Deus lhe chama à Comunidade de Aliança, o indivíduo manda igualmente uma carta para o governo local, situado na cidade onde ocorre a Missão e que o indivíduo habita. Se a resposta for positiva, inicia-se o postulante.

O ritual de iniciação dos postulantes acontece em meio a uma missa. Nele lhes é entregue um livro, no qual estão formalizados os estatutos da Comunidade. Esse estatuto contém aconselhamentos para a vivência das regras de condutas da comunidade. A principal regra é “a vivência da castidade, pobreza e obediência”. Além dessa, destacam-se outras relativas à sobriedade e vestimentas.

O postulante é um período de experiência do membro postulante. Dura cerca de um ano, no mínimo, para os da Comunidade de vida, e dois anos, para os da Comunidade de Aliança. Ou seja, ele não é ainda um membro efetivo da comunidade, mas vive no exercício da experiência “em busca da certeza da escolha”.

Tais postulantes participam duas vezes por semana das células de vivência comunitária e oracional, reforçando também o apostolado e a função de desenvolvimento da evangelização. Nessa fase eles também possuem um Acompanhador Vocacional.

3.3.5 O Discipulado

Tendo passado o tempo do Postulantado, estando o apóstolo convicto de sua vocação e com uma formação espiritual mais sólida, a partir da concordância do seu Acompanhador Vocacional, ele enfim pode passar para a fase do discipulado, na qual se entra através de um ritual de iniciação realizado em uma missa. Nesse ritual o aspirante a membro da CCVA Shalom recebe o TAU, o colar, um sinal da confirmação coletiva de sua vocação. O TAU possui a cor cinza para o indivíduo que foi “discernido” a CA e bege para o “discernido” para a CV.

O Discipulado é dividido em duas partes: o de primeiro ano e o de segundo ano, cada um deles durando cerca de no mínimo um ano.

Para os membros aspirantes à Comunidade de Aliança, o tempo do discipulado é vivido na Missão de origem, já que os membros dessa modalidade, mesmo que possuam vínculos fortes com a CCVA Shalom, vivido de forma intensa e responsável, elas possuem também uma rotina dentro do mundo, na sua ligação com o trabalho, estudo e sua família.

Para os membros aspirantes à Comunidade de Vida, o discipulado de primeiro ano ocorre em uma das casas de formação da comunidade Shalom, no Ceará, dentre as quatro existentes no estado (duas delas estão localizadas na cidade de Eusébio, uma em Pacajús e outra em Quichadá). O segundo ano do Discipulado ocorre em qualquer outra Missão. O “discípulo” é enviado para outra cidade ou até outro estado que esteja precisando de membros shalomitas.

O aspirante a membro da Comunidade de Vida nunca permanece na Missão de origem, que geralmente é em sua cidade natal. Ele deve estar disposto a atender as necessidades da comunidade e quando necessário ser transferido para outras Missões.

3.3.6 A Consagração

A consagração à comunidade Shalom é o último nível do shalomita dentro da comunidade. Após ter passado por todas as etapas anteriores nos tempos necessários, o adepto da Shalom tem a possibilidade de se tornarem um membro consagrado efetivamente.

Nessa fase eles mudam a cor do TAU. Os membros da CA trocam o TAU da cor cinza para outro de cor branca – o primeiro significa a morte para as atividades mundanas e práticas do pecado; o segundo simboliza a luz, o renascimento em Cristo. O membro da Aliança é

‘chamado’ a ser “luz no mundo e sal na terra”. Ele é chamado a ser sinal de Deus em meio às práticas ordinárias do dia a dia na sociedade. Assim, entende-se que eles são escolhidos para a vocação de povoar o mundo, vivendo “no mundo”, para exercer sua ação evangelizadora aonde conseguirem ir.

Os membros da CV passam a usar um TAU marrom escuro, significando o despojamento para o mundo, fazendo alusão aos votos da pobreza e da humildade. O TAU marrom escuro significa “deixar tudo, morrer para o mundo e viver segundo a vontade de Cristo na terra”, em meio às funções na CCVA Shalom.

Nessa etapa existem cinco níveis, a saber: o T1, o T2, o T3, o T4 e o T5. Ao chegar ao último nível, o indivíduo se habilita para os votos finais na comunidade, consagrando-se definitivamente.

A passagem de níveis se dá mediante a avaliação dos membros efetivos destinados ao acompanhamento de cada indivíduo consagrado, utilizando-se os seguintes parâmetros: a dedicação, os esforços para se fazer cumprir os objetivos da comunidade no que tange a evangelização, a capacidade de seguir as regras e os preceitos da CCVA Shalom.

As avaliações são anuais, durando no mínimo cinco anos a passagem do nível T1 para o nível T.O ‘T’ é referente ao ‘Tau’, colar utilizado por eles como uma ligação, uma aliança Shalom. Cada passagem é celebrada em uma missa. Fica perceptível no sistema descrito os mecanismos de intenso controle exercidos sobre os indivíduos da CCVA Shalom, construídos em termos da avaliação, da presença dos sentimentos de compromisso, responsabilidade, dedicação, amor e vocação dentro da comunidade.

3.4 O TAU

O ‘TAU’, é um colar que carrega um símbolo no formato de cruz, tendo em seu centro xilografado em hebraico a palavra *Shalom*. Tal termo significa “a plenitude da paz”. Os shalomitas entendem que “a paz é a presença de Jesus”. Portanto o símbolo é uma indicação pública da “ligação constante ao Divino”.

Conforme dados colhidos no *Blog* da comunidade e relatos de seus membros, o TAU é referente à décima nona letra do alfabeto grego e última letra do alfabeto hebraico. Ela passou a ser referência de cristandade católica, por ser semelhante a uma cruz. Em uma reunião ocorrida em 1215 D.C, essa letra simbólica foi adotada pelo Papa Inocência III e por São Francisco como símbolo cristão.

O crucifixo que inicialmente foi bastante utilizado pelos franciscanos, na ordem religiosa ‘dos frades menores’, carrega em seu cordão três nós, que significam: pobreza, castidade e obediência. Embora o cordão dos Shalomitas não possua os três nós, esses votos (castidade, pobreza e obediência) também fazem parte de seus princípios e vivências.

Esse símbolo foi adotado pela Comunidade Católica Shalom, que entende a cruz como “significado de identidade e amor do Cristo que morreu crucificado para salvar a humanidade, e assim ressuscitou. É um símbolo de vida do Cristo, bem como da presença de suas obras”. Frei Vitório fala nos seguintes termos sobre a vivência do TAU:

Este cordão (O Tau) significa o elo que une a forma de nossa vida. O fio condutor do Evangelho. A síntese da Boa Nova são os três conselhos evangélicos. (...) Obediência significa acolhida para escutar o valor maior. Quem abre os sentidos para perceber o maior e o melhor não tem medo de obedecer e mostra lealdade a um grande projeto. Pobreza não é categoria econômica de quem não tem, mas é valor de quem sabe colocar tudo em comum. Ser pobre, no sentido bíblico-franciscano, é a coragem da partilha. Ser puro de coração é ser transparente, casto, verdadeiro. É revelar o melhor de si. Os três nós significam que o obediente é fiel a seus princípios; o pobre vive na gratuidade da convivência; o casto cuida da beleza do seu coração e de seus afetos. Tudo isto está no Tau da *existência*. (Frei Vitório Mazzuco, OFM, *In Arquivo Shalom/ site da comunidade Shalom*)

Este cordão traz a significância do elemento identitário que une as formas de vida católica na Shalom. Esses três votos (Pobreza, castidade e obediência) indicam um modo de vida que devem diferenciar os shalomitas em relação a outros indivíduos, indicando seu processo de ascese.

O conselho evangélico da obediência, diz respeito à humildade para perceber o ‘valor maior. O entendimento de que a vontade de Cristo é maior e melhor que a sua’. Para o shalomita, “a percepção da superioridade divina traz consigo a responsabilidade de obedecer, prostrar-se, sujeitar-se; se reconhecer como criatura, obra divina que possui uma função no mundo dado por Cristo”.

O conselho da castidade permite que homens e mulheres vivam em irmandade, fraternidade sem as tensões do exercício da sexualidade. Os shalomitas da CV entendem que o corpo deve ser preservado, evitando-se “práticas mundanas”. Para os shalomitas da CA, o corpo do homem é tido como um meio de frutificação seja da palavra de Deus, da prática e propagação do evangelho, através do matrimônio, pelo qual se gera uma família.

O princípio da Pobreza não significa a não-posse total de bens, mas sim “o reconhecimento do bem comum, da partilha comunitária, sem luxo, sem excesso ou

ganâncias. Ser pobre na análise franciscana é o poder da partilha”. Na Shalom, especificamente entre os membros Comunitários de Vida, “viver a pobreza é o entendimento de que nada é de ninguém, mas que tudo que lhe é entregue é para sua administração própria”. Na CV tudo é compartilhado, mas aquilo que um administra, segue sob sua responsabilidade. Então, referente ao uso de um objeto qualquer, como o Celular, por exemplo, a eles é permitido somente após a entrada no discipulado de segundo ano, para o exercício de atividades da comunidade. Tal objeto é responsabilidade daquele a quem ele foi confiado para que o administrasse. Ninguém pode pegá-lo sem sua autorização. Caso haja a necessidade, esse membro pode disponibilizá-lo para uso de outros. Os membros da CV possuem suas roupas em quantidades contadas para a sobrevivência na comunidade. Caso haja a necessidade de outra roupa, essa é informada e a formadora comunitária irá analisar o caso, podendo disponibilizar-lhe outra.

O TAU revela uma escolha de vida para os membros shalons e ao mesmo tempo uma marca de aceitação do “chamado” divino. Todas as vezes que um membro Shalom coloca ou retira o TAU, eles o beijam e proferem as seguintes palavras: “Obrigado, Senhor, por me escolher”.

3.5 O Acesso e a Vivência dos Conselhos/Princípios/Votos na Shalom

Conforme já foi afirmado nessa dissertação, a Comunidade católica Shalom possui duas formas de organização em sua vivência da vocação: a Comunidade de Aliança e a Comunidade de Vida. A primeira, é composta por pessoas que pertencem a Shalom, vivem a vocação e o carisma, cumprindo com suas funções evangelizadoras, porém, vivem também dentro do mundo com os demais indivíduos de outras crenças costumes e rituais, cuidando da família, estudando e trabalhando fora.

Ao membro da CA não é proibido o uso de materiais ‘mundanos’ como TV, celulares, nem o uso de redes sociais e *internet*. Não é proibido o uso de roupas coloridas ou acessórios que chamem a atenção para a beleza física, a exemplo da maquiagem. O membro da CA é um sujeito que vive no interior do mundo e como tal possui momentos em que precisam se utilizar de componentes ‘mundanos’. Entretanto, embora não se proíba nada, se aconselha tudo. O membro da CA precisa ter a convicção de que “tudo lhe é lícito, mas nem tudo lhe convém”, parafraseando um entendimento bíblico, exposto na Bíblia (I Coríntios 6:12).

A escolha do pertencimento na modalidade CA é sentida como um chamado vocacional divino. Adotar a forma de vida do carisma Shalom requer um profundo desejo de servir, tanto ao Cristo quanto nas atividades da comunidade, realizadas com o objetivo de “melhor cumprir a vontade do Cristo, de forma alegre”. Portanto mediante a vivência comunitária, é esperado do adepto que ele cumpra com os preceitos estipulados.

Nesse contexto, é aconselhado ao shalomita de aliança que ele “controle o uso que faz das redes sociais, faça acepção do que assiste e tenha a consciência de que ele é um indivíduo que está mais voltado para Deus do que para o mundo”. É aconselhado também o controle do uso de determinadas roupas que chamem atenção para o corpo, evitando o máximo possível, visto que um dos preceitos defendidos pela comunidade é a vivência da castidade, para um ‘exercício de fraternidade e santidade’.

É compreendida a CCVA Shalom que os membros de Aliança possuem suas rotinas do ‘fora’. Eles vivem no ‘mundo’, pois trabalham, estudam e necessitam de fazer uso de materiais e atividades ‘mundanas’. O importante passa a ser então “a vontade e o coração em Cristo”. Em saber que eles são, dentre os seres “mundanos”, aqueles que se tornam especiais, ao entregarem a sua vida à vontade de Deus. Esses normalmente estão presentes na missão Shalom no período da noite.

Com relação aos adeptos da CA, entende-se que eles foram escolhidos para, no ‘mundo’, levar o conhecimento de Deus e do carisma Shalom – sua ascese é intramundana. Eles têm a missão de habitar a terra, mas com outro olhar, sendo desafiados constantemente a reafirmar a sua crença, os seus princípios e ideais, exercitando sua oportunidade de levar o conhecimento da existência do carisma Shalom. Eles são vistos como “canais de paz, amor e acolhimento”.

Os conselhos evangélicos – castidade, pobreza e obediência – que orientam a CCVA Shalom abrangem toda a comunidade, mas os membros da CV são sujeitos a um controle mais intenso do que o exercido sobre os da CA.

Ao entrar na comunidade de vida, o indivíduo na busca da vivência da pobreza, deve selecionar determinadas quantidades de roupas: 5 conjuntos de roupas de trabalho (o trabalho ocorre no centro de evangelização, sede de reuniões e organizações); 5 de roupas de casa; 3 roupas de final de semana, (roupas de ida às missas); e duas roupas de dormir.

Há também as roupas de esporte¹ e as roupas íntimas, que também são contadas. No caso das jovens, são 8 calcinhas, 3 sutiãs e uma roupa de esporte; no caso dos jovens, 6 cuecas

e uma roupa de esporte. No caso dos calçados são 2 de trabalho, um de casa, um de final de semana e um de festa.

Ainda em relação à vestimenta, uma postulante descreve que a comunidade não impõe nada em relação a isso, mas é algo que precisa sem sentido “de dentro para fora”, ou seja, é uma autoconvicção causada pela autopercepção da crença e dos atos morais corriqueiros advindas com a crença católica cristã e a pertença à CCVA Shalom. As concepções de conduta e moral são então implícitas na crença e não exigidas explicitamente, conforme afirma uma postulante de primeiro anos da Comunidade de Vida:

Tipo assim, eles não impõem nada, porque é uma coisa que tem que vir de dentro para fora sabe?! Ninguém vai chegar em você e dizer: “essa roupa aí, não”. Ninguém vai chegar em você e dizer: “não, essa roupa aí tá muito curta, tá muito justa”. Não. Com um tempo você vai percebendo o que vale a pena e o que não vale. O que convém e o que não convém. (Trecho de entrevista, Postulante 1 - CV)

No interior dessa comunidade estudada, o exercício ascético não deve ser algo imposto de modo explícito, mas adquirido através da observação e sistemas discretos de aprovação e reprovação. É um tipo de controle que depende do assentimento baseado no entendimento do que é disseminado de modo lento e gradual a respeito da posição dos shalomitas no mundo e na comunidade.

Tanto os membros da CV quanto os da CA, são orientados a se vestirem “com sobriedade”, com roupas que “não chamem a atenção”: blusas de mangas, *shorts* de comprimento abaixo do joelho, roupas “sóbrias e castas”. Em relação às roupas íntimas, eles são aconselhados a não usarem roupas “muito escuras”, como nas cores vermelho, preto, roxo, atendo-se ao uso de peças de cores tais como branco, bege, cores claras.

Vejamos como uma discípula de segundo ano da CV descreve a pedagogia das vestimentas na CCVA Shalom:

Existe algo que vai mais além do que inicialmente uma cor, mas para nós como Comunidade de Vida, nós somos chamados à sobriedade em tudo, orientados a usar roupas mais claras, né? Cor de pele, branco, essas cores mais sóbrias assim. (Trecho de entrevista, Discípula 2 – CV)

Os indivíduos transmitem constantemente informações sobre si suas crenças e padrões de religiosidade através de vestimentas, ou comportamentos. Sendo assim, entre os membros

¹ Embora os membros da CV estudada não tenham um espaço determinado para a prática de esportes, eles têm autorização para caso desejem, acordar mais cedo e praticar corrida ou caminhada nas redondezas próximas ao bairro em que habitam.

da CCVA Shalom existe também a necessidade da separação entre o que eles vestem e os modos como se comportam em relação aos de ‘fora da comunidade’. As coisas que os ligam ao mundo e trazem informações como as vestimentas, necessitam ser cuidadosamente selecionadas de modo a não atribuir a elas um valor desnecessário nem transmitir informações consideradas “errôneas e descuidadas” sobre o sujeito no exercício de sua identidade Shalom. As roupas funcionam como sinais diacríticos dos modelos de ascese seguidos/adotados pelos membros da CCVA Shalom.

3.6 O Formador Pessoal e Comunitário *Versus* o Acompanhador Vocacional

Todos os membros da comunidade Shalom e aspirantes a membros possuem um formador pessoal ou acompanhador vocacional, dependendo de suas posições. Essa associação religiosa possui uma organização que abrange todas as pessoas que escolhem fazer parte dela. O sentido dado a cada uma das denominações citadas difere quanto à posição do sujeito que é acompanhado e daquele que o acompanha na comunidade.

Desde a entrada na atividade vocacional shalom, o indivíduo passa a ser auxiliado por um acompanhador vocacional, que faz parte da comunidade. Tendo despertado de fato para a vocação e após processos formais de crescimento nela, apenas ao assumir o papel de um membro shalom que ocorre com ingresso ao discipulado, esse deixa de ter o acompanhador vocacional e passa a ter o formador pessoal e o comunitário. Tanto o acompanhador como o formador realizam encontros com a pessoa que ele acompanha ou ‘forma’, que acontecem no Centro de Evangelizador Shalom – CES.

O acompanhador vocacional, orienta os indivíduos ainda no processo de descobrimento de sua vocação, a perceber, sentir, viver o que seus discernimentos supõe, de acordo com a escuta ativa das respostas divinas e muitas orações, além de aconselhar nos vários aspectos de sua vida, como a familiar e afetiva. Entendendo as percepções do acompanhado em relação à vocação, suas preocupações, possíveis dúvidas, suas experiências dos rituais e rotinas da Shalom, assim como, sobre os objetivos na comunidade e na vida, o andamento dos estudos bíblicos e orações.

São momentos nos quais o acompanhado pode conversar, expor suas percepções e se deixar ajudar por conselhos do acompanhador. Esse último, ajuda o indivíduo a perceber e entender sobre aspectos que muitas vezes passa despercebido por ele, e o aconselha, sempre considerando o lado espiritual. Presente então um forte sentimento de fraternidade e comunidade.

O formador pessoal, forma apenas pessoas do mesmo sexo, tal processo ocorre uma vez por mês, em uma reunião entre os dois sujeitos. Nessa, acontece conversações referente a vida pessoal do formando, tais como as dificuldades que possa estar passando na esfera sentimental, familiar e a vivência dos conselhos evangélicos, ocorrendo aconselhamentos e orientações. Já a formação comunitária acontece a cada dois meses, também em uma reunião singular entre formador e formando, podendo ser pessoas de sexos diferentes. O objetivo desse é referente a percepção, aconselhamentos e acordos que dizem respeito ao exercício de suas funções e vocação dentro da comunidade, se há uma compreensão do estudo bíblico, e no caso da CA a frequência a algumas atividades mais importantes da mesma.

Normalmente, a função de acompanhador vocacional e formador é exercida por membros já consagrados, mas quando não há demanda suficiente desses pode ser confiada tais funções aos discípulos da comunidade. Um membro da comunidade pode ser ao mesmo tempo acompanhador vocacional e formador pessoal. O membro da Aliança pode ter um formador pessoal tanto da CA quanto da CV, mas o membro de Vida só pode ser formado por outro também de Vida.

Assim, o acompanhador vocacional ajuda o indivíduo na percepção da vocação enquanto que o formador pessoal o ajuda na fase de formação espiritual e o formador comunitário contribui para uma melhor vivência do sujeito dentro da comunidade em meio as funções. Todos esses, além de tentarem perceber as possíveis necessidades do outro, lhes dão conselhos, lhes ajudam a entender melhor o processo de formação, motivando-os, e muitas vezes recomendando estudos bíblicos no processo de crescimento espiritual e aquisição do carisma Shalom.

3.7 Os ‘Estados de Vida Shalom’

Na organização Shalom existem três estados de vida dentre os quais os membros das comunidades tanto de vida quanto de aliança podem escolher viver. São eles: o celibato, o matrimônio, ou sacerdócio. Os que escolhem o sacerdócio são os seminaristas, que estudam para essa função, aqueles que se preparam para ao fim de todo um processo de formação se tornarem os padres da comunidade – esse ‘estado’ é possível apenas para homens, conforme retomado na página 82 desse estudo.

O ‘estado de matrimônio’ pode ser vivido nas categorias ‘solteiros’ e ‘casados’. Os solteiros são aqueles que sabem que querem casar algum dia, mas ainda não encontraram

alguém, estando em processo de caminhada ou namoro. Na Comunidade de Aliança, os membros podem se relacionar, namorar, com outros da mesma comunidade, ou com indivíduos de fora da dessa, sendo orientados a viver a castidade – abstinência sexual – até o casamento. Já os adeptos da comunidade de vida só podem namorar e casar com outro membro dessa mesma comunidade.

O namoro na CV acontece seguindo um procedimento estritamente regulamentado. Quando um membro da comunidade de vida se sente interessado amorosamente por outro, esse não lhe fala diretamente, mas conversa com o seu formador pessoal, que discute a questão com o formador pessoal da outra pessoa. O formador pessoal tem o papel de descobrir se existe reciprocidade da outra parte. Caso exista em ambas as partes o sentimento de se unirem amorosamente, e haja o conhecimento e permissão dos principais responsáveis da comunidade local, inicia-se então um processo de ‘caminhada’. Os jovens podem sair e conversar para se conhecerem, mas sempre na presença do formador pessoal. Todo o processo ocorre sem que os outros membros da CV tomem conhecimento, exceto os formadores pessoais dos envolvidos, e, quando necessário, o representante da Missão local. A discricão é definida como “necessária à manutenção da integridade do casal e evitar comentários a respeito”. Passado o tempo da ‘caminhada’, do “conhecer melhor o outro”, pode se iniciar o namoro. Para o namoro é necessário a permissão do governo local e a notícia é recebida com comemoração pelos demais membros.

No processo de namoro, o casal é separado de Missão. Cada um vai para uma Missão diferente, estabelecendo-se uma distância geográfica entre eles. Para o casamento, o governo geral (localizado em Fortaleza-CE), precisa ser informado e autorizar. Esse processo ocorre por meio de comunicação oficial entre os que pretendem se casar e o governo geral da CCVA Shalom, através de cartas. Dada a autorização, é definida uma data e realizada a cerimônia religiosa como nos casos dos de fora da comunidade.

Ao casal é destinado um espaço privado na comunidade, uma casa, para que possam ter sua família. O casal ainda segue todos os hábitos da CV, como a vivência da pobreza e obediência, mantendo-se totalmente envolvidos com as funções evangelizadoras da comunidade. Os eventuais filhos normalmente têm suas despesas custeadas por padrinhos, não sendo obrigados a viver na CV, visto que essa é uma escolha consciente que deve ser feita de modo pessoal. A missão de Campina Grande não possui casais da CV, “tendo em vista a pouca estrutura ainda presente para acolhê-los com todas as suas necessidades”.

Os celibatários são pessoas que consagram sua vida de modo exclusivo às atividades religiosas e espirituais da comunidade. Acreditam que o seu estado de vida eterna após a morte, no céu, será como celibatário, visto que “não existirá mais nem marido, nem mulher, todos serão voltados para Deus”. Esse estado seria uma antecipação na Terra, do que eles crêem acontecerá no Céu. Os indivíduos celibatários consagram a sua castidade a Deus, vivendo sem vida sexual, apenas de modo fraterno, como “irmãos em Cristo”. Esse ‘estado’ é escolhido “mediante muita oração e entendimento de si, discernimento”. A escolha é renovada a cada ano, durante cinco anos, para então ser feito o voto de castidade definitivo, em meio ao discernimento final, através de um ritual que acontece em uma missa.

Todas as passagens de fase, da entrada no postulante até a consagração final são celebradas em missas, assim como também, as renovações dos votos na comunidade.

3.8 Análise das Entrevistas: Experiências e Perspectivas dos Membros da CCVAS

Foram realizadas entrevistas com os membros da CV e CA individualmente, além de aplicados questionários com perguntas objetivas a ambos os grupos, separadamente. Ao todo, o questionário abrangeu 06 membros dos 14 existentes na CV, missão de Campina Grande; e 07 dos 32 da CA. Fizemos entrevistas com 08 dos 14 da CV e com 08 dos 32 da CA. Anexos na página 92.

A intenção da entrevista foi observar, mediante as falas dos membros CV e CA os modos como eles percebem a comunidade, suas experiências no interior dela, como se conheceram, os motivos de suas inclusões nela, possíveis dificuldades e benefícios da escolha vocacional, suas relações com os familiares e amigos após a entrada na Shalom e as sensações provenientes dos convívios nessa comunidade católica. As entrevistas ocorreram no Centro de Evangelização Shalom de Campina Grande-PB, localizado no bairro do Jardim Paulistano. Foram entrevistados homens e mulheres Postulantes, Discípulos e Consagrados, além de um jovem em missão.

Referente ao questionário, esse foi aplicado a indivíduos entre 18 e 43 anos de idade da Comunidade de Vida e sujeitos entre 20 e 42 anos da Comunidade de Aliança. Entre os membros da CV, todos são originários de outras Cidades e Estados, enquanto que os da CA se dividem em três grupos: os que são de Cidades vizinhas que não possuem a missão, por isso se deslocam para Campina Grande; uma parcela de membros que embora tenham nascido em

outras Cidades ou Estados moram atualmente em Campina Grande; e ainda os que são da Cidade.

A escolaridade dos membros da CA varia entre ensino médio completo e pós-graduação. Enquanto os da CV, entre ensino médio e ensino superior completo. Destes, todos moravam com os pais antes do ingresso na comunidade. Todos os entrevistados da CV afirmaram ter sido católicos a vida toda, embora não muito atuantes e ter surgido também de famílias católicas na mesma característica. Dentre os membros da CA a grande maioria também considera ter sido católica a vida toda, com familiares igualmente com tal religião. A maioria tem pais casados. A escolaridade dos pais varia entre ensino fundamental e superior completo. Na CA, a maioria dos entrevistados é solteira, sem filhos, parte deles mora com os pais. Com diversidade de funções sociais como: enfermeiro, estudante, autônomo e a até desempregados.

Parte dos membros tanto CV quanto CA afirmam ter tido alguns momentos de vivências ‘mundanas’ antes de suas experiências com Deus e ingresso no carisma Shalom, do tipo ‘ir a festas e não praticar corretamente o evangelho’, embora a grande maioria já se considerasse católica por tradição. Para alguns, tais hábitos do ‘mundo’ acabaram sendo um empecilho gerador de vazios existenciais, por não se sentirem realizados e completos. Tais ações mudaram quando eles tiveram suas experiências espirituais com Cristo e passaram a sentir o chamado de suas vocações. A necessidade do se encontrar gerou neles o impulso da procura consciente ou inconscientemente, indo atrás daquele que sentiam poder ter todas as respostas: Cristo.

Embora a maioria dos entrevistados se denomine ‘católicos desde a infância’, há aqueles que vieram de outras religiões, a exemplo do protestantismo. Embora relatem nunca ter se identificado de fato com tal religião, frequentando-a muito pouco, por tradição familiar.

Quando eu era criança, meus pais eram evangélicos e iam pra igreja evangélica. Eu ia com eles, por ser criança, mas depois eles deixaram de ir. Aí eu conheci a fé católica através de um frei que foi na minha casa, querendo levar as pessoas pra catequese. Eu fiz a inscrição e comecei a ir. Durante o tempo, comecei a participar de missas com frequência e procurei saber dos sacramentos. Não foi tão rápido, né?! Eu sei que foi um processo.
(Postulante da CV, 18 anos)

Há também aqueles que vieram de outras comunidades católicas e após conhecem o carisma da Shalom passaram a se identificar mais e pediram desligamento de outra para entrar na CCVAS, passando por todo o processo desde o início, a começar pela trilha do caminho vocacional.

Eu participava de outra comunidade aqui em Campina. Eles lá participavam de alguns eventos do Shalom e eu comecei a ouvir as músicas, as pregações e o que os membros traziam pra comunidade. O primeiro contato direto mesmo foi em 2006, quando fui pra escola de líderes em Fortaleza, que é um retiro de 10 dias realizado pela comunidade, aberto no geral para quem quiser participar. Então, eu tive esse contato lá na comunidade e chegou certo ponto que fui me identificando mais com a comunidade Shalom sabe?! Com o carisma, a espiritualidade. No ano de 2012, eu me desliguei lá da comunidade e me engajei aqui no Shalom. Eu vivi a certeza, tive a convicção maior que o Shalom é o carisma ao qual Deus me chamou. (Consagrado com promessas temporárias da CA; 38 anos; Casado; Desenvolvedor de Softwares)

Como já citado anteriormente nesse trabalho, os membros da CV têm a possibilidade de ‘discernirem’ para o matrimônio. Mas esse só poderia ocorrer com membros da mesma forma comunitária, e após um processo no qual o controle da comunidade é intenso. Entre os indivíduos da CA alguns já chegam à comunidade casados ou namorando. Esses não têm a obrigatoriedade de casar ou se relacionar com alguém da mesma comunidade, porém deve seguir os conselhos da CCVAS, após a inserção na mesma. Como um movimento que lhes parece natural, eles procuram se envolver com pessoas que tenham a mesma convicção de vida. Então, comumente, o casal acaba se identificando na mesma escala vocacional.

A minha esposa também é da Comunidade de Aliança. Ela também participava comigo da outra comunidade e nós pedimos desligamento de lá juntos, para ingressarmos na Shalom. Então, graças a Deus nesse ponto foi muito tranquilo, porque ela também tinha o mesmo objetivo. (Consagrado com promessas temporárias da CA; 38 anos; Casado; Desenvolvedor de softwares)

Todos os membros da CV entrevistados afirmaram que existiu resistência da família em relação à aceitação da inserção deles enquanto membros da comunidade e a maioria dos familiares tentou convencê-los a não saírem em missão. Porém com o tempo acabaram aceitando. Já os membros da CA, alguns revelam que a relação com os familiares melhorou por conta de seus desprendimentos a sentimentos como egoísmo e da incorporação de sentimentos como compreensão, atenção, acolhimento e busca de harmonia. Outros afirmam existir uma inclinação da família à desaprovação de tal escolha de vida comunitária por conta de suas rotinas cheias e conseqüente diminuição da frequência a atividades com os familiares.

Assim, no núcleo familiar, geralmente os sujeitos da CA recebem melhor aceitação da família nessa escolha vocacional do que os da CV. No caso da CA, a prática vocacional é vista muitas vezes pela família como algo bom, tendo considerado a mudança do indivíduo com relação à atenção, consideração e respeito à família. Além de que, no que diz respeito à

Comunidade de Aliança, por permanecerem junto à família e sociedade é aconselhado a eles praticarem a evangelização também dentro de suas casas, na oferta ao outro, conforme aprendido na CCVAS. A evangelização no seio familiar acaba sendo o primeiro campo de missão.

A minha relação com a minha família melhorou muito. Eu consegui perdoar e pedir perdão, compreender e buscar a união, a harmonia em casa. (Discípula I; CA; 24 Anos)

Lá em casa era muito assim de cada um no seu canto sabe. Ai depois da comunidade a gente procura saber. Até porque na comunidade eles pedem isso. De procurar saber e tudo mais. Às vezes você mora com a pessoa e não conhece bem né? Então mudou muito com relação à família, a questão de aproximação. Graças a Deus eles nunca foram contra. Eles sempre foram neutros nessa situação. Tipo: “Se é o que você quer, tá bom. Que não interfira tanto nos estudos”. (Postulante; CA; 20 Anos)

A gente tem que se ofertar para o outro e assim a evangelização em casa é o nosso primeiro campo de missão da Aliança. Então buscamos levar Jesus ressuscitado que passou pela cruz, para dentro da nossa casa também. (Postulante; CA; 21 Anos)

Ainda com relação a CA, há também aqueles familiares que se inclinam para a rejeição, pois alguns sujeitos possuem uma rotina muito ‘cheia’, por trabalhar, às vezes estudar e ainda ter responsabilidades com a comunidade, alguns ainda morando em outras cidades, gastando tempo com o deslocamento, isso tudo faz com que haja uma diminuição do tempo que esses passam com os familiares, causando desconfortos familiares.

Minha mãe é falecida faz 8 anos e meu pai é casado há 6 anos e eu moro só. Assim, a relação que eu tenho próxima é com o meu pai e minha avó materna, de ir sempre lá, ou pelos menos ligar, manter contato. As críticas que existem é as que existiram sempre, desde que eu participava de outros movimentos da igreja. Falavam: “só vive na igreja, só quer saber de rezar”... Essas coisas... são essas as críticas mais comuns também. (Postulante; CA; 28 Anos)

Minha mãe não é de igreja, mas se diz católica. A partir do momento que eu comecei a trilhar no grupo de oração, antes mesmo de ser de Aliança, minha mãe, tanto vendo o testemunho² meu, do meu irmão e da minha avó, ela começou a ir pra igreja aos domingos. Claro que dificuldades a gente sempre vai encontrar, porque temos muitos compromissos na comunidade, temos muitas coisas pra fazer, enfim, muitos serviços que requerem demais um sair de si realmente, e às vezes até renunciar algumas coisas da família. Aí isso

² A palavra ‘testemunho’ nessa fala se refere ao comportamento referido à adoção do novo estilo de vida devido à estrada na CCVAS. Repete-se aqui uma linguagem anteriormente associada a evangélicos, entre os quais o ‘testemunho’, também entendido como ‘comportamento’, é avaliado constantemente pelos ‘irmãos’. É na qualidade do ‘testemunho’ que se avalia o sucesso da ascese intramundana dos membros das comunidades religiosas evangélicas e também na CCVAS.

às vezes entra um artritozinho, tem essa realidade também às vezes eles querem ta muito junto e a gente não pode. (Postulante; CA; 21 Anos)

Entre os familiares dos membros da CV há de início, a rejeição, o que causa sofrimento em ambas as partes. Muitas vezes pode demorar anos até a conquista da compreensão e aceitação da ‘vocação’ por parte da família. Na maioria das vezes os vocacionados são muito jovens e alguns até já cursam o ensino superior, o que configura a adesão à CV como uma ruptura, uma quebra das expectativas familiares construídas em relação a esses jovens, que optam por uma opção de ascese semelhante à da ida para mosteiros na Idade Média. Os familiares temem pelo futuro do filho/filha e experimentam uma sensação de perda. Algumas vezes tentam convencer para que não partam em missão.

Foi muito difícil pra minha família. Porque eles não entendiam o que era a vocação, até hoje não entendem bem, mas hoje já aceitam. Como qualquer família ‘normal’, os pais têm sonhos pros filhos, de estudar, cursar uma faculdade, ter a sua profissão e tudo mais. Mas eu me determinei a responder um chamado de Deus. Eles diziam que era loucura. Eles pensavam que eu ia depois voltava. Só com o tempo foram entendendo que era mesmo a vocação, o chamado de Deus, porque não tinha como eu abrir mão de tantos sonhos se não fosse por algo maior. Tudo o que acontecia em casa, eles pediam pra eu voltar, insistiam demais e foi assim, muito desafiante pra mim, ir abrindo mão de toda a minha família e me ofertando a Deus. Mas eu fiz tudo isso e faria de novo, porque foi um chamado de Deus e eu queria descobrir esse chamado. Hoje eu tenho certeza dele. (Consagrada com promessas definitivas CV; 42 anos)

Foi bem difícil. Ainda é, na verdade, pra eles. Eu acho que como todo pai, toda mãe, os pais criam os filhos pra crescer na vida, né?! Ou até mesmo pros filhos serem aquilo que eles não foram. Então eu fui muito criada também dessa forma. Os meus pais queriam me dar tudo o que eles não tiveram. Então quando eu disse que não ia mais estudar, que ia sair em missão, foi um choque pra eles e no início eles relutaram muito, pedindo pra eu não ir, me questionando sobre essa escolha e tudo mais. Hoje eles conseguem entender mais, especialmente que sou feliz vivendo dessa forma. Talvez até mais do que se eu tivesse com eles. Hoje eles conseguem entender melhor, mesmo sentindo falta, né? Mas é normal. (Consagrada com promessas temporárias; CV; 22 anos)

O modo de pensamento desses indivíduos em muito se aproximam na prática do exercício comunitário e escolha vocacional, além do modo de vida antes e após a ação comunitária. Porém, é perceptível entre os membros da Comunidade de Vida a existência de três grupos de vivências antes da entrada na comunidade: há aqueles que embora se considerassem católicos, não possuíam hábitos voltados à religião, para além da frequência a algumas missas, como pode ser visto nos trechos abaixo.

Eu cresci em um lar católico, mas no início da minha juventude, da minha adolescência, eu me dizia católica, mas não praticava a fé. E aí, aos 15 anos quando tive a minha experiência com Deus, por meio de um acampamento de jovens, foi quando eu comecei a viver realmente a minha fé no catolicismo. Teve uma época da minha vida que eu não atentava muito pra fé, não tinha tempo pra Deus, vivia um ateísmo prático. Mas eu sempre me considerei católica. (Consagrada com promessas temporárias CV; 22 anos)

Antes da minha experiência com Deus, eu era mais indiferente a Deus. Ia pra missa só por ir, não tinha essa proximidade com a amizade de Deus. (Consagrada com promessas definitivas; CV; 43 Anos)

Nesse grupo se destaca a maneira de narrar o antes e o momento da entrada na CV com uma linguagem próxima dos conversos de outras religiões, ou de indivíduos que eram ateus.

O segundo grupo que apareceu nas entrevistas dos membros/candidatos a membros da CV, é o dos católicos que sempre tiveram em seu meio familiar uma consistente educação moral. Embora suas famílias também fossem de católicos não radicais, incorporavam alguns dos valores principais do cristianismo como a castidade e a oração, bem como a aceitação e adoção dos princípios da moralidade tradicional da sociedade envolvente. Familiares que buscavam orientar seus filhos para que não caíssem em moldes totalmente mundanos como o vício em bebidas, drogas ou namoros desregradados.

Eu não era de beber, porque meus pais sempre ensinaram pra gente, né?! Mas era como um jovem normal da minha época, de sair pra festas, forró, tudo. Mas eu fui ensinada a procurar no mundo não experimentar coisas que me ferissem na minha dignidade. Nunca fui de beber, porque nunca fui educada a isso, né?! E outras coisas também. E até na parte mesmo da sexualidade, sempre graças a Deus fui muito ordenada. Meus pais me ensinaram esse valor. De me guardar, me reservar. Mas eu gostava de dançar, pular carnaval, de forró, de festas. Normal, como todo jovem gosta de ir. Namorava também, como jovem normal. (Consagrada definitiva; CV; 41 anos)

Eu comecei a sair com 15 anos. Com 14, 15 anos. Foi quando eu comecei a estudar no curso, pra passar do ensino médio pro técnico e tudo mais. Aí lá conheci novos amigos. A gente chamava de batiné. E era bem desafiador. Mas pela graça da minha criação, e pela graça de Deus, meus pais sempre falaram muito sobre isso. Então quando começavam a usar drogas, bebidas, eu sempre me ligava: não isso eu sei que não é certo. Eu também nunca gostei de bebida alcoólica, dessas coisas. Tem gente que tem a realidade de vícios né? Mas eu nunca usei, nunca gostei, graças a Deus. Mas o que o jovem gosta de fazer, sair, curtir a noite, eu fazia isso. (Discípulo II; CV; 22 anos)

Nesse grupo nos chamou a atenção a proximidade do *ethos* religioso anterior dos entrevistados com o proposto pela CCVAS. Não se observam rupturas radicais. É quase como se eles já fossem reservados, separados, ascéticos intramundanos, se consideradas as turmas e relações de amizade.

O terceiro grupo é o daqueles que foram católicos dedicados durante a infância e adolescência, passaram por um momento de ‘desvio’ das atividades religiosas cristãs, durante a adolescência, e depois voltaram com maior intensidade. Dentre esses, muitos conheceram, experimentaram o ‘mundo’ em sua intensidade, como festas em que se desafiavam os parâmetros cristãos, namoros ‘desregrados’ e outras práticas ‘mundanas’. Dentre esses indivíduos, a maioria passou a sentir ‘um enorme vazio existencial’, a ‘falta de prazer duradouro’ e ‘ausência de autoconhecimento’.

Meus pais sempre foram católicos participantes. Fui batizado com 7 anos. Depois fiz a catequese e entrei para os coroinhas da paróquia, lá no Rio de Janeiro. Fui coroinha dos 8 aos 11 anos. E então me afastei da igreja, porque a gente teve que se mudar de bairro. Nisso, fui tendo umas amizades, aí a gente vai vendo como é a vida conforme a gente vai buscando dentro do mundo, né? Que é a vida de bebidas, drogas, prostituição e tudo mais, né? Aí, até 16 anos fui vivendo uma vida como essa. Mas não usei drogas. Aí, comecei a me questionar sobre o sentido da minha vida, sobre amizades. E a perceber que pra mim tudo aquilo não fazia sentido, não tinha nenhum valor fundamental. Comecei a cair numa falta de sentido de vida, buscando e não conseguindo respostas. Eu já tava meio que com depressão, tinha pensamentos de morte e tudo mais. E foi quando um amigo meu, me convidou para um seminário da Shalom. E foi lá que tive uma experiência com Deus, aos 16 anos. Comecei a frequentar o grupo de oração, depois o vocacional e pedi ingresso na comunidade. (Discípulo II; CV; 22 anos)

Eu sempre fui católica. Minha mãe sempre me levou pra missa. Só que eu nunca tinha ouvido falar da Shalom. Aí teve um dia na minha cidade, quando eu tinha 13 anos, na minha escola, eu ouvi uma menina convidando um menino pra um acampamento dos jovens, lá em Mossoró. Eu sempre quis acampar. Então conversei com minha mãe e ela deixou eu ir. Lá, tive uma profunda experiência com Deus e passei a participar dos grupos de oração. Mas na minha cabeça ainda não era algo tão sério. Iniciei no vocacional, mesmo sem entender muito bem o que era a comunidade, a vocação. Aí, me afastei, fiquei dois anos fora da Shalom. Nisso, eu fui experimentando outras coisas. Só que foi como se eu tivesse encontrado o meu lugar e me afastado. Então ao mesmo tempo em que eu estava ali (no mundo), eu não estava, porque aquilo ali não era eu. Me incomodava muito. Eu participei de uma agência de modelos, mas parecia que eu não me encontrava. Não tinha noção de que eu era chamada à comunidade. Aí minha mãe pediu pra eu me afastar por um tempo da agência. Aí, quando foi no ano de 2015, eu fui pro retiro do Shalom. De novo, tive uma experiência muito forte com Deus. Quando olhei pra Jesus assim, eu só chorava..., chorava muito, mas não era um choro de tristeza, era um choro de ‘Jesus, aqui é o meu lugar, eu me encontrei. E aí eu

experimentei a misericórdia da fraternidade de Deus na minha vida, olhei pra ele e disse: Jesus eu encontrei o meu lugar. (Postulante; CV; 20 anos)

Destaco nessa fala o drama da vida de adolescentes/jovens, indo e vindo, buscando o significado para as coisas, um lugar no mundo. Também é interessante a linguagem que descreve o ‘mundo’, construída nos mesmos moldes usados pelos evangélicos, para descrever sua ‘separação’ do mundo, o exercício de sua ascese intramundana.

Entre os membros CA há aqueles que se consideravam católicos porque vinham de famílias católicas, porém não muito atuantes, mas frequentavam as missas uma vez por semana, aos domingos, quando o faziam. Após episódios de sofrimentos em suas vidas, principalmente espirituais buscaram na igreja o seu espaço, vindo posteriormente a conhecer a comunidade Shalom.

Minha mãe sempre se dizia católica, mas não frequentava a igreja. Então o meu processo fui buscando meio que sozinha, porque, como eu sou tímida, eu tinha dificuldade de criar novas amizades. Eu ia buscando preencher minha carência de outras formas. Principalmente nos meus namoros. Sempre tive namoros muito longos e sempre que acabava eu buscava estar com outra pessoa, porque eu me sentia só. E aí Deus foi me mostrando, porque isso foi criando um vazio em mim, diante de todos os pecados que eu fui cometendo, de tudo aquilo que não me preenchia. Eu sentia falta de algo que eu não sabia o que era. Aí me interessei em fazer a crisma. Depois fiz o EJC na paróquia, e foi quando conheci a comunidade. Fui pro retiro do Renascer da Comunidade, por causa do meu namorado que queria ir. Mas quando eu cheguei lá, fui tendo a experiência e o que mais me cativou foi a alegria, a acolhida, porque senti como se tivesse em família. Como se fossem pessoas que eu conhecesse há anos e aquilo foi me conquistando, daí eu fui me deixando moldar por Deus. Fiz depois o vocacional, mas eu tive muita luta comigo mesma para aceitar toda a mudança, tudo o que Deus me propunha, porque eu era muito orgulhosa e tinha algumas coisas que eu não concordava, como, por exemplo, o conselho de não usar blusa de alcinha e tal. Porém no fim eu não namorava mais, mas eu acabei percebendo que o meu lugar era ali naquele meio, vivendo da forma pela qual Deus me chamava. (Discípula I; CA; 24 anos; Desempregada)

Outros, nessa mesma característica de sofrimento espiritual, visto que a sociedade com toda a sua diversidade não possuía empatia, fraternidade, conheceram a comunidade por meio de familiares ou amigos que buscavam lhes ajudar.

Meu primeiro contato com a comunidade foi numa situação muito complicada. Eu tava morando no Rio de Janeiro, era gerente de uma loja e tinha acabado de ser demitido. Então, foi quando meu cunhado que morava em Manaus me fez uma proposta de emprego. Ele é da comunidade. Ele me fez a proposta de ir pra Manaus trabalhar com ele. Fui eu e toda a família. Chegando lá, ele me chamou para participar da comunidade, tocando violão. Em 2006 eu tive o meu primeiro contato com a comunidade. Ela tem uma

característica muito forte de ta louvando, batendo palmas, então eu achei estranho o carisma logo de cara, mas foi ao mesmo tempo um momento que eu via que era um caminho que estava conseguindo me ordenar. É interessante porque a comunidade tem não somente um momento de evangelizar e pronto. Ela evangeliza e cuida. O carisma tem todo um trabalho de acolhimento. Então, eu descobri que era Shalom. (Consagrado com promessas temporárias; CA; 44 anos; Autônomo)

Eu conheci o Shalom em 2012. Minha irmã já fazia parte da comunidade, do grupo de oração. Aí teve um seminário de vida no espírito santo no período do carnaval. E ela me convidou. Isso foi na cidade de Areal. Eu tinha uns 15 anos. E tipo, eu ia porque sabia que tinha pessoas da minha idade lá e tudo mais. Só que eu passei a ter minha experiência com Deus lá, e foi a partir daí que passei a me engajar no Shalom. Com o decorrer do tempo a gente ver que o que tem fora não nos satisfaz mais. E tem muita gente que pensa que é só um grupo de oração assim, sabe?! Mas é algo que vai muito além, que realmente preenche o vazio que a gente tem, sabe?! Você vai tendo o autoconhecimento, vai vendo como Deus é misericordioso com a gente, como é a felicidade que ele nos dá. Então nada fora nos satisfaz mais. Eu encontrei no Shalom uma coisa que muita gente busca em festas e tudo mais sabe?! (Postulante; CA; 20 anos; estudante universitária).

O modelo de aproximação do primeiro entrevistado desse bloco aponta uma semelhança com processos de conversão em geral. Crise no trabalho, no amor, doença e a pessoa se aproxima de vivências religiosas mais intensas, no caso, as proporcionadas pela CCVAS.

Destacam-se no segundo trecho citado as menções ao autoconhecimento e ao fato de não encontrar no fora da comunidade a felicidade e a satisfação que se encontra no dentro da comunidade, conforme menciona Bauman (2003) sobre a idealização do dentro e a desqualificação do fora da comunidade.

Outro grupo é formado por indivíduos na busca da construção de suas identidades sociais que se assemelhem com aquilo que eles acreditam, ou vieram à comunidade por meio de procuras na internet, após um contato inicial, ou por apresentação de conhecidos.

Eu conheci o Shalom em 2008 em minha cidade, Esperança – PB, quando um pregador da Shalom, foi pregar lá, no carnaval. Eu tava começando a participar dessas coisas. Participei da renovação carismática, de 2016 até o começo de 2017. Aí eu vim lembrar que eu tive esse primeiro contato com o Shalom e aí passei a procurar, ver as pregações. Aí eu tive um contato mais a distância. Eu sempre procurei informações na internet, vídeos e também por meio de livros. Procurava livros da comunidade pra ler, rezar. Em 2017 comecei a participar aqui do Shalom. Resolvi vir pra Campina pra participar, viver isso aqui porque lá não tem. (Postulante; CA; 28 anos; Agente administrativo)

Porém o que geralmente motiva os sujeitos a permanecerem na comunidade é de início a semelhança com eles, sua juventude ou personalidade, por meio de eventos voltados ao ‘espírito jovem’, que envolvem alegria, músicas animadas, cantos, acampamentos, fraternidade, dentre outros elementos. Todos os entrevistados da CA e da CV se disseram “tocados” por Deus, diante de experiências diversas e momentos particulares, conseguindo identificar o chamado de Cristo para com suas vidas e percepção de suas vocações.

As respostas de como os membros atuais da CV tiveram seu primeiro contato com a comunidade e de como decidiram que seriam Shalom é variada. No entanto o que é extremamente comum nas revelações deles é que esses consideram que não decidiram ser Shalom, mas sim se ‘descobriram’ como Shalom. Alegando que essa é uma vocação pelo qual são chamados a viver desde o nascimento, entendendo que Cristo providenciou isso para eles como um chamado divino. É interessante notar a semelhança com a doutrina da predestinação, dos calvinistas, a qual também conduz a modelos de ascetismo intramundano, através dos quais se confirma uma vocação recebida desde o nascimento.

Não fui eu que escolhi, foi Deus quem me escolheu. Na verdade ele já me fez shalom, quando ele me criou já me deu a vocação. Só que eu fui descobrir depois, com o tempo. Aí quando eu descobri o chamado, eu também fiz a minha escolha, né?! Mas primeiro teve a escolha de Deus. Deus que me escolheu e me criou shalom e quando eu descobri, eu também me encantei com o chamado e respondi a Deus como shalom, como comunidade de vida. (Consagrada com promessas definitivas; CV; 43 anos)

Com relação a mudanças de vida, os membros CV experimentam mais mudanças do que os membros de CA, visto que renunciam a todo o passado, as rotinas, para se dedicarem exclusivamente à comunidade. Os membros CA relatam que mudam na questão do aumento da responsabilidade. Ambos os grupos afirmam que é uma ‘mudança para melhor’, pois estão ‘mais felizes por descobrirem suas vocações’, além do sentimento de fraternidade, inclusão, acolhimento e pertencimento. Os membros afirmam não haver mudança significativa quanto à forma de falar, de se comunicar. Isso se explica pelo fato de que como a CCVAS está lidando com jovens, com todas as características do ser juvenil, sua linguagem se adéqua à usada por jovens de fora dela. Dessa forma encontramos um reconhecimento tácito de que se faz necessário ao shalomita estar “aberto”, se inteirar das maneiras como os jovens falam, se expressam. Assim são acolhidos sem tensões todos eles, com seus modos de expressão, gírias, modo de falar de jovens.

Porém, eles afirmam que em relação ‘ao que se fala, os assuntos que falam’ nos diversos contextos e convívios, isso vai mudando ‘naturalmente’, através da socialização colocada em curso. Por estarem mais embasados nos discursos religiosos cristãos, acreditam adquirir de modo ‘natural’ pensamentos a respeito das coisas e do mundo, o que também os influencia nos diálogos cotidianos. Eles passam a ‘pensar mais em Cristo’, viver mais o religioso e conseqüentemente falar mais sobre esses assuntos e menos sobre conteúdos voltados ao mundo de fora.

Com relação às vestimentas, foram narradas mudanças mais significativas para as mulheres do que para os homens, tendo em vista que os homens aos quais tivemos acesso afirmaram não possuir muito o costume de usar blusas regatas ou roupas apertadas em seus cotidianos nos ambientes sociais; o que era comum para algumas mulheres, que antes de sua experiência com Cristo e entrada na comunidade não tinham muito o hábito de refletirem sobre suas roupas como importância na questão da transmissão de imagem social, ou auxílio na vivência da castidade. Na comunidade há o aconselhamento do não uso de roupas apertadas, curtas, com transparência e blusas de alça fina, tudo relacionado com o favorecimento da vivência da ‘castidade’. Na concepção dos shalomitas é importante preservar a castidade no que se refere ao uso de roupas, na escolha do visual do corpo, sendo aconselhado o ‘exercício da sobriedade’. É importante destacar a replicação do modelo tanto da sociedade envolvente, quanto das denominações evangélicas, de maior controle sobre as mulheres do que sobre os homens no que se refere ao vestuário e aparência em geral, no que concerne à ‘castidade’.

É porque dentro da comunidade, a gente busca viver de uma forma casta. Mas essa questão abrange mais as meninas, porque hoje a gente percebe que as roupas das meninas são cada vez menores, né?! E mais apertadas. Pra nós que buscamos uma vida de santidade, são roupas que não nos ajudam na vivência da castidade. Então, eu sempre andei com roupas mais largas, pra mim não teve nenhuma mudança. (Discípulo II; CV; 22 anos)

Quando a gente vai tendo essa experiência com Deus, tudo muda. A gente descobre que o nosso corpo é templo do Espírito Santo. Que a gente tem que zelar por ele. Então ter cuidado para não nos ferir e ferir o nosso irmão. Para não pecarmos e fazer com que o nosso irmão peque. A gente começa a se inquietar com as nossas roupas. Então a partir disso a gente vai mudando. Porque o que tem que chamar atenção é o interior e não o exterior. Lógico que a gente não vai se vestir de qualquer forma, né? A gente tem um zelo, principalmente a Comunidade de Vida. Tem um zelo muito grande pelas vestimentas, por andar bem vestidos, porque nós vivemos a pobreza, mas não o descaso. A gente vive a sobriedade, no vestir, no expressar o nosso interior. Então isso muda bastante. (Postulante; CV; 21 anos)

Eu usava muito blusa de alcinha, roupa curta essas coisas, coisas que enfim, revelavam muito a minha carência. Hoje em dia eu vejo que o que realmente tem que chamar atenção é o nosso interior, né? O que Deus quer de nós, o que Deus acha de nós. Aí eu fui vendo que essa era uma questão não só de castidade, mas uma questão de sobriedade, né? Uma questão de ser coerente com aquilo para o qual Deus me criou. (Postulante; CA; 21 anos)

Quanto a ambientes frequentados, há entre os membros da CV uma mudança quase que radical, visto que esses deixam suas famílias, suas vidas, estudos, trabalho, amigos, suas rotinas todas para trás ao escolher viver na comunidade, passando-se a viver em uma espécie de clausura moderna. Eles podem fazer essa escolha a partir dos 18 anos de idade. Por um lado essa forma reclusa do mundo se aproxima dos conventos e mosteiros ainda existentes na atual sociedade, adotando os modos de conselhos vividos por Santa Tereza de Ávila quanto ao exercício da oração e contemplação e São Francisco de Assis, referente à vivência da pobreza. Pelo exercício da vida em simplicidade, pobreza, os membros CV sobrevivem mais de doações muitas realizadas pelos membros da CA. Eles têm suas vestimentas contadas, o que não ocorre com os membros da CA.

Os membros da CA afirmam não ter mudado radicalmente a frequência a ambientes, mas ter adquirido a capacidade de seleção do que cabe e do que não cabe a eles nessa sua missão de estar no mundo, mas ser Shalom.

Não tenho mais a frequência de tá saindo pra festa. Raramente assim eu vou às vezes pro São João, né?! Mas São João é cultura. A gente vai pra visitar, pra olhar, mas eu não gosto mais de tá ali naquela multidão, naquele povão, sabe?! Onde tem o show, naquilo eu não me sinto bem, sabe?! Como se eu tivesse repulsa. E uma coisa que você vai se deixando. Você vai deixando de gostar sem perceber. Deus é assim, né?! Ele vai conquistando você sem você perceber, quando você percebe, já deixou tudo o que o mundo lhe contraria. (Discípula I; CA; 24 anos)

É perceptível que em toda a comunidade Shalom ser membro da Aliança tem uma considerável valorização, porém, a descoberta e escolha da vida em CV é motivo de admiração e respeito.

Os maiores desafios vividos por membros da CV ao ingressar na comunidade é a aceitação da família e posteriormente convivência com culturas e pessoas diferentes, com personalidades diferentes. A maior dificuldade para os da CA é a conciliação com o trabalho, estudos e presença no meio familiar. Ambos os grupos acreditam que as dificuldades são apenas ‘provações para se exercer com mais força, mais amor suas vocações, acreditando na providência divina’.

Para os indivíduos da CA, conciliar rotinas de trabalho e atividades na Shalom não é uma tarefa fácil. Mas eles alegam que dá para conciliar, mediante uma organização de suas rotinas, conversando também com seus acompanhadores vocacionais e chegando a acordos quando não é possível estar na comunidade. Entretanto, os indivíduos da CA indagam que embora existam dificuldades de conciliação com as rotinas de trabalho e estudo, não há desvantagens em ‘ser Shalom’, pois entendem que tal característica é um chamado divino e faz parte da identidade deles. Afirmam que existem muitas vantagens, tais como a prática da vocação pelo qual foram chamados, o cumprimento da vontade de Deus, o exercício de suas identidades mais profundas, o que leva à ‘real felicidade’. Mencionam também a vantagem de praticar o acolhimento, a fraternidade, a inclusão, a familiaridade. Nisso também se assemelham aos discursos dos membros da CV.

De acordo com os da CA, estar no mundo, no ambiente de trabalho, estudo e ser um membro Aliança Shalom pode às vezes causar estranheza entre aqueles que não são católicos e não conhecem a vocação. Para os Postulantes é possível passar quase que despercebido nos ambientes sociais; porém, para os Discípulos e Consagrados isso não é tão possível, visto que esses carregam o TAU, o colar de seu sinal enquanto Shalom. Tal objeto por vezes chama atenção dos demais e causa curiosidades que vem junto com os julgamentos nem sempre positivos.

Essa radicalidade gera um questionamento nas pessoas. Pensam/dizem: “é muito exagerado, não sei pra que isso tudo, podia ser menos, podia tá ganhando mais dinheiro, tu és uma pessoa inteligente e tal, pra ta aí perdendo tempo com essas coisas de igreja”. Então, a busca da radicalidade no evangelho gera esses questionamentos nas pessoas, né?! (Consagrado com promessas temporárias; CA; 38 anos; Desenvolvedor de software)

Os shalomitas deixam claro através de seus discursos que o papel de ser católico no mundo é uma resistência ao próprio mundo. Tendo em vista a forte influência das culturas midiáticas e transformações dos conceitos tradicionais de liberdade, família e vida; das mudanças constantes, e ‘libertinagens’ que levam os jovens a não encontrarem sentido em nada, relativizando o sentido da conduta moral.

Eu acredito que hoje o papel de ser católico no mundo é nós termos uma experiência mais profunda com a pessoa de Jesus Cristo e com a igreja. A igreja traz uma tradição de magistérios de sacramentos e principalmente também sobre testemunhos. Porque hoje tem muitas pessoas que se dizem católicas, mas não expressam na sua vida o catolicismo, a fé. Hoje o papel do católico é expressar, conhecer, abraçar e viver a fé, da forma como a igreja transmite essa fé. (Consagrada com promessas temporárias; CV; 22 anos)

Ser católico no mundo é ser especial diante de tudo o que existe no mundo.
Ser resposta ao mundo. (Postulante; CA; 28 Anos)

Chama a atenção nessas fala a replicação do encontrado entre evangélicos, que desenvolvem, pela diferença em que se constituem em relação ao 'mundo', aos do 'mundo', um sentimento de superioridade, o que os faz pensar que estar no 'mundo' como Shalom acaba sendo também para eles um desafio positivo.

Quanto aos tipos de identidades católicas existentes eles repercutem os dizeres do Papa João Paulo II, no que se refere à 'primavera' da igreja, entendendo que os diversos Carismas e Comunidades Católicas atualmente existentes são riquezas permitidas por Deus como resposta ao tempo presente. São jardins com diferentes flores que refletem o belo, onde cada indivíduo católico cristão pode ser capaz de se encontrar, se identificar de acordo com aquilo ao qual Deus lhes chama.

A igreja tem uma diversidade de carismas, né?! É como um jardim com muitas espécies de flores. Então a gente pode dizer que as expressões de carismas, seja de ordens, congregações, ou comunidades novas é uma diversidade importante, porque existe uma complementariedade. Muito mais do que simplesmente diferenças, é uma complementariedade dentro da igreja a presença de vários carismas em formas de fé. (Consagrada com promessas temporárias; CV, 22 anos)

É uma riqueza da igreja. Porque o carisma é a resposta do espírito para determinado tempo. No tempo de hoje o espírito suscitou as novas comunidades. Alguns anos atrás Deus, no seu espírito, suscitou os franciscanos, os dominicanos, que era uma novidade pro tempo, que era exatamente pra aquele tempo que Deus queria alcançar, atingir. Hoje Deus procura atingir esse tempo através das novas primaveras. E que é uma riqueza que vai se complementando, uma vantagem muito bela. No fundo todos têm um mesmo objetivo, né?! De amar a Deus e servir a Deus. (Consagrada com promessas definitivas; CV; 43 Anos)

Os shalomitas consideram que o carisma da comunidade Shalom se baseia na experiência que o fundador Moisés Louro de Azevedo teve com o Jesus Cristo que passou pela cruz e ressuscitou, o que teria motivado o tal jovem a ofertar sua vida para a evangelização dos demais jovens, não excluindo famílias, nem pessoas mais velhas, os que eles chamam de 'jovens há mais tempo', visto que ao se referir à juventude eles se referem não unicamente à idade, mas principalmente às características do 'ser jovem', como o 'espírito alegre, a esperança, o futuro, o novo'.

Desse modo, eles apontam que a diferença da CCVAS com relação aos demais carismas é essa inclinação à conquista de 'almas juvenis', por meio da alegria e a busca da

paz com Cristo. Segundo eles, a diferenciação com relação aos demais católicos é a prática da ‘radicalidade evangélica’.

É porque há uma diversidade de católicos hoje, né?! Há aqueles que se dizem católicos, mas vão as missas só aos domingos e há aqueles que são e vivem de fato o catolicismo em suas vidas. Há aqueles que quase nunca vão à missa, não se confessam e há aqueles que vivem a fé. E nós como shalom, buscamos viver cada vez mais a fé, com a radicalidade evangélica. Como comunidade católica shalom nós somos chamados a viver a radicalidade evangélica. (Discípulo II; CV; 22 anos)

A vivência dessa ‘radicalidade evangélica Shalom’ inclui os conselhos do exercício da castidade, da pobreza e da obediência, os quais estão presente nos Estatutos que regem a comunidade. Os seus membros não se sentem confortáveis em afirmar que são normas, restrições de comportamento, mas entendem como ‘uma prática necessária na vivência da vontade de Deus’.

Nos estatutos tem os conselhos de como a gente deve viver a questão da pobreza, obediência, castidade, mas não é uma imposição. Mas como comunidade de vida, nós somos chamados a viver de uma forma mais radical. Porque nós somos chamados a viver como as primeiras comunidades cristãs, as primeiras comunidades católicas que colocavam tudo em comum e viviam a questão da providencia de Deus. Mas não existem regras, do tipo: se você não fizer isso você vai ser penalizada, não. Na comunidade nós vivemos como família e como tal nós temos uma ordem. Porque o reino de Deus é um reino de ordem e nós vivemos dessa ordem de Deus. (Postulante; CV; 21 anos)

Muito mais do que restrições, são escolhas em prol da vocação que eu vou precisar fazer, que como qualquer outra área da minha vida, tem consequências. Eu não vejo como restrições. A comunidade não me restringe a nada, mas eu colho consequências daquilo que eu escolho. Eu, como Consagrada da CV fiz a escolha de partir em missão. Então, há alguns anos eu estou em missão. Como consequência da minha escolha, por corresponder a esse chamado, eu não moro com os meus pais. Eu não chamo isso de restrição, eu chamo de consequência de uma escolha. Nós somos também chamados a viver a pobreza de forma mais intensa, então nós temos nossas roupas contadas. Isso tudo é consequência. Toda escolha exige uma renúncia. (Consagrada com promessas temporárias; CV; 23 anos)

Conforme já afirmado nesse estudo, a comunidade possui três estados de vida que é: matrimônio, celibato e sacerdócio. Ao longo da vivência na comunidade, os membros vão rezando, ‘discernindo’ e buscando descobrir em qual estado eles se encaixam. Não é necessário fazer essa escolha no momento que adentram a comunidade, mas no momento da consagração com promessas definitivas é necessário que esse estado já esteja esclarecido para o membro e diante da comunidade. O fato de a função de sacerdote poder ser preenchida apenas pelos membros do sexo masculino, repica o que se encontra na Igreja Católica e em

muitas outras denominações do subcampo das religiões. Esses passam por estudos nos seminários de preparação para padres, localizado em Fortaleza- CE, não sendo junto dos cursos dos seminaristas diocesanos. Eles estudam Teologia e Filosofia. Esse seminário é específico para os padres da comunidade, cuja diferença dos seminaristas diocesanos é que os shalons voltam a viver na comunidade junto aos demais membros, exercendo também a função de padres da comunidade. Quanto a isso, os sujeitos shalons consideram importante essa preparação para a existência de um padre preparado, que possa lhes guiar na vivência do evangelho.

É necessário ter esse caminho de formação para o pastoreio do povo que Deus lhe confia. Você não pode dar sem receber antes, né? Sem viver aquela formação concreta de saber lidar com os outros. A formação é a chave para que possamos viver bem o nosso carisma. (Discípulo I; CA; 24 Anos)

Eu vejo como algo fundamental porque é o tempo que foi preparado para que eles possam estudar, conhecer a fundo a igreja. Porque a Igreja Católica não é só o que a gente vê na missa, né? Vai muito mais além. Então é necessário esse tempo de estudo de preparação para que eles sejam bons ministros, bons sacerdotes, bons padres. Então é fundamental esse tempo de estudo, de conhecimento da igreja. Para que eles possam viver não só algo superficial, mas algo profundo. (Postulante; CV; 21 anos)

Os motivos da escolha de fazer parte da CCVA Shalom são diversos. Cada pessoa chega de uma maneira singular até a comunidade, movida quer seja por forças internas ou externas. A grande maioria, no geral, toma conhecimento da comunidade através de terceiros, tais como amigos ou conhecidos. Normalmente os jovens têm acesso à comunidade, conhecem a comunidade através dos eventos que a mesma proporciona. A comunidade proporciona determinados eventos pensando justamente na atração dos jovens, tendo em vista que esses se motivam pela alegria, pelo novo e diferente. Tais indivíduos normalmente são chamados a tais eventos por outros jovens, amigos ou conhecidos, de escola, vizinhança, família. O que a grande maioria revela é a sensação de acolhimento por parte da comunidade e descoberta do pertencimento, além da particular ‘experiência com o Espírito Santo de Deus’.

A CCVA Shalom desperta a curiosidade e o interesse de jovens através de modos de abordagem delineados pelas lideranças, os quais se dão através da promoção de atividades que despertam a alegria, como artes, músicas, eventos, acampamentos.

Primeiro, eu conheci a comunidade através de um evento chamado “No Break”, lá em São Paulo, porque eu sou de SP. A partir da “Festa das cores”, né? Eu tive uma experiência com Deus, e aí eu comecei a ir pro grupo de oração dentro da comunidade mesmo e comecei a trilhar o caminho

da paz, né? Que é o grupo de oração. (...) Uma coisa que me impactou muito, assim: eu recebi o convite pra ir pra essa festa das cores. Foi quando eu fui pela primeira vez na Shalom. O que mais me motivou foi a alegria deles. Eu chegava lá e pensava: ‘meu Deus, que alegria é essa, heim?! Que é que é isso, sabe? Eu quero ter isso, sabe?! Isso me motivou muito. Eles são um povo muito acolhedor também, os grupos de oração também, sabe?! Me motivou muito a ficar. Mas na verdade, sempre em mim, assim, teve esse desejo sabe?! De algo mais! Acho que é por isso que eu estou aqui hoje. (Postulante; CV; 18 anos)

Os eventos da comunidade Shalom são voltados mais para os jovens, investindo-se então no interesse desses por novidades, festividades. Essa tem sido uma forma do catolicismo conquistar o espaço da juventude e atraí-los para o seu meio, com todas as características que eles possuem.

No diálogo com a entrevistada da qual citamos um trecho acima, a postulante expõe a “necessidade de um vínculo maior com Deus, de uma amizade terna”. Ela usa gírias típicas de adolescentes da idade dela, como “top”, e fala e pensa como uma jovem em fase de desvendamento de sua vocação, de seu lugar no mundo. Ao mesmo tempo existe nela um sentimento de identificação, pertencimento, e a expressão de uma satisfação pessoal e encantamento com a vocação.

A CV normalmente possui os membros mais jovens e esses também em geral conhecem a comunidade ainda muito cedo. Os membros da CA são, normalmente, mais velhos. Isso reforça o que Mariz (2005) afirma sobre serem os jovens os mais suscetíveis de reações radicais, além de não ter muitas amarras, coisas que lhes prendam na sociedade como grandes responsabilidades de família que dependam deles, filhos, ou emprego. Então eles acabam sendo os mais dedicados ao modelo ascético extramundano da CV.

A busca pela descoberta de pertencimento é comum entre os jovens. As adversidades das escolhas referidas à construção de seu lugar no mundo podem causar tensões entre eles, que buscam experimentar de tudo um pouco. Experiências que ofereçam chances de fincar raízes, de construir terrenos sólidos, permitindo a descoberta de si, o autoconhecimento, ou a partilha de uma crença motivada por um forte sentimento de estima, confiança, e fraternidade tendem a atrair indivíduos dessa faixa etária (MARIZ, 2005). É o que ocorre entre grande parte dos membros shalons, principalmente os pertencentes à Comunidade de Vida. Eles relatam ter se ‘encontrado’ na comunidade, assim como encontrado acolhimento, fraternidade, regado ao sentimento de ‘chamado e escolha de Deus’.

É emblemática a aproximação de jovens à CCVA Shalom pela busca de se encontrarem, se descobrirem. O ‘encontro consigo mesmo’ é uma forma de ascese dos dois

tipos aqui mencionados, incorporada subjetivamente. Com seu lado cristão, os jovens entendem que o seu “eu” é também um “eu” de negação, tendo em vista que na escolha pela vivência católica Shalom, é necessário abrir mão de suas práticas “mundanas” para “seguir a vontade de Deus”, rejeitando “todos os sentimentos ruins que possam existir na humanidade e buscando sempre o bom, a alegria de estar com Cristo”.

Outro ponto que apareceu nas entrevistas com jovens sobre sua aproximação da CCVA Shalom foi “a necessidade de se sentir útil, de ter uma função na sociedade que lhe seja válida, que lhe traga felicidade”.

Além dessa necessidade de “se encontrar”, alguns entrevistados mencionaram “a oportunidade de ter sido escolhido por Deus”, terem “escutado o chamado divino”. O desejo de se encontrar e o perceber-se “diante de Deus” são elementos que compõem os discursos dos jovens integrantes da comunidade sobre a motivação para o ingresso na CCVA Shalom. Dentre os membros da CA encontramos um desejo de inclusão comunitária, a vontade de servir naquilo que acreditam ser “sua missão na terra”.

Percebe-se que, entre os mais velhos, sobretudo os membros da CA, existe uma reflexividade mais intensa e mais paciência na descoberta da vocação, além de que eles agem com mais cautela quanto às escolhas, procurando pensar em tudo e ter a certeza que é isso o que querem, e a que são chamados. Alguns declararam que, ‘por vezes a vida ascética deles sofre provações ainda maiores que as enfrentadas pelos membros da CV’, pois esses últimos estão rodeados por “iguais” que lhes ajudam na execução dos objetivos ascéticos de ambos. Os membros CA precisam fazer um esforço de viver no mundo sem necessariamente ‘ser do mundo’, ou seja, eles têm o contato social com diversas formas de vida que inclui os modos de vivências pelas quais eles não são orientados a viver por serem católicos e Shalons. Assim, necessitam fazer um esforço para não compartilharem de diversas práticas mundanas, se resumindo a viver asceticamente para a vocação no meio do mundo.

Os membros mais velhos da Comunidade Shalom, os considerados: “jovens a mais tempo”, representam a permanência da crença, o enraizamento, pois embora não sejam mais socialmente jovens em idade, ‘buscam manter o espírito alegre e a mente “aberta” para acolher os demais indivíduos. O último nível é onde todos almejam chegar no futuro, na procura pela firmeza vocacional e a vivência de forma mais completa. Dessa feita, eles são por muitos, tidos como exemplo e alguém a quem se pode recorrer para buscar conselhos, por ser mais experiente e por ter uma forma de vida ascética admirável perante todos.

Considerações Finais

Tendo considerado o estudo sobre a ascese extramundana *versus* ascese intramundana no catolicismo contemporâneo no que se refere a elementos da teodiceia e das experiências compartilhadas por membros de Vida e Aliança da Comunidade Shalom na cidade de Campina grande/PB é possível entender as significativas mudanças quanto à percepção do ser católico ao longo dos tempos.

A especial atenção dada aos jovens permitiu uma abertura ao novo, ao moderno, sem romper com os dizeres tradicionais presentes nas escrituras bíblicas cristãs. E em meio à secularização, onde as novas gerações se produzem e reproduzem, o catolicismo encontra formas de se manter vivo, adaptando-se as expectativas humanas mais novas e conquistando os seres que buscam espaço e aceitação no mundo em meio as suas vivências comunitárias e individuais espirituais ascéticas.

Se por um lado existiram a princípio duas polaridades católicas, a radicalidade da vivência ascética cristã com o enclausuramento em conventos/monastérios; e a rotinização dela, como a simples frequência a missas, hoje, ‘o exercício das ações voltadas ao espírito permite aproximá-las por meio da existência das comunidades católicas de Vida e Aliança, na quais se oferecem os dois tipos de ascetismo em uma mesma instituição. Ambos requerem níveis de dedicação e responsabilidade maiores do que o encontrado entre os ‘católicos nominais’, mobilizando de forma intensa o sentido e o sentimento de vocação.

O caso da CCVAS, cuja característica é voltada para a alegria e os jovens em busca da introdução do novo, acessível a todas as camadas, se distanciando do que os jovens consideram como “careta”, ultrapassado ou chato, oferecendo eventos nos quais as expressões humanas de comemoração, de festividade são aceitáveis, em uma vivência comunitária que dá voz aos leigos, constitui mais um exemplo de como a Igreja Católica tem se reinventado para reagir aos novos cenários de competição no mercado religioso e mesmo com o fora dele.

Consideramos então, a aproximação do exercício da comunidade de Aliança com o que o sociólogo Max Weber entende por ascese extramundana e intramundana – respectivamente nos casos da CV e da CA. Na primeira, exige-se uma ‘saída do mundo’ na segunda, os sujeitos se associam a comunidade mas continuam a viver ‘no mundo’, junto da sua família, trabalhando, estudando e separando um espaço na sua rotina para a dedicação à CCVAS e suas atividades.

Os da comunidade de Vida se aproxima do que Weber entende como ascese extramundana. Esse tipo de vivência consideramos ser semelhante aos praticados nos conventos católicos, em uma forma de “clausura moderna”, pois, os indivíduos deixam toda sua vida para trás, com o objetivo de viver em comunidade, possuindo também uma rotina regrada. E embora as roupas não sejam os logos vestidos escuros que cobrem todo o corpo e escondem os cabelos, suas vestes são ‘discretas’, para o exercício da vivência da castidade e sobriedade, não podendo ser justas ou curtas, e carregam o seu ‘sinal’ de chamado divino e convertimento à comunidade, o “TAU”, vivendo as regras primordiais de castidade, pobreza e obediência.

A comunidade adotou as fases pelas quais passam seus membros tais como ocorre em alguns conventos, adaptando tais processos nas etapas do Postulantado, do Discipulado e da Consagração. Passa-se por um extenso processo até se chegar à consagração final, acatando os estados de vida, em suas três possibilidades: O matrimônio, o celibato e o sacerdócio.

Para entendermos o exercício ascético contemporâneo de membros dessa comunidade, procuramos refletir nesse trabalho sobre as formas de vivência e expressões de tais sujeitos em relação às crenças estabelecidas na CCVAS, o que inclui a submissão às regras comunitárias, às formas de expressão do corpo por meio das vestimentas, do sinal de eleição expresso pelo colar, e as percepções da vocação.

A vocação é definida como um chamado de Cristo, entendendo que não passa unicamente por uma escolha individual, mas do indivíduo e de Deus - ‘Deus escolhe o sujeito Shalom e esse aceita o chamado’ -. Embora a percepção ocorra durante a juventude ou fase adulta, tal escolha é vista como tendo sido feita por Cristo desde o surgimento do indivíduo. Em suas concepções, só mediante o exercício de suas vocações é possível o alcance ‘da felicidade real’.

É possível a observância da existência de modos variados na dedicação da vida ascética. Quando há exclusividade nas atividades rotineiras da CCVAS há uma preponderância maior da incorporação do carisma comunitário.

No catolicismo atual, os exercícios ascéticos passaram por adaptações às necessidades e condições humanas. É possível existir a reflexão, a partir dos estudos das escrituras bíblicas e práticas com objetivos da inculcação de moralidades dentro do ‘mundo’ conjugadas as ‘intenções de salvação do espírito’ em um plano extramundano. Em nosso estudo, entre grande parte dos jovens participantes da CCVAS, a motivação, o despertar da vocação aconteceram por meio de atividades festivas. Muitas vezes vem primeiro do que o

conhecimento consistente do sentido das ações referidas à prática dos ideais católicos nela propostos. Ao contrário, entre os membros que chegam mais velhos à CCVAS, inicialmente eles conhecem e exercem práticas católicas tradicionais para depois despertarem par o carisma da CCVAS.

Embora a comunidade se denomine voltada aos jovens, os membros mais velhos também são bem aceitos. Aqueles que envelhecem dentro da comunidade, recebem o reconhecimento, valorização pela persistência na fé católica e no carisma shalom, muitas vezes recebendo funções de maior responsabilidade e confiança, como a de coordenador comunitário. Os shalomitás mais velhos são considerados “jovens há mais tempo”, sendo vistos como capazes de orientar os demais que estão iniciando na caminhada e os aconselharem.

Se por um lado existe muito a prática da coletividade semelhante à vivência em família, por outro há o incentivo também do exercício individual ascético e ligação com o divino. Visto que eles possuem momentos de oração individual, seja na capela do centro evangelizador, seja antes de dormirem. Particularmente entre os membros da CV, pois esses guardam as manhãs em silêncio, para a escuta de si, da busca do autoconhecimento, da autopercepção, junto à percepção da presença de Deus.

Portanto, embora haja diferença quanto ao grau de dedicação diária entre as duas modalidades que dividem a comunidade Shalom, em graus de exclusividade, radicalidade (CV); e de esforço constante para o exercício de suas funções em meio à comunidade (CA), ambos fazem cumprir um mesmo carisma, possuindo características de humor, atividades e representatividades semelhantes, assemelhando-se na busca de cumprir os ‘conselhos evangélicos’, e se unindo sempre que necessário para fazer valer seus objetivos de evangelização.

Referências

- AGUILLAR, Luciana Fonseca de. **Rejeição e adaptação ao mundo: O caso da Comunidade Católica Shalom**. Brasília: Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CSORDAS, Thomas. **Language, carism and creativity**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1996.
- DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Martins Fontes. São Paulo, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GOMES, Sandro dos Santos. **As novas comunidades católicas: rumo a uma cidadania renovada**. Dissertação apresentada Ao Mestrado em Sociologia da PUC, 2008.
- GUERRA, Lemuel. **Mercado religioso no Brasil: competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião**. João Pessoa: Ideia, 2003.
- GUTIÉRREZ, Jorge Luis Rodríguez. A filosofia mística de Teresa de Ávila. *In: Revista Caminhando*, vol. 8, n. 1 [11], 2003, pp. 127- 152.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *In. Religião e sociedade*, v. 18, n.1. Rio de Janeiro, 1997.
- IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**, 2010. Resultado dos Dados Preliminares do Censo – 2010. www.ibge.gov.br.
- MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. **Tempo social** [online], nov. 2005, vol. 17, n. 2, p. 253-273. Disponível em www.scielo.br [Acesso em julho de 2018].
- SENEDA, C.; CUSTÓDIO, H. F. F. **Max Weber: religião, valores, teoria do conhecimento**. Uberlândia: EDUFU, 2016.
- SILVA, Patrick César da. **Vivendo em Comunidade: Formas de sociabilidade e sentimento de pertença no catolicismo contemporâneo**. João Pessoa, UFPB, 2012.
- SOLANO, Alexandre Francisco. A ESCRITA DE UMA VIDA: São Francisco de Assis, entre a história e a ficção. *In: Travessias Interativas*, VI Edição, 2º Semestre de 2013.
- SOUZA, Ronaldo José de. **Carisma e instituição: Relações de poder na renovação carismática católica do Brasil**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, 2010.

SOUZA, Ronaldo José de. **COMUNIDADE E SOCIEDADE INFORMACIONAL: O fenômeno comunitário contemporâneo a partir da Comunidade Midiática Canção Nova**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, 2013.

TEIXEIRA, Faustino. **Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo**. Revista USP, São Paulo, n.67, p.14-2, Set/Nov, 2005.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

----- . **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. 2. Vol. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa São Paulo: Editora UnB, Imprensa Oficial, 2004b.

Sites

<http://www.comunidadeshalom.org.br>[Acesso entre Abril e Maio de 2018].

ANEXOS

Roteiro I

Entrevista com membros da Comunidade Católica Shalom – membros da CV Campina Grande/PB

1. Como se deu sua entrada na Comunidade Católica Shalom?
2. Qual foi o seu maior desafio na Shalom?
3. Teve dificuldade de adaptação?
 - 3.1. Se sim, quais?
4. O que mudou na sua vida ao fazer parte da Shalom?
5. Como era sua vida antes da Shalom?
6. Com relação às vestimentas, algo mudou?
7. Houve mudanças com relação ao modo de falar?
8. Houve mudanças com relação à frequência à ambientes?
9. Houve mudanças nas amizades?
10. A sua relação com a família mudou?
11. Sua família aceitou facilmente a sua inserção na comunidade?
12. Como é combinar rotina de trabalho com as atividades e a vida na comunidade?
(Comunidade de Aliança).
13. A seu ver, quais são as vantagens e desvantagens de ser Shalom?
14. Como você define o papel do católico no mundo?
15. Como você descreveria os tipos de identidades católicas atuais?
16. Qual o Carisma da Comunidade Shalom?
17. Como você definiria a identidade de um membro da Comunidade Shalom?
18. O que você considera que diferencia um participante da Shalom de outros católicos?
19. Qual sua opinião sobre os Conventos/Mosteiros?
20. Qual sua opinião sobre seminários de preparação de padres?
21. Quais restrições em termos de regras de comportamento são estabelecidas na Shalom?

Roteiro II

Entrevista Com Membros da Comunidade Católica Shalom – Campina Grande/PB

Questionário Sócio- Cultural Aplicado a membros da *Comunidade de Aliança*

Nome (Opcional) _____

Idade _____

Cidade de origem _____

Profissão (caso tenha) _____

Sexo:

() Feminino () Masculino

Mora em Campina Grande?

() Sim () Não

Você estuda?

() Sim () Não

Caso sim, o que? _____

Situação na Comunidade Católica Shalom:

() Membro da Obra () Postulante () Discípulo () Consagrado

Observação: _____

Escolaridade:

Ensino fundamental()

Ensino médio completo()

Ensino médio incompleto()

Ensino superior completo()

Ensino superior incompleto()

Pós-graduação()

Outro: _____

Qual o seu discernimento para os Estados de vida?

() Matrimônio () Celibato () Sacerdócio () Ainda em Descoberta

Qual o seu estado civil?

() Casado () Solteiro () Outro

Observação: _____

Caso tenha marcado a opção casado, responda as três perguntas seguintes:

Você era casado(a) antes de entrar para a comunidade?

() Sim () Não

O seu conjugue também faz parte da Comunidade?

() Sim () Não

Você conheceu o seu cônjuge na Comunidade?

() Sim

() Não

() Sim, porém em outra comunidade

() Não, porém, conheci na igreja.

Você tem filhos?

() Sim () Não

Seus pais são Católicos?

() Sim () Não () Apenas minha mãe () Apenas meu pai () Não sei

Você mora com seus pais?

() Sim () Não

Observação: _____

Seus pais são casados?

() sim () não () Não sei

Observação: _____

Seus pais são divorciados?

() Sim () não () Não sei

Profissão do pai (caso tenha/saiba) _____

Profissão da mãe (caso tenha/saiba) _____

Escolaridade do pai:

Ensino fundamental ()

Ensino médio completo ()

Ensino médio incompleto ()

Ensino superior completo ()

Ensino superior incompleto ()

Pós-graduação ()

Não sei ()

Outro _____

Escolaridade da mãe:

Ensino fundamental ()

Ensino médio completo ()

Ensino médio incompleto ()

Ensino superior completo ()

Ensino superior incompleto ()

Pós-graduação ()

Não sei ()

Outro _____

Você foi sempre católico?

() Sim () Não

Você já pertenceu a alguma outra comunidade antes de fazer parte da Comunidade Shalom?

() Sim () Não

Se sim, qual?

Você Já pertenceu a outra religião?

() Sim () Não

Se sim, qual?

Roteiro III

Entrevista Com Membros da Comunidade Católica Shalom – Campina Grande/PB

Questionário Sócio- Cultural Aplicado a Comunidade de Vida

Nome (Opcional) _____

Idade _____

Cidade de origem _____

Sexo:

() Feminino () Masculino

Situação na Comunidade Católica Shalom:

() Membro da Obra () Postulante () Discípulo () Consagrado

Observação: _____

Escolaridade:

Ensino fundamental()

Ensino médio completo()

Ensino médio incompleto()

Ensino superior completo()

Ensino superior incompleto()

pós-graduação ()

Outro: _____

Qual o seu discernimento para os Estados de vida?

() Matrimônio () Celibato () Sacerdócio () Ainda em Descoberta

Você Tem filhos?

() Sim () Não

Antes de entrar para a Comunidade você morava com os seus pais?

() Sim () Não

Seus pais são Católicos?

() Sim () Não () Apenas minha mãe () Apenas meu pai () Não sei

Seus pais são casados?

() sim () não () Não sei

Observação: _____

Seus pais são divorciados?

() Sim () não () Não sei

Profissão do pai (caso tenha/saiba) _____

Profissão da mãe (caso tenha/saiba) _____

Escolaridade do pai:

Ensino fundamental ()

Ensino médio completo ()

Ensino médio incompleto ()

Ensino superior completo ()

Ensino superior incompleto ()

Pós-graduação ()

Não sei ()

Outro _____

Escolaridade da mãe:

Ensino fundamental ()

Ensino médio completo ()

Ensino médio incompleto ()

Ensino superior completo ()

Ensino superior incompleto ()

Pós-graduação ()

Não sei ()

Outro _____

Você foi sempre católico?

() Sim () Não

Você já pertenceu a alguma outra comunidade antes de fazer parte da Comunidade Shalom?

() Sim () Não

Se sim, qual? _____

Já pertenceu a outra religião?

() Sim () Não